



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS – UACS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

CÍCERO DE SALES SILVA

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO ESPORTE:
A CULTURA FUTEBOLÍSTICA NA CIDADE DE CAJAZEIRAS – PB
(1920-1990)

CAJAZEIRAS – PB
2022

CÍCERO DE SALES SILVA

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO ESPORTE:
A CULTURA FUTEBOLÍSTICA NA CIDADE DE CAJAZEIRAS – PB
(1920-1990)**

Monografia apresentada a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Graduação em Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos

CAJAZEIRAS – PB
2022

S586h Silva, Cícero de Sales.
Histórias e memórias do esporte: a cultura futebolística na cidade de
Cajazeiras - PB (1920-1990) / Cícero de Sales Silva. - Cajazeiras, 2022.
93f.: il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos.
Monografia (Licenciatura Plena em História) UFCG/CFP, 2022.

1. História do futebol. 2. Cajazeiras - PB. 3. Memória. 4. Futebol
paraibano. 5. Futebol cajazeirense. I. Ceballos, Rodrigo. II. Universidade
Federal de Campina Grande. III Centro de Formação de Professores. IV.
Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 796.332(813.3)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

CÍCERO DE SALES SILVA

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO ESPORTE:
A CULTURA FUTEBOLÍSTICA NA CIDADE DE CAJAZEIRAS – PB
(1920-1990)**

Monografia apresentada a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Graduação em Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de licenciado em História.

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rodrigo Ceballos
Orientador
Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr.
Membro
Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr.
Membro
Universidade Federal de Campina Grande

CAJAZEIRAS – PB
2022

Dedico este trabalho, bem como todas as minhas conquistas, em especial a minha mãe, pois ela foi a principal incentivadora quando eu pensei em desistir. Ao meu pai, a minha irmã e ao meu irmão que de maneira muito atenciosa me deram forças e conselhos nos momentos de dificuldades. Sem seus apoios e incentivos, esse objetivo não se tornaria realidade.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por ter me dado forças e sapiência para seguir em frente e vencer todas as dificuldades, pois sem ele não somos nada. Foi ele que me deu a oportunidade de chegar até aqui.

Agradeço a minha família e aos meus colegas da turma 2015.2 do Curso Licenciatura Plena em História, que estiveram do meu lado durante todo esse percurso.

Agradeço ao Professor Dr. Rodrigo Ceballos, por aceitar o desafio de me orientar neste trabalho e por ter tido paciência comigo nos momentos difíceis. Sua orientação foi de fundamental importância no desenvolvimento do meu aprendizado e na produção desse trabalho, pois todo o conhecimento transmitido por ele ajudou-me a compreender o caminho que se deve seguir na produção de um trabalho acadêmico na área de História.

Agradeço a todos os professores do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), por terem me ensinado muitas coisas aumentando o meu conhecimento e sabedoria para que eu possa compartilhar, futuramente, esse aprendizado com outras pessoas.

Agradeço ao Professor Reudesman Lopes Ferreira, por ter me recebido muito bem no Museu do Futebol de Cajazeiras, e com toda atenção que teve comigo me ajudou a entender o processo de desenvolvimento do futebol cajazeirense, isso enriqueceu o meu conhecimento sobre este esporte no município. Todo o aprendizado adquirido por meio do seu ensinamento quero transmitir para outras gerações mantendo assim a história desse esporte presente na cultura da cidade.

Por fim, quero agradecer à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), onde tive a honra de ser aprovado, no ano de 2015, para o Curso de Licenciatura Plena em História.

“Ser historiador não é um simples gostar é uma missão. Historiadores são guerreiros sem espadas, porém, armados de livros que lembram ao mundo tudo que ele deseja esquecer. O historiador leva e eleva a voz aos surdos e mudos por conveniência”.

Marluce Persil

RESUMO

Esta pesquisa parte das memórias tecidas por colaboradores sobre o futebol cajazeirense, no estado da Paraíba, para análise de como este esporte se desenvolveu a partir da década de 1920, compreendendo a formação dos principais times, a construção de estádios e de grupos sociais que contribuíram para a prática cotidiana desta modalidade esportiva no município. Para a realização desta monografia estudamos dissertações, obras e textos que abordam a história do futebol em uma perspectiva nacional, até chegarmos a elementos mais específicos da cidade de Cajazeiras analisando personagens históricos, curiosidades descritas e eventos que criaram uma memória para esta prática cultural na referida cidade. A metodologia utilizada foi a da história oral, que somada à revisão bibliográfica do livro “História do Futebol de Cajazeiras” (2015) buscamos identificar as estratégias de construção de uma monumentalização da história do futebol local. Utilizamos especialmente o depoimento do senhor Reudesman Lopes Ferreira para refletirmos sobre o futebol de Cajazeiras ao analisar a história desse esporte e sua importância cultural para o município. Para o período de 1920 a 1990 buscamos compreender as transformações culturais e políticas ocorrida na prática futebolística, as conquistas das equipes locais, a política envolvida na construção dos estádios e o profissionalismo do futebol cajazeirense. A partir de memórias coletivas, este estudo é fundamental para compreendermos a importância que esse esporte teve na cultura cajazeirense.

Palavras-chave: História do futebol, memória, Cajazeiras – PB.

ABSTRACT

This research starts from the memories made by collaborators about football from Cajazeirense, in the state of Paraíba, to analyze how this sport developed from the 1920s, including the formation of the main teams, the construction of stadiums and social groups that contributed for the daily practice of this sport in the city. To conduct this monograph, we studied dissertations, works and texts that approach the history of football in a national perspective, until we reach more specific elements of the city of Cajazeiras, analyzing historical characters, described curiosities and events that created a memory for this cultural practice in that City. The methodology used was that of oral history, which added to the bibliographic review of the book “História do Futebol de Cajazeiras” (2015) we seek to identify the strategies for building a monumentalization of the history of local football. We especially used the testimony of Mr. Reudesman Lopes Ferreira to reflect on football in Cajazeiras when analyzing the history of this sport and its cultural importance for the municipality. For the period from 1920 to 1990, we seek to understand the cultural and political changes that occurred in football practice, the achievements of local teams, the politics involved in the construction of stadiums and the professionalism of Cajazeirense football. From collective memories, this study is essential to understand the importance that this sport had in the culture of Cajazeirense.

Keywords: History of football, memory, Cajazeiras – PB.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Campo de futebol do Colégio Diocesano Pio X.....	25
Figura 2 – Primeiro campo de futebol de Cajazeiras – PB.....	31
Figura 3 – Camisa do primeiro time de futebol de Cajazeiras – PB.....	32
Figura 4 – Vestiário do Estádio 8 de Maio em 1950.....	38
Figura 5 – Sérgio David ao lado dos troféus conquistados pelos times em que atuou....	43
Figura 6 – Troféu conquistado pelo Atlético Cajazeirense de Desportos em 1959.....	48
Figura 7 – Jogadores do Atlético Cajazeirense de Desportos com a faixa de Campeão municipal em 1959.....	49
Figura 8 – Jornal noticiando o sucesso da equipe do Quixadá FC.....	54
Figura 9 – Pontapé inicial na inauguração do novo estádio de futebol de Cajazeiras.....	62
Figura 10 – Estádio Perpétuo Correia Lima.....	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I	
O FUTEBOL: SUA DIFUSÃO E REFLEXÕES A PARTIR DA HISTÓRIA.....	14
1.1 Um olhar sobre a história do futebol no Brasil.....	14
1.2 O Futebol na Paraíba: a grande paixão do povo brasileiro.....	20
1.3 Abre o jogo: Cajazeiras entra em campo.....	28
CAPÍTULO II	
SOBRE O FUTEBOL DE CAJAZEIRAS: A HISTÓRIA ATRAVÉS DOS TIMES.....	34
2.1 Aspectos do desenvolvimento do futebol em Cajazeiras.....	34
2.2 O Tabajaras Sport Club.....	42
2.3 Santos Esporte Clube e suas denominações.....	44
2.4 O Atlético Cajazeirense de Desportos e seus feitos históricos.....	47
CAPÍTULO III	
O CRAQUE DO FUTEBOL CAJAZEIRENSE: UMA HISTÓRIA A SER CONTADA.....	53
3.1 A história de Perpétuo Correia Lima.....	53
3.2 O futebol profissional em Cajazeiras e o estádio de futebol.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69
APÊNDICE I – ENTREVISTA.....	72

APÊNDICE II – ACERVOS DO MUSEU DO FUTEBOL DE CAJAZEIRAS.....	89
---	-----------

ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE.....	92
---	-----------

INTRODUÇÃO

A relevância da cultura do futebol nas sociedades contemporâneas, não permite mais que ele seja ignorado enquanto objeto para estudos históricos. A produção de uma memória coletiva e afetiva mantida por boa parte da população da cidade de Cajazeiras comprova a importância do futebol enquanto uma prática significativa na cultura da cidade.

Nosso estudo problematiza quais foram os aspectos sociais, políticos e econômicos que representaram o desenvolvimento do futebol no município de Cajazeiras, entre os anos de 1920 e 1990. Procuramos compreender este esporte numa perspectiva histórica, por meio do uso da história oral. Sabendo que há memórias sobre disputadas partidas, títulos conquistados, jogadores habilidosos, fundação e falências de times, dirigentes políticos envolvidos na profissionalização deste esporte na cidade, buscamos problematizar a trajetória do futebol de Cajazeiras ao longo do tempo, enfatizando diversos elementos.

Como traduzir essas histórias? Como analisar as suas memórias? Como construir uma narrativa? Quais os elementos que representam o desenvolvimento do futebol de Cajazeiras?

Um dos grandes desafios desta pesquisa foi a ausência de registros mais precisos do surgimento do futebol em Cajazeiras. A maior parte das informações disponíveis foi obtida por meio da leitura de relatos de memórias, como a obra “A(s) Cajazeiras que eu vi e onde vivi” de Antônio Assis Costa (1986), mais conhecido por “Tota Assis”. Segundo esse autor o futebol chegou em Cajazeiras por meio dos norte-americanos que vieram trabalhar em obras no combate às secas aqui no sertão paraibano. Nesse período, na década de 1910, Cajazeiras encontrava-se diante de signos de progresso, com o desenvolvimento do comércio e, das transformações urbanas; mas também de elementos culturais: o futebol foi um deles e transformou-se numa novidade na urbe.

No Brasil, o futebol foi inicialmente praticado por funcionários de empresas estrangeiras que atuavam no país na época em que foi introduzido. No início foi um esporte elitista, ou seja, praticado somente por pessoas da elite. No exercício cotidiano e sua popularização, foram surgindo times e competições e isso exigiu a presença de um maior número de interessados na prática deste esporte. Nesse cenário, pessoas de outros grupos sociais começaram a ter acesso à prática do futebol e nele se destacaram. Na medida em que diferentes grupos da sociedade brasileira começaram a ter acesso a esse esporte, o futebol foi se popularizando e se espalhou para vários lugares do país. No estado da Paraíba, o futebol começou a ser praticado no século

XX quando jovens da elite saíram do estado para estudar em grandes capitais de outros estados brasileiros. Nestes locais tiveram contato com a prática do futebol e trouxeram essa novidade para o território paraibano.

Segundo o prof. Reudesman Ferreira, que foi o nosso entrevistado, a prática do futebol em Cajazeiras inicia-se durante a década de 1910 nos canteiros das obras do açude Engenheiro Ávidos. Durante esse período e início dos anos 1920, a cidade estava passando por um momento de modernização com a chegada da estrada de ferro, dos automóveis, do teleférico, do cinema e o desenvolvimento do comércio. O futebol também fez parte desse processo porque foi uma novidade para as pessoas que residiam na urbe, onde surgiram os primeiros times, a Liga Cajazeirense de Desportos e a realização de competições.

O interesse pessoal para este estudo se ancora na minha paixão pelo futebol, desde criança, ao assistir jogos pela TV, presenciar meu pai ouvindo transmissões pelo rádio de jogos do Atlético Cajazeirense de Desportos, e, principalmente, frequentar os estádios e os espaços onde o futebol foi inicialmente praticado nesta cidade. O futebol, como em muitas outras cidades do Brasil, é muito popular em Cajazeiras. Este aspecto é evidenciado na atualidade, pois muito do que se vê são jovens praticando esse esporte na rua, na escola e nos campinhos dos bairros. Além do interesse pessoal, em razão do futebol estar presente na minha memória individual, carregada de afetividade, a escolha do tema se deu após constatar que até o momento este esporte ainda não foi pensado pela produção memorialística, bem como pela historiografia local. Depois da realização da leitura do livro de memórias de Antônio Assis Costa (1986), onde o autor recorda sua infância e momentos vividos por ele na cidade de Cajazeiras, constatei que o futebol não foi pensado como um ponto de partida para a problematização da história do esporte no local. Assim, a importância desta monografia será contribuir para a historiografia do futebol em Cajazeiras e pensar os elementos que representam o desenvolvimento deste esporte no município.

A prática do futebol no Brasil vem se desenvolvendo desde 1894, ano da sua chegada, e tornou-se um objeto integrado à cultura popular que conquistou pessoas de vários estados, inclusive da Paraíba, e em especial da cidade de Cajazeiras, localizada no sertão do referido estado. Segundo Coelho (2016, p. 16):

Ainda que o futebol seja só um jogo, a produção de significados que ele carrega o coloca em uma posição privilegiada em questões culturais. É um esporte que tem a força de influenciar questões da vida urbana, provocar grandes transformações no espaço público, expressar e representar o poder, além de mobilizar a sociedade, seja através de um sentimento nacionalista ou de identificação com seu clube local.

Do ponto de vista metodológico, além do levantamento bibliográfico sobre a história do futebol no Brasil, Paraíba e Cajazeiras, destacamos que este trabalho se utilizou principalmente da fonte oral, realizando-se a entrevista com o prof. Reudesman Lopes Ferreira, ex-preparador físico do Atlético Cajazeirense de Desportos e ex-presidente da Liga Cajazeirense de Desportos. Ele trouxe informações relevantes acerca da organização e de elementos que compõem a história do futebol de Cajazeiras. Tomando as considerações de Alberti (2008), Le Goff (1990) e Albuquerque Jr. (1994) como referência para este trabalho, realizamos a entrevista com o professor no dia 02 de agosto de 2021. A respeito do estudo com História Cultural utilizamos os conceitos de Certau (1994) para relacionarmos o futebol como elemento que faz parte de uma cultura.

Desse modo, o objetivo desta pesquisa é refletir sobre a presença do futebol na cidade de Cajazeiras, buscando entender as transformações neste esporte e o seu desenvolvimento dando-se ênfase principalmente nas décadas de 1940, 1960, 1970 e 1980: épocas em que, de acordo com o depoimento do entrevistado, ocorre o surgimento das principais equipes, da realização de eventos e da transição do futebol amador para o profissional no município de Cajazeiras.

O estudo com a história oral nos deixa diante de inúmeras possibilidades para a pesquisa histórica. Alberti (2008, p. 166) destaca que “esta riqueza da História Oral está evidentemente relacionada ao fato de ela permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais”. Ou seja, trabalhar com fontes orais nos permite entender como as pessoas veem os acontecimentos e como elas enxergam aquilo através de suas experiências.

Neste sentido, esta monografia está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo abordou a narrativa hegemônica sobre a chegada do futebol no Brasil, sua introdução na Paraíba e sua chegada à cidade de Cajazeiras. Além disso, discutimos teoricamente a relação entre memória e história oral a fim de refletirmos as falas exploradas na entrevista. Para esta primeira etapa foram utilizadas as obras de Cunha (1993), Netto (2002), Murad (1996), Rosenfeld (1993), Drumond (2002), Negreiros (1998), Damatta (1994) e a monografia de Silva (2019), todos esses autores discutem como o futebol foi introduzido no Brasil, os elementos que representam este esporte no país e como ocorreu sua disseminação. A respeito da introdução do futebol na Paraíba foi utilizado o livro de memórias de Marques (1975) e a dissertação de Souza (2014), onde discutimos a chegada do futebol na Paraíba e como foi o início de sua prática no estado. Sobre o futebol de Cajazeiras utilizamos o livro “História do Futebol de Cajazeiras” escrito por Ferreira (2015). Para a história do município utilizamos as obras de memorialistas como Costa (1986) e Leitão (2000), que trazem informações sobre os elementos

que estiveram presente nos primeiros anos da história de Cajazeiras. Além disso, foram utilizadas a monografia de Oliveira (2015) e a tese de Silva Filho (1999) para reforçamos nossos argumentos sobre a história do local.

No segundo capítulo, o nosso foco foi apresentar os elementos que representam o desenvolvimento do futebol de Cajazeiras, a contribuição de seus personagens (políticos, dirigentes, colaboradores) e a história dos principais times (Tabajaras Sport Club, Santos Esporte Clube e, Atlético Cajazeirense de Desportos). Para essa produção utilizamos a entrevista realizada com Ferreira.

No terceiro capítulo, nosso objetivo foi destacar a história de um dos maiores jogadores de futebol de Cajazeiras e expomos o porquê de o atual estádio de futebol profissional levar seu nome em homenagem. Também discutimos como ocorreu a transição do futebol amador para o profissional e a importância que o jogador Perpétuo teve no futebol da cidade.

CAPÍTULO I

O FUTEBOL: SUA DIFUSÃO E REFLEXÕES A PARTIR DA HISTÓRIA

Ao se escrever a história todo pesquisador se utiliza de elementos indispensáveis para sua produção. Estes elementos ligam nossas inquietações e a temática do objeto em estudo. Neste sentido, as fontes são elementos primordiais nas pesquisas históricas porque através de novos objetos o historiador constrói sua análise e amplia as discussões historiográficas.

Sendo assim, a proposta deste capítulo é situar o leitor no que diz respeito a versão oficial da história que se tem sobre a chegada do futebol no país e como se deu sua disseminação e popularidade na sociedade. Ao analisarmos os processos de organização e desenvolvimento deste esporte na cidade de Cajazeiras – PB, percebemos que ainda existem poucas pesquisas e estudos escritos que abarquem uma análise mais detalhada desse fenômeno histórico. O que se tem a respeito da história do futebol no município são informações através de memórias daqueles que estiveram presentes em acontecimentos que marcaram a trajetória do esporte na cidade.

Segundo os apontamentos de Le Goff (1990), a memória, por reter determinadas informações, colabora para que o passado não seja totalmente esquecido, pois ela acaba por capacitar o homem a atualizar informações passadas. Essas memórias, por conterem riquíssimas informações, serão importantes para o desenvolvimento deste trabalho. Diante disso, discutiremos um pouco sobre a história do futebol no país passando pelo estado da Paraíba até chegarmos em um local de estudo mais específico que é a cidade de Cajazeiras – PB.

1.1 Um olhar sobre a história do futebol no Brasil

O futebol é um dos esportes mais populares do mundo. Como sabemos, este esporte teve sua primeira organização na Inglaterra, em 1863, com a fundação em Londres da *Football*

*Association*¹, e logo depois se difundiu para vários lugares do mundo. Muitos pesquisadores consideram que esse esporte chegou ao Brasil no século XIX, quando Charles Miller volta da Inglaterra para o Brasil trazendo nas suas bagagens as primeiras bolas e uniformes para sua prática. As primeiras manifestações deste esporte se deram aos arredores das empresas inglesas que atuavam na cidade de São Paulo na época em que Charles Miller retorna ao país, são nessas empresas que o futebol começa a ganhar alicerce no Brasil, pois são os funcionários delas que praticaram as primeiras partidas de futebol em território brasileiro. Muitos desses funcionários eram de origem inglesa. Mas por quê Charles Miller é considerado o patrono do futebol brasileiro por alguns historiadores? Nas leituras que realizamos e análises feitas foi possível perceber que muitos registros mostram Miller como o principal incentivador deste esporte no país porque contribuiu no processo de popularização do futebol criando competições, apitando jogos com o conhecimento que ele tinha adquirido na Inglaterra, ajudou na fundação de clubes, além de ter sido um jogador de extrema qualidade. Todos esses fatores tornaram Miller muito conhecido na mídia nacional o que ocasionou sua hegemonia na narrativa dessa história do futebol no país.

Segundo Cunha (1993) o primeiro jogo válido em uma competição no território brasileiro ocorreu no dia 3 de maio de 1902. Este foi o primeiro evento oficial na história do futebol no Brasil. Outro fato que merece destaque nesse contexto de desenvolvimento do futebol no país é a criação do primeiro estádio de futebol adaptado no velódromo paulistano que se tornou o palco de partidas memoráveis por aqueles que estiveram presentes nos jogos.

Este esporte, no início da sua prática, era realizado somente por pessoas da elite, ou seja, só participava quem fosse da alta sociedade. Estava vedada a participação dos negros e de pessoas pobres. Esse foi um dos fatores que de início prejudicou a popularização do futebol no Brasil. No entanto, mesmo que tenha sido um esporte que esteve atrelado somente a pessoas da elite, aos poucos foi se disseminando entre a própria sociedade brasileira, fato que ocasionou a formação de times e o começo de sua popularização. Como afirma Silva (2019, p. 25):

A popularização do futebol no Brasil começou por volta da década de 1910, quando clubes de origem operária começaram a surgir, como o Corinthians, em São Paulo e o Bangu, no Rio de Janeiro, o futebol passou a se popularizar entre pessoas de baixa renda, começando, assim, o futebol a virar o esporte mais popular do Brasil.

¹ Entidade responsável por organizar o Futebol na Inglaterra e é a mais antiga associação de futebol do mundo, além disso, foi responsável por formular as primeiras regras deste esporte. (SILVA, 2019, p. 20).

A formação desses clubes foi essencial para a disseminação do futebol na sociedade brasileira, pois foi através deste esporte e dos clubes que muitas pessoas da baixa sociedade começaram a se destacar por meio de seus talentos e habilidades, inclusive, os próprios negros também ganharam destaque e passaram a fazer parte de muitos clubes. Esses clubes de futebol surgiram em grande escala, respectivamente, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Neste contexto, além de Charles Miller, outro grande desportista se destacou bastante no desenvolvimento do futebol no país. Refiro-me: a Oscar Cox, membro da elite carioca, que ajudou na fundação de muitos clubes no Rio de Janeiro, entre eles o Fluminense. A primeira partida oficial organizada no estado fluminense teve a presença dessa equipe fundada por Cox. Para Netto (2002), tanto o trabalho de Miller em São Paulo, quanto o de Cox, no Rio de Janeiro, foram as bases para que o futebol ganhasse força no Brasil e se tornasse uma “paixão nacional”².

No ano de 1915 foi criada a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) que teve a finalidade de organizar o futebol brasileiro que estava em processo de desenvolvimento. Esta confederação, entretanto, ainda não era reconhecida oficialmente pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) e isso era algo que impedia a participação do futebol nacional em vários torneios importantes. Entretanto, em 1917, a FIFA reconheceu a Confederação Brasileira de Desportos como a única entidade oficial de futebol no Brasil. Esse marco abriu as portas para que o futebol brasileiro começasse a se destacar fora do país, mas ainda existia o problema de acesso de todos os brasileiros à prática do futebol, pois poucos tinham conhecimento desse esporte. A elite representava o maior contingente da sociedade brasileira detentora do saber futebolístico. Esse tipo de preconceito por parte da elite brasileira, no que diz respeito ao acesso de pessoas negras e da classe de baixa renda a esse esporte, fez com que o futebol brasileiro permanecesse durante muito tempo no amadorismo. Esta situação começou a mudar quando ocorreu a fundação de muitos clubes, das ligas que organizavam essa modalidade esportiva e as realizações de competições. Tudo isso exigiu a presença de mais jogadores para compor as equipes e foi justamente nesse contexto que vários desportistas amadores se destacaram, inclusive, os negros quando passaram a ter acesso a esta prática esportiva.

Por volta de 1920, o futebol brasileiro ganhou impulso na sua popularização e democratização, onde pessoas de diferentes camadas sociais começaram a ter um acesso maior a este esporte, fato que tornou o futebol em uma modalidade esportiva apaixonante para os brasileiros. O Vasco da Gama, equipe do estado do Rio de Janeiro, foi o primeiro clube futebolístico na história do Brasil que aceitou a presença de negros na prática esportiva. Tal

² Para mais informações aprofundadas sobre o futebol enquanto paixão do povo brasileiro consultar: Damatta (1994, p. 12).

marco contribuiu para que outros times vissem aquilo como algo que tivesse valor, porque essa equipe saiu-se vitoriosa no campeonato realizado em 1923, em que pardos se destacaram através de habilidades que evitaram o avanço da equipe rival para o gol. As suas habilidades ficaram conhecidas historicamente como “drible”.

A respeito dessa cultura de jogo, Murad (1996) destaca o drible como a representação de uma identidade brasileira:

Esta redução dos espaços dentro das “quatro-linhas”, subproduto de sua situação social, obrigou os negros a jogarem com mais ginga, com mais elasticidade do corpo, com mais habilidade, evitando, assim, o contato físico (mesmo que involuntário) condenatório e determinando um singularíssimo processo (estético) de reinvenção dos espaços, o que caracteriza a chamada “escola brasileira”.

Estas habilidades comprovam o tanto que os negros, tão marginalizados na sociedade, eram talentosos e o quanto eles contribuíram para o desenvolvimento cultural do futebol em nosso país, ao mesmo tempo em que se criou uma representação de sua genialidade em torno dessa modalidade esportiva. O futebol, “importado” da Inglaterra, aos poucos foi ocupando seu espaço entre as camadas sociais e com o passar dos anos se tornou uma atividade esportiva apaixonante dos brasileiros. Conforme este esporte foi se disseminando na sociedade, criou-se uma divergência entre os envolvidos nesse processo de desenvolvimento do futebol: uma parte deles queriam o profissionalismo, enquanto outros defendiam o amadorismo. A Confederação Brasileira de Desportos, oficializada em 1917, queria a permanência do amadorismo, entretanto, muitos clubes queriam o profissionalismo porque isso seria uma maneira de valorizar seus jogadores que eram muito habilidosos a exemplo de Domingos da Guia e Leônidas da Silva, dois craques do futebol brasileiro. Domingos da Guia, além de ter se destacado jogando em clubes brasileiros, também se destacou em times no exterior jogando pelo Nacional de Montevideú no Uruguai e pelo Boca Juniors da Argentina. Já Leônidas ficou muito conhecido por popularizar o lance identificado como “bicicleta” no futebol no qual marcou vários gols ao longo de sua carreira.

Muitos jogadores clamavam para exercerem sua profissão no futebol. Esse processo foi marcado por disputas, pressões e reivindicações tanto no campo político como também social. Essas manifestações, tornaram-se mais fortes durante o governo do Presidente Getúlio Vargas, que em 1931 estabeleceu a legislação social e trabalhista na qual incluiu o jogador de futebol no rol das profissões que deveriam ser regulamentadas a partir daquele período. Esse

posicionamento do governo Vargas foi importante porque muitos jogadores desejavam profissionalizar-se e através do futebol poderiam buscar um meio de sobrevivência.

Segundo Rosenfeld (1993, p. 84):

A evolução do futebol profissional no Brasil é um exemplo clássico da gravitação inevitável de uma trajetória que está ligada ao jogo como espetáculo de massa. Quanto maiores eram as multidões que aderiam ao futebol, tanto mais a popularidade e a importância de um clube dependiam do desempenho de suas equipes de futebol. Estas tornaram-se as vitrinas dos clubes, que, como instituições sociais e em geral esportivas, concentravam interesses financeiros cada vez maiores.

Essa transição do futebol amador para o profissional no Brasil, foi marcado por um processo lento e dificultoso. Além disso, devemos destacar que a conquista do primeiro título sul-americano pelo Brasil, em 1919, e a grande presença de torcedores entusiastas nos estádios são dois grandes fatores que contribuíram para a transição do futebol amador ao profissional no país. Embora, esse processo tenha sido lento, o desejo de muitos desportistas e jogadores foi alcançado, em 1933, quando o futebol profissional passou a ser oficializado no país.

Getúlio Vargas buscou maneiras de transformar o esporte em um elemento de mediação entre estado e sociedade. Pela primeira vez na história o governo designou aparelhos que tinham como objetivos patrocinar, organizar e controlar as atividades esportivas. Outro aspecto importante que nós devemos ressaltar que ocorreu durante o governo Vargas é a formação eugênica da juventude que daria origem a um novo homem nacional, no qual buscou-se por meio da educação física formar jovens fisicamente bem-preparados. Esses “jovens sadios” para o governo seriam a representação de uma nova nação, ou seja, o regime varguista se apresentava como um elemento produtor de uma nova raça forte e bem constituída. As festas cívicas realizadas nos estádios de futebol foi outra maneira que o governo buscou aproximar a sociedade ao esporte criando uma imagem daquilo que seria “algo novo” e que representava um futuro longo para todos os brasileiros. Nesse sentido, Drumond (2009, p. 417) aponta essa relação do presidente Getúlio Vargas com o futebol afirmando que: “A utilização dos centros de espetáculos esportivos foi uma das principais estratégias de aproximação simbólica entre seu governo e o esporte”.

A vitória que a seleção brasileira de futebol obteve sobre a seleção do Uruguai em 1932 na conquista da Copa Rio Branco já apresentava o amor que estava sendo despertado nos brasileiros, pois quando a equipe retornou ao país foi recebida com muita adoração no Rio de

Janeiro. O mesmo aconteceu ao final da Copa de 1938, que mesmo ocupando a terceira colocação na competição, a seleção foi recebida com muita festa no país.

Para Drumond (2009, p. 402):

Era exatamente por esse clima festivo, de louvor à pátria, que o esporte fascinava os líderes do regime. A mobilização gerada pelo esporte, majoritariamente pelo futebol, no Brasil – foi também vivenciada durante as disputas dos campeonatos Sul-Americanos, da Copa Roca e da Copa Rio Branco, durante toda a Era Vargas.

A participação da seleção brasileira na Copa de 1938, realizada na França, foi um momento marcante na história do futebol nacional, pois uniu o povo brasileiro na torcida por um bom desempenho da seleção e contribuiu no fortalecimento do desejo de transformar o país em uma nação respeitada no cenário mundial. Além disso, devemos destacar que a mobilização da população em torno do esporte só foi possível graças ao desenvolvimento dos meios de comunicação como uma propaganda política, ou seja, o governo buscou através desses aparelhos criar uma imagem de que o sucesso do esporte era o reflexo do sucesso nacional. Diariamente, o futebol esteve presente na TV, nos rádios, nas capas de jornais, bem como se tornou uma diversão de jovens e crianças. Durante o período que estava ocorrendo a Copa de 1938 com Leônidas da Silva fazendo uma grande atuação, o governo Getúlio Vargas esteve a todo momento colhendo e divulgando pelos meios de comunicação os momentos de boa campanha da seleção brasileira. Isso construiu o orgulho cívico do povo que comemorava cada vitória da seleção como se fosse uma conquista de toda a nação, ou seja, por meio da propaganda política Vargas buscou uma identificação entre o regime e o sucesso obtido no futebol.

Negreiros (1998, p. 300) comenta a participação brasileira na copa de 1938 e a mobilização social da seguinte forma:

A participação brasileira na Copa de 38, em função de todo o clima que se criou, mostrou que o futebol já havia adquirido um outro papel fundamental: articulador da unidade nacional. Essa influência do futebol foi muito bem utilizada pelo poder público, bastando que se olhe todo o empenho demonstrado pelas mais diferentes autoridades brasileiras. Porém, também coube à imprensa uma função vital: os periódicos vivenciaram plenamente o clima de Copa do Mundo. Mais do que um meio de informação ou análise, os jornais animaram o torcedor, ou iludiram-no com o otimismo exagerado de alguns cronistas esportivos. O rádio, como grande novidade numa transmissão direta da Europa, também se mostrou fundamental.

Aprendemos com Certeau (1994, p. 142) que toda atividade humana é cultural, mas ela não é necessariamente reconhecida como tal, pois, “para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aqueles que a realizam”. Sendo assim, o futebol é uma prática esportiva que tem significado não apenas por aqueles que o praticam, mas também por aqueles que o vivenciam, que admiram o esporte. Para nós, historiadores, podemos analisar a prática esportiva como um objeto de estudo que faz parte de uma determinada cultura. Sua popularização deu acesso à prática de diferentes grupos sociais, e isso foi fundamental para que o futebol se tornasse uma atividade esportiva apaixonante dos brasileiros. Quanto mais se disseminou na sociedade mais ainda cresceu culturalmente no país e se espalhou para vários estados. O jeito brasileiro de jogar e de torcer criou uma identidade simbólica que influenciou aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais na qual difundiu ideias, modos de viver, maneiras de jogar, estilos de jogos. Todos esses elementos foram novidades sociais que, aos poucos, foi se espalhando para vários lugares do país. Neste sentido, Coelho (2016, p. 39) afirma que “o futebol é cultura popular brasileira, gerador de linguagem e de símbolos próprios, elementos que são incorporados pela sociedade”.

1.2 O Futebol na Paraíba: a grande paixão do povo brasileiro

O processo de introdução do futebol na Paraíba não dispõe de muitos documentos preservados, sobretudo do momento de sua chegada ao estado. As informações documentais que temos sobre sua chegada à Paraíba advém de escritores memorialistas que desenvolveram sua produção por relatos transmitidos por uma geração sabedora destes fatos construídos a partir de sua oralidade. Muitos documentos se perderam no tempo e o que se restou são vestígios com poucas informações. Estes documentos são os indícios desse processo histórico. Muito do que aprendemos sobre a chegada do futebol à Paraíba está no livro de memórias do escritor Walfredo Marques, cujo título é “A história do Futebol Parahybano – 1908-1968”. O autor do livro foi um grande membro do esporte na Paraíba. Além de ter sido jogador de vôlei também jogava futebol no Colégio Lyceu Paraibano, na capital do estado, e fundou alguns clubes destinados à prática do referido esporte. Foi um dos membros na fundação da FPF (Federação Paraibana de Futebol), na qual chegou a ser presidente desta entidade na década de 1960. Todo esse envolvimento que Marques teve com o esporte na Paraíba fez com que seu livro se tornasse um documento de registro oficial do futebol no estado.

Desse modo, todas as informações exploradas na narração feita por Marques (1975), a qual apresentaremos aqui serão de extrema importância no desenvolvimento desse trabalho. Os relatos de pessoas que vivenciaram momentos do futebol na Paraíba são objetos primordiais porque a memória também é um meio para a construção histórica do futebol, pois as falas das personagens são fontes que permitem que nós historiadores possamos desenvolver uma narrativa sensível expondo, questionando e recriando os elementos abordados nas falas e que nos levem a percepção do tempo vivido. Neste sentido, embora seja um livro de memórias, a obra traz uma vasta documentação sobre os acontecimentos esportivos do estado desde a sua chegada, onde o autor faz questão de compartilhar fatos do passado que marcaram a história do futebol em solo paraibano. Ao discutir essa relação entre história e memória Albuquerque Jr. (1994, p.49) coloca que:

[...] o historiador se acha no direito de introduzir-se na vida de diferentes grupos e pessoas, em diferentes épocas, emitir juízos de valor quase sempre presididos pelas buscas das diferenças, já que o passado na história é construído como uma diferença do presente. Enquanto as memórias falam de si ou dos seus procurando encontrar uma estabilidade, uma identidade entre o passado e o presente, o passado é construído como uma semelhança do presente [...].

Assim, Albuquerque Jr. (1994) destaca que há diferenças entre a história e a memória para tratar do passado. Entretanto, essas diferenças não impedem que nós historiadores utilizemos a memória como um documento de uma escrita no campo da historiografia. Nesse sentido, a memória deve ser respeitada e analisada, obedecendo seus limites no discurso historiográfico.

Para Marques (1975), o futebol foi introduzido na Paraíba no ano de 1908, pelo jovem acadêmico José Eugênio Soares e seus colegas de estudo. Estes jovens a qual o autor faz referência eram filhos de pessoas da alta sociedade que saíram da Paraíba para estudar em capitais de outros estados, como Recife e Rio de Janeiro. Nestas capitais, os esportes já estavam bem difundidos entre a população e, conseqüentemente, os jovens paraibanos tiveram o primeiro contato com o futebol e ao praticá-lo ficaram entusiasmados. O aprendizado que eles adquiriram nas capitais foi trazido para a Paraíba e começaram a partilhar com seus amigos, trouxeram inclusive uma bola junto com seus pertences. Naquela época, para praticar o futebol exigia-se materiais de difícil aquisição, até porque existia uma demanda muito grande por objetos que eram usados nas partidas de futebol. Estes objetos eram importados de outros lugares e nem todo mundo tinha condições para isso. Portanto, diante das limitações

orçamentárias, o que se usava era uma bola e um pequeno espaço em terra plana que permitisse a prática do jogo.

Este esporte foi introduzido no estado a partir da Cidade da Parahyba do Norte³. Logo no início de sua prática foi um esporte elitista, assim como foi em São Paulo e Rio de Janeiro⁴. Aos poucos foi se disseminando entre os paraibanos, onde permitiu o acesso às demais classes sociais. As primeiras partidas de futebol em solo paraibano não despertaram o interesse de muita gente por ter sido visto como um esporte sem nenhum tipo de divertimento, isso porque ainda não existiam regras e nem táticas de jogo. O que se via eram jovens correndo atrás de uma bola, na maioria das vezes sem marcar gols contra a equipe adversária. Os primeiros jogos não atraíram um grande público, isso porque poucas pessoas sabiam daquela novidade que havia chegado na capital do estado. Mesmo diante deste cenário de menosprezo no olhar de muitas pessoas sobre o esporte, os jovens paraibanos persistiram em lutar pelo desenvolvimento do futebol. Segundo Marques (1975), os rapazes paraibanos decidiram fundar um time que passou a se chamar Club de Foot Ball Parahyba⁵. Enquanto não foi fundado outro time, essa equipe era dividida em dois quadros para a realização das partidas: o Norte e o Sul. Esta divisão foi utilizada no segundo jogo que ocorreu em território paraibano e contou com a presença de um grande público e pessoas da alta sociedade, na qual começou a despertar o entusiasmo dos que estavam presentes. Além disso começaram a perceber aquela modalidade esportiva como uma prática cultural dos jovens paraibanos assemelhado com o modo de viver dos ingleses, franceses e italianos, ou seja, era um elemento do “ser moderno europeu”, uma novidade que estava ocupando seu espaço no meio de viver dos paraibanos. Souza (2014, p. 79) destaca a importância que este segundo jogo teve no desenvolvimento do futebol no estado da Paraíba:

Desta vez o caráter festivo do evento foi mais evidente, porque além das pessoas comuns da sociedade, compareceram as autoridades políticas como o Presidente do Estado, Monsenhor Walfredo Leal, e o Senador Álvaro Machado. A presença desses personagens para assistirem ao jogo aponta uma nova dimensão da fase inicial desse esporte na Parahyba, pois indica que o futebol se tornava um evento importante e merecedor de prestígio.

Provavelmente, a presença de curiosos e políticos na partida de futebol deve ter espalhado comentários pela cidade e despertado interesses naqueles que não estiveram

³ Quando nos referimos a Cidade da Parahyba do Norte, estamos fazendo referência à capital do estado da Paraíba que possuía esta denominação até a mudança para João Pessoa, em 1930.

⁴ Devemos destacar que o Rio de Janeiro foi capital do Brasil de 1763 a 1960.

⁵ Esta grafia foi usada desta forma porque algumas palavras eram escritas em inglês na época em que se passaram os fatos.

presentes. Até mesmo os noticiários podem ter informado algo a respeito devido a presença do governador do estado e de representantes da sociedade civil. Na medida que o futebol foi se tornando popularmente conhecido na Paraíba, novos times foram surgindo. A maioria deles foram fundados a partir de reuniões de grupos de amigos que, no final das contas, abriam debates sobre o fenômeno que estava se difundindo no estado e, propunham a formação de novas equipes.

Nas palavras de Marques (1975, p. 20): “A fundação de novos clubes era quase uma mania, as reuniões para qualquer assunto eram realizadas a qualquer hora, até mesmo ao meio-dia, sempre em casa dos mais animados”. Mesmo com o surgimento de novos clubes, algo que de alguma forma contribuiu para o avanço do futebol, este esporte ainda permanecia em um estágio precário, amador, devido à falta de recursos para desenvolvê-lo. Muitas equipes não tinham condições de adquirir acessórios para seus jogadores, já que esses materiais só eram encontrados em lojas de grande porte no Rio de Janeiro.

Muitos clubes foram extintos devido à demanda de recursos ultrapassarem as receitas dos colaboradores, falta de estratégia para adquirir sócios, falta de uma sede, falta de acessórios esportivos e as frequentes derrotas nos amistosos contra equipes de outros estados. Todos estes fatores contribuíram para o desaparecimento de muitas equipes, na capital da Paraíba. No entanto, o alicerce que o futebol adquiriu no início de sua prática no estado, ultrapassou essas adversidades e com isso os poucos times que resistiram às dificuldades da época continuaram presentes durante muito tempo na história do futebol paraibano. Existia uma dificuldade muito grande dos clubes em adquirir calçados, bolas, uniformes e no uso dos campos já que não existiam locais adequados para a realização das partidas. Por isso muitos jovens praticavam este esporte em locais com péssimas condições de uso, o que demonstra o grande interesse que havia pela permanência do futebol no estado.

Souza (2014, p. 90), narra um pouco a respeito do interesse desses jovens:

Levando em consideração as condições estruturais dos campos podemos inferir que os jovens responsáveis pelas primeiras partidas de futebol na Parahyba eram verdadeiros entusiastas e abnegados pelo esporte, pois na maioria dos Estados brasileiros o futebol nasceu em espaços inadequados, só posteriormente passaram a dispor de melhores condições nos clubes sociais ou nas fábricas.

Conforme esses clubes foram se organizando, as diretorias iam adquirindo materiais sempre no intuito de melhorarem a estrutura dos times. Os materiais esportivos que chegavam à Paraíba eram adquiridos de capitais urbanizadas e economicamente desenvolvidas, a exemplo

de Recife e do Rio de Janeiro. Com o passar dos anos este esporte começou a se destacar cada vez mais como uma atividade de divertimento dos paraibanos. Neste sentido, devemos destacar o ano de 1915, pois foi sem dúvida um dos grandes momentos de desenvolvimento do futebol paraibano. Este ano, no qual fazemos referência foi um período em que surgiram muitos times, entre eles: o Botafogo F. C.⁶, equipe que colaborou com o avanço deste esporte e incentivou a sua prática e consolidação na Paraíba. Além disso, um fato marcante do ano de 1915 foi a instalação de casas comerciais na capital paraibana. Estas lojas começaram a vender artigos esportivos, principalmente uniformes. Isso indica que provavelmente existiu um aumento do interesse pelas atividades esportivas, com destaque para o futebol.

Outro momento marcante que contribuiu para o desenvolvimento do futebol na Paraíba “[...] foi a realização de jogos interestaduais entre equipes da Parahyba, Pernambuco e Rio Grande do Norte [...]” (SOUZA, 2014, p. 104). Nestas partidas, os jogadores podiam demonstrar seus talentos e habilidades para a outra equipe, como também adquirir conhecimentos e experiência de jogo em disputas com os times adversários. Estes jogos eram uma novidade para os paraibanos e atraíam muitos espectadores que prestigiavam na beira do campo o talento dos jogadores das equipes. Outro fator que contribuiu bastante para a disseminação do futebol na Paraíba foram as escolas, pois começaram a empregar este esporte nas atividades físicas dos alunos.

Assim, como ressalta Souza (2014, p. 107):

[...] o futebol chegou às escolas da Parahyba entre os anos de 1915-1916 com certo receio por parte dos professores, mas que logo foi superado. Em pouco espaço de tempo foi conquistando a preferência dos alunos, se fortaleceu como prática esportiva e deu início a formação dos primeiros teams colegiais. Inicialmente os jogos eram realizados entre os alunos da própria escola que posteriormente passaram a desafiar os quadros dos outros colégios para a disputa de matches.

Nas escolas o futebol se tornou a atividade física preferida dos alunos como também divertimento e lazer, além de ter proporcionado espaço de sociabilidade entre eles, fato que ocasionou o surgimento de novos times. Quando o futebol começou a ser empregado nas atividades físicas, não existiam locais apropriados para sua prática. Na maioria das vezes eram improvisados locais para a realização das atividades. No Colégio Diocesano Pio X⁷, que ficava

⁶ O Botafogo F. C. não é o mesmo que atualmente permanece em atividade no estado da Paraíba.

⁷ Souza (2014, p. 110) comenta que “No Colégio Diocesano Pio X o esporte foi levado a sério. Mesmo se tratando de uma escola de Diocese que seguia um padrão muito rígido em termos de comportamento e educação, não o impediu que este incorporasse às atividades físicas já executadas no colégio com outros esportes como o futebol e o vôlei”.

localizado na Cidade da Parahyba do Norte, os próprios alunos trabalharam na preparação e adequação da área onde o futebol iria ser praticado. Podemos observar isso na imagem abaixo extraída da Revista do Colégio Diocesano Pio X. Notemos que era um local não muito adequado, quase não se vê gramado, rodeado de cerca de arame e jovens trabalhando na construção de um campo que, conseqüentemente, seria o local onde as atividades físicas do colégio seriam realizadas:

Figura 1 – Campo de futebol do Colégio Diocesano Pio X



Fonte: Revista do Colégio Diocesano Pio X, 1931, s/p.

A trajetória do futebol na Paraíba foi marcada por grandes momentos em diferentes espaços de sociabilidade e a escola foi um deles como já mencionado anteriormente. A relação entre pessoas nesses espaços fez surgir grandes clubes e com isso as partidas se tornaram cada vez mais intensas, mesmo sem disputas em competições. Na verdade, esses jogos eram momentos de diversão e lazer dos paraibanos que se reuniam nas tardes de Sábado e Domingo para apreciarem o prazer de praticar o futebol.

Muitas entidades médicas da época criticavam a prática deste esporte no período da tarde por causa do clima quente. O excesso de calor, segundo os médicos, era um dos elementos prejudiciais à saúde. Nas leituras que realizamos encontramos um discurso médico publicado no jornal “A Notícia”, onde o colunista traz as falas do profissional de saúde reclamando da

prática deste esporte durante a tarde e recomendando sua atividade em outro horário. Observemos abaixo alguns trechos da fala:

O Discurso Médico

[...] É admirável como os nossos rapazes correm pressurosos a constituir sociedades de foot ballers neste tempo quente excessivamente quente, de um calor asfixiante, sem levarem em linha de conta as desvantagens, inconveniências e perigos oriundos de tão esfalfante divertimento! Que se divirtam nesse jogo durante os meses de temperatura agradável, os meses relativamente frios, admite-se, mas, no forte do verão, quando o sol é inclemente, a poeira quente insuportável a irritar as fossas nasais, não podemos compreender, a não ser por um excesso de entusiasmo. Nos climas frios, onde se tem necessidade de exercícios que determinem produção de calor, que ativem, finalmente, as funções do organismo, entorpecidas pela ação do frio, bem seja permitido o foot-ball; mas em um clima como o nosso, se nos afigura um esporte perigoso, extenuante. [...]. Entretanto, se pensam de modo contrário os nossos ilustres patrícios, dedicados a esse gênero de esporte, pelo menos escolham as horas mais frescas do dia, - a manhã- para os divertimentos, mas não à toa como fazem atualmente, sob os raios de um sol fortíssimo e de uma poeira intolerável. Façam, pois, o seu exercício com método e prudência poupando aos companheiros, muitas vezes, horas amarguradas, sob a influência desastrada de um chute inoportuno ou de um encontrão proposital.⁸

Podemos perceber, no discurso médico, que mesmo o profissional da saúde apontando alguns aspectos negativos na prática do futebol, também apresenta referências positivas desde que a sua prática fosse realizada em horário conveniente, mantendo os cuidados com o corpo, pois a prática do referido esporte era uma maneira de se estabelecer o fortalecimento físico, a preservação da saúde e a força corporal. Essa importância com a saúde corporal, no Brasil, se tornou mais intensa a partir do início do século XX onde a educação física das crianças foi um dos principais objetivos a serem alcançados, pois estes corpos saudáveis e fortes seriam, futuramente, os representantes da pátria e de um país civilizado.

A respeito disso, Lenharo (1986, p. 79) comenta que:

A importância do trato do corpo é crucial para uma sociedade que se vê somatizada; a saúde, a força do corpo é a sua saúde e sua força estimadas. A projeção mesma de uma parte física e equilibrada com a espiritual dimensiona um conjunto social equilibrado, no qual as tensões e conflitos ficam fora de lugar pela natureza singular de sua constituição. Afinal, um projeto articulado de corporativização avança nos anos 30 e a imagem do corpo humano impunha-se como necessariamente positiva e acabada para o conjunto da sociedade.

⁸ Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGB). **A Notícia**, 19/10/1916, p. 01, João Pessoa - PB.

Anos se passaram e vários clubes foram surgindo em território paraibano, e as pessoas envolvidas neste processo sentiram a necessidade de um órgão que coordenasse, planejasse os padrões das equipes, como também criasse regras e competições. A criação de uma instituição que organizasse a prática do futebol, em seu estágio inicial na Paraíba, foi fundamental na sua disseminação na sociedade paraibana. Assim, como afirma Leite (2017, p. 51): “vale salientar que é a partir da criação da Liga Desportiva Parahybana em 1919, e a conseqüente organização mesmo que precárias dos campeonatos, que esse espírito esportivo começa a se alastrar como um modismo da sociedade paraibana”.

A Liga Desportiva Paraibana (LDP) foi muito importante no desenvolvimento do futebol no estado. Marques (1975, p. 46) em sua obra faz um comentário sobre a inatividade dessa liga entre os anos de 1921 e 1923 onde comenta que sua reorganização se deu graças ao empenho de Mário Pedrosa e Anthenor Navarro.

O primeiro campeonato organizado por ela teve como campeão o time do Palmeiras, que era uma equipe amadora de jovens que residiam na capital da Paraíba. A LDP tinha a sua frente pessoas comprometidas para o avanço do esporte pelo estado. Em 1925, durante o governo do Presidente estadual⁹ João Suassuna, a Liga filiou-se à Confederação Brasileira de Desportos (C-B-D). Esse marco permitiu que a liga parahybana formasse um time selecionado de jogadores que estivesse em atividade no futebol local para que o clube disputasse o Campeonato Brasileiro da época. Assim, permitiu-se uma maior visibilidade das habilidades dos jovens paraibanos tanto em âmbito regional como também nacional.

Nas palavras de Souza (2014, p. 116):

A Liga Desportiva Parahybana continuou em atividade com esta designação até o ano de 1941 quando por determinação de um Decreto Federal de 1941 do Presidente Getúlio Vargas extinguiu as Ligas estaduais e instituiu as Federações que ficaram subordinadas ao Conselho de Desportos. Medida que visava conceder ao Presidente maior controle dos atos das organizações desportivas.

A participação do selecionado da Paraíba no Campeonato Brasileiro de futebol foi um dos momentos mais importantes da história deste esporte no estado. O início da prática do futebol na Paraíba esteve ligado à sua capital, e a partir dela se popularizou entre os paraibanos, na qual transformou-se em um modismo muito presente na cultura do estado que se expandiu para outras cidades.

⁹ Receberam essa denominação os representantes dos estados durante a chamada “Política dos Governadores”, que consistiu no apoio mútuo entre o Governo Federal e estadual no período de 1889 a 1930.

1.3 Abre o jogo: Cajazeiras entra em campo

Segundo Oliveira (2015, p. 19), o município de Cajazeiras, conforme consta na historiografia oficial, teve origem em um sítio do mesmo nome escolhido em referência a presença abundante dessa árvore nas proximidades. A primeira construção que houve no local onde hoje é Cajazeiras foi a edificação da casa grande da fazenda que pertenceu ao casal Vital de Sousa Rolim e sua esposa Ana Francisca de Albuquerque, que ficou popularmente conhecida na localidade por “Mãe Aninha”. Esse casal teve filhos e aos poucos outras famílias foram se constituindo naquela região. Em 1829, o Padre Inácio de Sousa Rolim, filho de Vital de Sousa Rolim e Ana Francisca de Albuquerque, fundou um pequeno educandário na fazenda de seus pais que atraiu muitas pessoas de outras regiões no qual fixaram-se em Cajazeiras, isso provavelmente resultou o primeiro núcleo populacional no local.

Embora esse educandário tenha sido muito importante nos primeiros momentos de desenvolvimento da região que hoje é Cajazeiras, ele por si só não significa que foi o único responsável pelo desenvolvimento e pela transformação do povoado em vila. Existem muitos outros elementos levantados por historiadores que apontam para o desenvolvimento do local, entre eles está o comércio. A respeito disso, Leitão (2000, p. 35) comenta que:

O aprimoramento social e o desenvolvimento do comércio davam a Cajazeiras indiscutível hegemonia em toda região do sertão paraibano com sua feira semanal a reunir um surpreendente conglomerado humano no afã da comercialização de produtos regionais. As lojas regurgitavam de fregueses interessados nas novidades recém-chegadas das praças do Recife e de Fortaleza.

Deusdedith Leitão (2000) também levanta a importância das atividades econômicas nos primeiros anos de progresso da cidade de Cajazeiras. Em outro discurso, Silva Filho (1999, p. 284) se pronuncia da seguinte forma sobre o avanço econômico na localidade:

A década de vinte em Cajazeiras, apontou modificações significativas na vida material e cultural da cidade. Desde sua criação, na segunda metade do século XIX, em torno de um colégio de instrução primária, fundada pelo Padre Inácio Rolim, e do crescimento de seu casario, propiciado pela instauração das primeiras feiras, o núcleo urbano de Cajazeiras obteve um ritmo de desenvolvimento considerável relacionando-se com áreas circunvizinhas como Souza, Pombal e algumas cidades do Ceará e do Rio Grande do Norte, estabelecendo os primeiros vínculos de comércio.

Nesse sentido, podemos perceber nos dois trechos apresentados que ambos abordam um discurso tradicional a respeito da origem do comércio cajazeirense, que desde sua criação em meados do século XIX até sua relação comercial com outras regiões, contribuiu no desenvolvimento e prosperidade do local. Assim, todos esses acontecimentos marcaram a história do município e, eventualmente, ajudou a elite econômica a se colocar na atualidade como uma das figuras responsáveis pela continuidade do desenvolvimento de Cajazeiras desde os seus primórdios.

Outro aspecto pouco evidenciado entre historiadores e memorialistas é o futebol que, em nossa contemporaneidade, fez parte do desenvolvimento histórico e cultural da cidade. Esse esporte começou a ser praticado no município ao final da década de 1910, mesma época que este esporte alcançou um alto nível de desenvolvimento na capital do estado.

Embora existam poucos documentos oficiais sobre a origem exata do futebol em Cajazeiras, iremos utilizar como fonte o livro de memórias escrito por Antônio Assis Costa, cujo título é “A (s) Cajazeiras que eu Vi e onde Vivi” (1986), onde o autor narra fatos que ocorreram na história do município. Entre estes fatos, apresenta-se a origem do primeiro time, dos primeiros campos e quando o futebol começa a ser conhecido popularmente na cidade. Mesmo que seja um livro de memórias é um documento importante, pois através de seus registros podemos desenvolver uma narrativa confrontando suas informações com outras fontes. Então, sempre que recorrermos a esta obra dialogaremos com Antônio Assis Costa no que se refere aos acontecimentos e informações que existem dos fatos sobre os primórdios do futebol em Cajazeiras.

Ao discutir essa relação entre a história e a memória, Alberti (2004, p. 15) coloca que “o passado só permanece vivo através de trabalhos de síntese da memória, que nos dão a oportunidade de revivê-lo a partir do momento em que o indivíduo passa a compartilhar suas experiências, tornando com isso a memória viva”.

O passado, assim, é uma experiência vivida pelo homem e que não é passível de resgate, mas é possível interpretá-lo de modo que obtenhamos uma compreensão do passado em um dado momento histórico. Nós historiadores, podemos explorar através de entrevistas informações sobre algo do passado, pois as fontes orais são documentos históricos muito importantes por conterem vários elementos cognitivos que podem ser explorados ao longo de uma narrativa. Alberti (2004, p. 14) leva em consideração que no ato de narrar as próprias memórias há “uma vivacidade, um tom especial, característico de documentos pessoais”. Desse modo, no diálogo que é desenvolvido em uma entrevista, o entrevistado recorda experiências de vida que possuem um viés significativo e válido de ser estudado, questionado e narrado pelo

historiador. Compreendemos, portanto, que a história oral, por meio de memórias, é um método válido, é um caminho possível de ser seguido no campo da historiografia.

Encontramos nas pesquisas que realizamos, na cidade de Cajazeiras – PB, o desportista Reudesman Lopes Ferreira. Esse senhor esteve presente em grandes momentos do esporte na cidade, além disso, conheceu outros personagens importantes do futebol cajazeirense. Por esse motivo foi de fundamental importância entrevistá-lo com o objetivo de obtermos informações mais detalhadas sobre a história do futebol no município. A respeito da relação do entrevistado com o entrevistador, Alberti (2005 p. 102 - 103) coloca que:

A participação do entrevistador, que deve se adequar ao ritmo do entrevistado, procurando não interromper o curso de seu pensamento, acompanhando seu discurso ao formular perguntas, reformulando suas próprias ideias a partir daquilo que lhe é relatado, enfim, procurando ajustar o diálogo com base nos dados que lhe fornece o entrevistado a respeito de si mesmo e de suas limitações. É o entrevistado, então, que imprime o tom da entrevista e cabe ao entrevistador aprender seu estilo para adequar seu próprio desempenho àquela relação específica.

Desta forma, durante uma entrevista, o diálogo coerente e sincero permite a construção do conhecimento e reflexão do passado. Nessa interação surge alguma informação que nos faz refletir e questionar algum registro imagético, além disso as imagens também podem ser analisadas e servir de acessório na composição dos fatos auxiliando na escrita da narrativa. Pensando assim e buscando compreender o futebol por quem vivencia ou vivenciou momentos que merecem ser destacados e recordados, a História Oral inserida no campo futebolístico compreende um conjunto de ações que mobilizam as memórias dos desportistas tornando-as documentos.

Como já mencionado anteriormente, o futebol começou a ser praticado em Cajazeiras por volta da década de 1910. Durante esse período estava ocorrendo as obras do Açude Engenheiro Ávidos, várias pessoas de fora vieram prestar serviço na construção do açude e trouxeram muitas novidades para o município. Assim como destaca Costa (1986, p. 53):

As obras contra as secas, pela sua Inspetoria Federal, na região de Cajazeiras, trouxeram um impulso no progresso da terra. Era o dinheiro que os americanos da Dwight P. Robinson ganhavam em dólares, e, com seu esbanjamento e imprevidência, gastaram a rôdo.

As vantagens e desvantagens da civilização chegaram.

[...] No futebol, foram criados times em Boqueirão de Piranhas, com elementos bi-nacionais. São Gonçalo e Pilões, onde os canteiros de obras se implantaram, vinham, aos domingos, disputar com os dois times de Cajazeiras, em partidas alternadas.

Na citação acima podemos perceber que o futebol começa a ser praticado nos canteiros das obras pelos norte-americanos que possivelmente adquiriram o conhecimento sobre este esporte em outros lugares e, conseqüentemente, trouxeram para Cajazeiras. É preciso mencionar que estes trabalhadores ficavam hospedados nesta cidade. Isso indica que nas conversas com os cajazeirenses o futebol foi um dos assuntos, fato que favoreceu o início da sua prática esportiva no referido município. Os campos de futebol onde começaram as primeiras partidas eram locais espaçosos, mas sem estrutura. Segundo Ferreira (2015, p. 133): “É bem verdade que não se tratava de campos com a estrutura que pudesse corresponder a esta nomenclatura, mas podemos colocá-los como campos de peladas”. Estas “peladas” que Ferreira se refere são jogos realizados entre amigos que não constituíam partidas oficiais de campeonatos ou qualquer competição. Essas partidas entre amigos eram realizadas em pequenos terrenos que se encontravam aos arredores da cidade e era nesses espaços que os jovens cajazeirenses se divertiam e praticavam o futebol.

Da leitura que realizamos no livro “História do Futebol de Cajazeiras” encontramos uma imagem que ilustra o primeiro campo de futebol da cidade que ficava localizado na atual praça do Xamegão. Este espaço foi utilizado em jogos militares realizados pelo Tiro de Guerra (TG 243) no início da década de 1920.

Figura 2 – Primeiro campo de futebol de Cajazeiras – PB



Fonte: FERREIRA (2015, p. 132).

Aos poucos o futebol foi se difundindo em Cajazeiras e os primeiros times começaram a surgir. O primeiro time do futebol de Cajazeiras foi fundado em 1923: o Pitagueres Football Club. Esta equipe foi fundada por Antônio Carneiro, mais conhecido popularmente na cidade por “Antônio Quincas”. Era um jovem que fazia parte da elite cajazeirense, ou seja, pessoas que tinham boas condições financeiras e isso foi algo primordial para estruturar o primeiro clube de futebol da cidade. Costa (1986, p. 53) descreve como era o uniforme dessa equipe: “Com calções pretos e camisas brancas, listradas de preto em sentido vertical, teve como sede provisória o salão de visitas da residência do coronel Juvêncio, onde e quando se discutiam o estatuto, sob a presidência de Antônio Quincas”. As chuteiras também era um equipamento usado pelos jogadores, mas poucos tinham o privilégio de tê-las, pois esse tipo de calçado, na época, era muito difícil e os poucos que tinham adquiriam de fora. As regras foram trazidas pelos norte-americanos e visitantes de outros estados.

Outra equipe de futebol que surgiu na década de 1920, em Cajazeiras, foi o Nacional Football Club. Este time se tornou rival do Pitagueres Football Club. Seu uniforme era ilustrado por camisas tricolores nas cores branco, vermelho e azul e shorts branco. O fundador deste clube foi o mestre Éneas. O entrevistado comenta que o mestre Éneas foi uma pessoa altamente politizada na cidade de Cajazeiras, ou seja, era alguém que tinha uma influência muito grande na política local. Na visita que realizamos ao senhor Reudesman Lopes Ferreira tivemos acesso a uma réplica da camisa do primeiro clube futebolístico, onde realizamos uma foto. Apresentemos a imagem abaixo:

Figura 3 – Camisa do primeiro time de futebol de Cajazeiras – PB



Fonte: Acervo: Museu do Futebol de Cajazeiras¹⁰.

¹⁰ A camisa foi fotografada na visita que realizamos ao Museu do Futebol de Cajazeiras (02 de agosto de 2021), onde tivemos acesso a todo o acervo esportivo do local.

Este time foi muito importante nos primeiros anos de desenvolvimento do futebol cajazeirense. Além do Pitaguares, o Nacional Football Club também marcou os primeiros momentos de progresso do futebol cajazeirense. Este time foi a primeira equipe na história do futebol da cidade que ganhou um Campeonato Municipal, realizado pela Liga Cajazeirense de Desportos, entidade que será estudada no próximo capítulo.

Os primeiros clubes do futebol cajazeirense só conseguiram se manter diante das demandas e dificuldades na aquisição de equipamentos para estruturar cada um dos times devido ao apoio de pessoas que tinham uma influência muito alta na sociedade de Cajazeiras, graças a elas, os times até então existentes desenvolveram-se e o futebol aos poucos foi ocupando seu espaço na cultura da cidade.

CAPÍTULO II

SOBRE O FUTEBOL DE CAJAZEIRAS: A HISTÓRIA ATRAVÉS DOS TIMES

Neste segundo capítulo teremos como objetivo abordar os momentos da história do futebol em Cajazeiras, destacando os principais times através de eventos esportivos, curiosidades e por meio dos sujeitos que protagonizaram essa narrativa histórica. Para isso trabalhamos com o livro “História do Futebol de Cajazeiras” de autoria de Reudesman Lopes Ferreira (2015). Nele, o autor descreve a trajetória do futebol cajazeirense desde a sua introdução na cidade, criação dos clubes e a realização de campeonatos. Também foi usado como fonte para aprofundamento deste capítulo a entrevista com o autor da obra, onde ele nos forneceu informações mais detalhadas sobre o esporte.

Discutiremos os aspectos que contribuíram no desenvolvimento e organização do futebol em Cajazeiras. Além disso, apresentaremos o personagem Sérgio David que foi um dos fundadores do time do Tabajaras e, na década de 1960, presidente da equipe do Santos onde se comprometeu em ajudar esses clubes porque tinha o desejo de ver um time da cidade disputando o Campeonato Paraibano de profissionais. Ainda destacaremos o Estádio “8 de Maio”, que posteriormente foi batizado com o nome de “Higino Pires Ferreira”, palco dos principais eventos ocorridos a partir da década de 1940, fato que marcou bastante o progresso histórico do futebol cajazeirense.

2.1 Aspectos do desenvolvimento do futebol em Cajazeiras

De acordo com Ferreira (2015), no ano de 1928, foi criada a Liga Cajazeirense de Desportos (L.C.D) que tinha o papel de organizar o futebol na cidade, que ainda se configurava no amadorismo. Essa liga foi fundada pelo professor José dos Anjos e o mestre Éneas Alves Bezerra. Este último era um alfaiate que tinha uma grande influência política na localidade e foi uma das principais figuras que ajudou na articulação da fundação do grêmio da cidade. José

dos Anjos, além de ter sido um grande intelectual e professor do Colégio Salesiano, em Cajazeiras, participou de diversos movimentos culturais, sociais e esportivos na cidade.

Segundo o entrevistado, Reudesman Lopes Ferreira, no futebol existe uma hierarquia no qual a FIFA organiza o futebol no mundo inteiro, depois temos as confederações que organizam o futebol por continente. Um exemplo disso é a CONMEBOL que organiza o futebol na América do Sul. Além disso, temos as confederações dos países, no caso do Brasil é a Confederação Brasileira de Futebol (C.B.F) que tem o dever de organizar o futebol a nível nacional como o Campeonato Brasileiro e a Copa do Brasil. Logo depois, têm as Federações Estaduais que organizam os campeonatos estaduais, e por última instância temos as Ligas Municipais que organizam o futebol amador de uma cidade. A respeito da L.C.D não encontramos o estatuto dela para verificarmos da obrigatoriedade, quando da sua fundação, da filiação dos times até então existentes. Mas, certamente, por se tratar de uma entidade responsável por organizar e regularizar o futebol local, apenas poder-se-ia tomar parte em jogos realizados pela referida instituição em caso de filiação.

A Liga Cajazeirense de Desportos ainda não tinha sido oficializada no final da década de 1920, mesmo assim foi um fator muito importante para a difusão do futebol amador nesta cidade. Entre um dos elementos que representa a colaboração da Liga está o primeiro Campeonato Municipal organizado no ano de 1928 e que teve como campeão a equipe do Nacional, Clube, já mencionado anteriormente. Abaixo, temos uma publicação do jornal “O Sport”, onde o colunista apresenta algumas informações a respeito deste campeonato:

FOOT – BALL

Em prosseguimento do campeonato encontrar-se-ão hoje na grande Liga os valentes clubes Nacional X Brasil, que se apresentarão em campo com visível reforço em seus quadros.

O Brasil apresenta-se com alguns elementos de Fortaleza e Campina e o Nacional também reforçou seu quadro com alguns jogadores de Campina.

Quanto ao mais nada nos interessa, o que queremos é a disciplina sportiva, muito falha, ainda, aqui, e a sensatez nas <<torcidas>> dos axaltados.

A arbitragem do jogo está a cargo do prof. H. Leal.

Assim esperamos uma afluência animadora ao campo, hoje, dada a ansia com que está sendo esperado este encontro.¹¹

Nesta publicação, o colunista menciona que o árbitro da partida foi o professor Hidelbrando Leal. Aqui devemos ter muita atenção, pois naquela época ainda não existia profissionais aptos com formação para atuar na arbitragem das partidas de futebol. Então como

¹¹ Jornal: O Sport, Cajazeiras, 11 de novembro de 1928. Acervo do professor José Antônio Albuquerque.

se escolheria a pessoa para apitar o jogo? Uma pergunta muito curiosa, mas que a partir da entrevista que fizemos ao senhor Reudesman Ferreira foi possível apreendermos como eram escolhidos os árbitros dos jogos. Ele menciona que o árbitro, naquela época, era escolhido para o jogo pela idoneidade, pela moral, pela ética e não pelo conhecimento em relação ao futebol. O entrevistado ainda coloca que durante a década de 1960, com o advento do futebol na cidade e o grande número de partidas, foi criada uma forma de orientar esses árbitros por meio do ensinamento das regras e das normas do referido esporte, embora nós não tenhamos encontrado nenhum documento explicando como eram aplicados esses ensinamento aos árbitros¹². Podemos entender que durante o início desta prática esportiva em Cajazeiras, os envolvidos nesse processo de disseminação do futebol, buscaram maneiras de implantar as regras de arbitragem nas realizações dos jogos, fato muito importante que contribuiu para o desenvolvimento do futebol nesta cidade.

Durante a década de 1930, a Liga Cajazeirense de Desportos organizou um time com os melhores jogadores da cidade para disputar o Campeonato Sertanejo de Futebol organizado pelo governo do estado, assim como afirma Ferreira (2015, p.45):

A Liga Cajazeirense de Desportos, na década de 30, priorizou a organização de uma seleção local que, com ajuda de Padre Vicente Freitas, Horácio Alves Cavalcante, Dr. Higino Pires Ferreira, Joaquim Cartaxo e Padre Vieira, participou do Campeonato Sertanejo de Futebol do Estado da Paraíba, Copa Argemino de Figueiredo, em 1938.

Este acontecimento foi um marco muito importante para o desenvolvimento do futebol amador em Cajazeiras, pois o clube da cidade atuou bem nos jogos e foi o campeão na competição, sendo esta conquista o primeiro título a nível estadual de uma equipe na história de Cajazeiras. Depois desta conquista, o futebol cajazeirense disparou como uma prática apaixonante pelos jovens do município, fato que marcou bastante a década de 1940. Foi neste momento que este esporte atingiu um alto nível de desenvolvimento, abarcando diversos elementos favoráveis na sua disseminação, com destaque para os eventos futebolísticos organizados pela Liga Cajazeirense de Desportos e a fundação do estádio “8 de Maio”, atual Higino Pires Ferreira.

No Brasil, os estádios de futebol começaram a aparecer no início do século XX. O Vasco da Gama, equipe do Rio de Janeiro, foi destaque nesse período devido a construção do maior

¹² Entrevista concedida pelo Sr. Reudesman Lopes Ferreira, no dia 02 de agosto de 2021.

estádio da América do Sul. Além desse estádio, foi construído o Pacaembu, em São Paulo, e o Maracanã, no Rio de Janeiro, para a Copa do Mundo de 1950. Segundo Coelho (2016, p. 33):

O contexto histórico da construção do Maracanã, mais importante estádio de futebol do país e um dos mais importantes do mundo, envolve uma tentativa do poder público de disseminar a ideia de espaço democrático e que, através de sua magnitude, seria a representação do tamanho do Brasil dentro do cenário político internacional.

O processo de surgimento dos estádios de futebol foi intensificado durante o governo do presidente Getúlio Vargas a partir de 1937, com o decreto do Estado Novo, no qual utilizou-se a construção desses estádios para representar um sentimento de integração nacional por meio do futebol. Na cidade de Cajazeiras, os primeiros campos eram pequenos espaços sem estrutura onde não havia grama e nem vestiários. Com o passar dos anos devido ao surgimento de vários times e em virtude da vinda de outros clubes para amistosos nesta cidade, os desportistas de Cajazeiras começaram a perceber que existia a necessidade de construir um campo de futebol apropriado para a realização desses amistosos e de outras partidas. A primeira preocupação deles foi encontrar um terreno apropriado. Também seria necessários recursos financeiros para a construção de um campo de futebol com boa estrutura, já que naquela época não havia uma infraestrutura adequada para sua edificação.

A principal liderança nessa luta para a construção do primeiro estádio de futebol em Cajazeiras foi o Dr. Higino Pires Ferreira, que era um dos maiores desportistas da cidade e, pertencia a uma das famílias locais mais ricas da época. Com a colaboração de apoiadores, os desportistas conseguiram um terreno que pertencia ao senhor José Rolim Moura e que foi adquirido pelos prefeitos do município.

Assim deu-se início à construção do estádio “8 de maio”. Ferreira (2015, p. 134) ressalta que: “O terreno para a construção do estádio foi adquirido pelos prefeitos interinos deste município: José Guimarães e Hidelbrando Assis. A sua construção inicial foi feita de leste a oeste. O terreno media noventa metros de comprimento por sessenta metros de largura”. Este estádio foi fundado no ano de 1948 e pertenceu ao Clube 8 de Maio até 1956, ano em que o estádio foi vendido ao Atlético Cajazeirense de Desportos. No mesmo ano, foi mudado o nome do estádio “8 de Maio” para “Higino Pires Ferreira” em homenagem ao pioneiro na defesa da construção do campo esportivo.

Atualmente, é considerado uma das principais figuras que ajudou o futebol cajazeirense a se desenvolver a partir da década de 1940. Na imagem abaixo, temos os vestiários deste estádio durante a década de 1950:

Figura 4 – Vestiário do Estádio 8 de Maio em 1950



Fonte: FERREIRA (2015, p. 135).

Podemos perceber na imagem que o vestiário faz referência a três times: o Íbis Futebol Clube¹³, o Atlético Cajazeirense de Desportos e o Tabajaras Sport Club. A história dos dois últimos times serão apresentadas posteriormente. Seus nomes foram estampados nos vestiários porque eles eram acomodados nesse espaço e cada um tinha seu próprio local para se reunirem, respectivamente, antes das partidas de futebol. Provavelmente, o fotógrafo da época registrou a foto para homenagear as três equipes que existiam naquele momento e que passaram pelo campo de futebol. Essa foto representa um registro não apenas de como era a estrutura do campo na época, mas também ilustra os times que, naquela ocasião, representavam o futebol amador da cidade. Era um período de desenvolvimento deste esporte no município, pois houve a fundação desses times e a construção do estádio de futebol para agregar não apenas os clubes da cidade, evidentemente, também outras equipes que viriam jogar em Cajazeiras.

O Tabajaras Sport Club foi fundado no início da década de 1940. Este clube foi uma das equipes mais organizadas no futebol da cidade e alcançou dois títulos nos anos iniciais de sua existência. O Atlético Cajazeirense de Desportos também foi uma equipe fundada, na década de 1940, no município de Cajazeiras. Sua história é marcada por conquistas e grandes vitórias em participações de amistosos e campeonatos. A equipe do Íbis foi campeã do torneio de

¹³ Ferreira (2015, p. 248) comenta que a fundação deste time “aconteceu no final dos anos 40 para o início da década de 50, e o clube foi fundado por Eutrópio Sobreira Cartaxo, um apaixonado futebolista de Cajazeiras e que viveu intensamente a sua cidade e o futebol local”.

abertura do campeonato de 1965. Essa conquista foi algo inédito para o time, o primeiro e único título alcançado pelo clube ao longo de sua história.

No início da década de 1950, o estádio “8 de Maio”, ainda carecia de boa infraestrutura. Mesmo com toda esta simplicidade os jogos foram se realizando e o estádio também foi sendo erguido aos poucos. Um exemplo foi a construção da quadra de basquete por trás de uma das traves. Esta quadra era utilizada não apenas para a prática do basquete, mas também voleibol, ou seja, o estádio na medida em que foi crescendo abriu espaços para a prática de outros esportes, além do futebol amador. Este estádio ganhou uma estrutura melhor quando passou a pertencer ao Atlético Cajazeirense de Desportos.

O Clube “8 de Maio” funcionava no Edifício O. K.¹⁴, que ficava localizado na atual praça Presidente João Pessoa, no centro da cidade. Era um local onde se reuniam pessoas da alta sociedade de Cajazeiras para roda de conversas e diversão. Higino Pires Ferreira foi diretor desse clube e na época em que o estádio foi construído, ele ainda era o presidente e juntamente com os demais idealizadores batizaram o nome do estádio com o mesmo nome do clube. Com o início da construção do Cajazeiras Tênis Clube¹⁵, o Clube “8 de Maio” entrou em processo de dissolução e foi nesse contexto e na falta de recursos para a continuidade da construção do estádio que se iniciou o processo de sua venda. Como Higino Pires Ferreira tinha recursos financeiros, ele, juntamente com Heraldo Costa, iniciou o processo de compra no qual obtiveram a ajuda do Cajazeiras Tênis Clube. Os dois completaram o valor restante da renda que faltava e realizaram a compra do estádio.

No ano de 1956, devido a sua grande contribuição com o esporte na cidade, Higino Pires Ferreira foi homenageado em vida, com a mudança da denominação do estádio “8 de Maio” para o seu nome pessoal. Embora não exista o documento comprovando a mudança de nome do estádio, é possível identificarmos essa evidência dos fatos quando o prof. Reudesman Ferreira, por meio de entrevista, nos afirmou que toda a informação passada para ele ocorreu através do senhor Abdon Cipriano Rocha, um dos benfeitores do estádio e que viveu os acontecimentos da época. Assim, Abdon Cipriano Rocha foi o responsável por construir e legitimar uma memória para o estádio na sua fase inicial de desenvolvimento, configurando-se naquilo que Gomes (1996, p. 21) denominou por “guardião da memória”:

¹⁴ De acordo com Leitão (2005, p. 17) esse local “foi, por algum tempo, o orgulho da cidade com suas modernas instalações”. Ainda segundo o autor, a obra do edifício foi fruto do empreendedorismo de José Lira Campos que inaugurou o prédio em 1936. No edifício também funcionou um dos cinemas da cidade, o Cine Teatro Éden.

¹⁵ Está localizado na Travessa Felismino Coelho, entre a escadaria da Av. Presidente João Pessoa e a ponte do sangradouro do Açude Grande. Disponível em: http://www.apolo11.com/satmap2_cidades.php?citynum=2595. Acesso em: 27 de dezembro de 2021.

O guardião ou mediador, como também é chamado tem função primordial ser um ‘narrador privilegiado’ da história do grupo a que pertence e sobre o qual está autorizado a falar. Ele guarda/possui as ‘marcas’ do passado sobre o qual se remete, tanto porque se torna um ponto de convergência de histórias vividas por muitos outros do grupo (vivos e mortos), quanto porque é o ‘coleccionador’ dos objetos que encerram aquela memória.

Durante a entrevista, o prof. Ferreira nos contou que no início da ampliação do estádio o primeiro passo foi murar o local. Entre os anos de 1961 e 1964 foram construídas as arquibancadas para os torcedores e as bancadas para os jogadores reservas dos times que estivessem em campo.

Ainda, durante a década de 1960 foram construídas as cabines de rádio. Isso foi algo muito significativo, pois representou a importância do estádio na disseminação do esporte na cidade de Cajazeiras. Outro fato importante no processo histórico do Estádio Higino Pires Ferreira foi a implantação do sistema de iluminação. O entrevistado nos contou que os responsáveis pela implantação desse sistema de iluminação foram até a cidade de Patos também no estado da Paraíba, para verificar através das torres que havia no estádio municipal daquela cidade como seria a técnica a ser utilizada na iluminação no “Higino Pires Ferreira”.

A construção destas torres teve como colaboração principal o Dr. Higino Pires Ferreira que mediu todo esforço e graças às suas condições financeiras conseguiu concluir e inaugurar o sistema de iluminação do estádio. Este acontecimento foi muito significativo tanto para o estádio como também para o desenvolvimento do futebol amador, pois com esta iluminação implantada as partidas também poderiam ser realizadas no período noturno. É necessário destacarmos que era feita a cobrança de ingressos para assistir aos jogos nas arquibancadas. O dinheiro arrecadado era investido na construção do estádio e nos clubes¹⁶.

O estádio Higino Pires Ferreira, por sua magnitude, é a representação da casa do futebol cajazeirense, a segunda casa de todo apaixonado pelo futebol. É o lugar da festa, da celebração, do sofrimento do torcedor, da comemoração. Todas essas melhorias foram fundamentais na modernização do “Higino Pires Ferreira”, pois este estádio foi palco dos principais eventos futebolísticos que marcaram o desenvolvimento cultural do futebol amador em Cajazeiras. Neste sentido, merecemos destacar o amistoso que ocorreu durante a década de 1950 entre o Treze de Campina Grande e o Atlético Cajazeirense de Desportos. Na partida, os dois times se enfrentaram de forma muito competitiva em campo. A importância disso é que tanto o time da casa estava mostrando para a equipe adversária todo o seu potencial de treinamento, preparação

¹⁶ Essas informações foram obtidas na entrevista concedida pelo Sr. Reudesman Lopes Ferreira, no dia 02 de agosto de 2021.

e habilidades dos seus jogadores como também estava aprendendo um pouco das técnicas da equipe adversária, algo muito importante para que a cultura futebolística de Cajazeiras ficasse conhecida não apenas na cidade, mas também em outros lugares da Paraíba. Esses encontros eram importantes para a cultura esportiva. Sobretudo por se tratar de uma partida envolvendo equipes de cidades diferentes atraía o interesse de várias pessoas, fazendo com que o esporte ganhasse cada vez mais adeptos (SOUZA, 2014, p. 100).

O prof. Reudesman nos contou que outro fato marcante ocorrido no futebol de Cajazeiras, no ano de 1973, foi a realização de uma amistoso que teve a presença do jogador Manuel Francisco dos Santos, conhecido popularmente por “Garrincha”, um dos maiores jogadores do futebol brasileiro. Nesse evento, disputaram a partida a equipe do Botafogo, que era uma equipe do futebol amador de Cajazeiras, e o Icasa, da cidade de Juazeiro do Norte. Essa partida marcou a história do futebol cajazeirense, pois nunca na história o município havia recebido a visita de um astro do futebol tão importante assim.

Outro evento que marcou bastante o desenvolvimento deste esporte foi o torneio de abertura do “Campeonato Sertanejão”, realizado no ano de 1969. A competição foi organizada com a participação de vários clubes e teve a colaboração da Federação Paraibana de Futebol. Assim, como afirma Ferreira (2015, p. 83):

[...] Cajazeiras realizou um dos maiores eventos futebolísticos da sua história: o Torneio Início do Campeonato Sertanejão, competição que tinha como patrocinadora a Federação Paraibana de Futebol e que trazia clubes de várias regiões do Estado da Paraíba.

Ao final desse torneio de abertura, foi disputada pela equipe do Santos da cidade de Cajazeiras e a equipe do São Cristóvão da cidade de Bayeux. O campeão da competição foi essa última equipe. Depois da final do torneio de abertura do “Campeonato Sertanejão” as partidas continuaram sendo realizadas pelas demais cidades do estado na modalidade de “jogo de ida e de volta” (duas fases). Esse torneio foi muito importante para Cajazeiras não apenas por ter sido palco de um evento de nível estadual, mas pela maneira que manteve a organização do evento e por ter acolhido de forma simpatizante equipes e torcedores de outras localidades, fato que, evidentemente, movimentou a economia local e o desenvolvimento do esporte no município.

2.2 O Tabajaras Sport Club

O Tabajaras Sport Club foi fundado em 16 de maio de 1944 por alguns desportistas da cidade. A fundação desse time partiu de uma reunião ocorrida em um bar que ficava localizado na Avenida Presidente João Pessoa. Sérgio David foi o primeiro e único presidente do clube futebolístico. Sérgio David era um alfaiate na sociedade cajazeirense. Sua alfaiataria ficava localizada na Rua Tenente Sabino, atualmente, conhecida como “Calçadão”. Apesar de sua profissão não está ligada diretamente ao futebol, Sérgio David, era um cidadão que gostava muito de esporte porque admirava o futebol de clubes profissionais que atuavam no estado de São Paulo. Perceptivelmente, acompanhava os jogos desses times pelo rádio já que este era um dos principais elementos de comunicação da época.

A primeira partida do Tabajaras foi contra a seleção do Icó, do estado do Ceará. Foi um jogo muito disputado com três gols, onde a equipe do Tabajaras venceu a partida por 2x1. A partida foi registrada por Ferreira (2015, p. 235) em sua obra: “Dizem que este jogo foi memorável. O selecionado do Icó veio muito reforçado por grandes jogadores que militavam no futebol cearense. No final, a vitória premiou a melhor capacidade do nosso clube”. O time do Tabajaras agregava os melhores jogadores de Cajazeiras na época. A equipe foi campeã do Campeonato Municipal de 1948. Sua organização e presença dos melhores jogadores no clube foram fundamentais para que no ano de 1949 a equipe conquistasse mais um título. Isso tornou o Tabajaras um dos times mais importantes da cultura futebolística de Cajazeiras. Ferreira (2015, p. 237) comenta sobre a importância que este time estava alcançando:

[...] o Tabajaras Sport Club passou a ser prioridade em requisições para jogos em todo o Norte-Nordeste por parte de autoridades e desportistas de inúmeras cidades. Orgulho do futebol cajazeirense, a equipe era a sensação pela qualidade técnica dos seus jogadores e um time a ser batido em qualquer ocasião.

Essa equipe participou de partidas de futebol em outras cidades ganhando destaque. Entretanto, naquela época não era fácil para uma equipe de futebol sair de um local para outro com um grande contingente de jogadores. Para isso a equipe teria que ter recursos, pois a despesa era alta para locomoção do time. O Tabajaras buscou através da torcida e de possíveis sócios os recursos para investimentos no clube. Apesar de não termos encontrado nenhum documento que comprove a quantidade de sócios que essa equipe tinha, é evidente que o cabeça

principal para o desenvolvimento do clube em meio a tantas dificuldades foi Sérgio David, que se comprometeu em ajudar a equipe.

Na entrevista que realizamos, o entrevistado menciona que Sérgio David buscava investir nos clubes dos quais fundou e naqueles em que foi dirigente. Sua história no esporte da cidade ficou registrada em fotografias e memórias daqueles que o conheceram.

Imagem 5 – Sérgio David ao lado dos troféus conquistados pelos times em que atuou



Acervo: Museu do Futebol de Cajazeiras.

Esta imagem está exposta no Museu do Futebol de Cajazeiras e foi doada por Márcia David Cartaxo, que é neta de Sérgio David, o documento é um registro histórico para o esporte cajazeirense. A imagem é da década de 1970 e fazia parte do álbum de fotografia que pertenceu a personagem. A ilustração registra conquistas de Sérgio David e de clubes em que fez parte como presidente e dirigente.

No centro da foto há dois troféus, o primeiro foi conquistado pelo Santos Esporte Clube em 1964, o segundo que está por trás, também foi uma conquista do Santos em 1966. O troféu que se encontra a esquerda da imagem, ao lado da haste da bandeira, que está no centro da fotografia, foi outra conquista da equipe santista. No que se refere ao troféu conquistado pelo Tabajaras e aos demais que estão na ilustração não conseguimos informações detalhadas.

Sérgio David não era um atleta que praticava o futebol, mas era torcedor do Santos Futebol Clube do estado de São Paulo e fã de Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, considerado um dos maiores atletas do futebol brasileiro e popularmente conhecido por “Rei do Futebol”, inclusive, na imagem apresentada há em uma das bandeiras essa frase embaixo do emblema do Santos Futebol Clube. A primeira bandeira do lado esquerdo faz referência ao time

do Santos Esporte Clube, equipe amadora do futebol cajazeirense, e a terceira imagem do lado esquerdo faz menção ao Esporte Clube Palmeiras, que foi presidida por Sérgio David em 1959.

Ao estudar sobre a história do Tabajaras Sport Club, destaco que essa equipe foi muito importante no desenvolvimento do futebol amador em Cajazeiras a partir da década de 1940 devido à sua organização e conquista de títulos em tão pouco tempo de existência, mas ainda há muito a ser estudado sobre o clube. Por fim, encerro este tópico do estudo destacando a alusão feita pelo prof. Ferreira, durante a entrevista, ao Tabajaras Sport Club, indicando a relevância histórica do clube para o futebol dessa cidade:

Começou a fazer um futebol diferente, um futebol bonito, um futebol “moderno” dado para a época, o Tabajaras foi a bola que propiciou o desenvolvimento do futebol de Cajazeiras¹⁷.

2.3 Santos Esporte Clube e suas denominações

O Santos Esporte Clube, time amador do futebol de Cajazeiras, foi fundado em 1963 por integrantes de uma família que residia na cidade. Esses integrantes pertenciam à família “Caiçara”, de onde partiu a primeira denominação do clube futebolístico: batizado, primeiramente, pela denominação de “Santos Esporte Clube Caiçara”. A fundação dessa equipe surgiu a partir de uma reunião ocorrida na antiga Rua do Tamarindo, atualmente denominada Rua Coronel Guimarães. Nesta reunião estiveram presentes Aprígio dos Santos Caiçara e Joaquim Caiçara, ambos eram membros da família que denominou o primeiro nome do clube. Embora nós tenhamos buscado informações detalhadas sobre os integrantes dessa família não conseguimos obter referências mais específicas. Além deles, também estiveram presentes: João Moreno, que era um cajazeirense, exercia a profissão de sapateiro e foi zagueiro deste time e, Osmídio Lopes Ferreira, que foi servidor público no município de Cajazeiras e fez parte da diretoria do time na função de secretário.

Na leitura que realizamos do livro “A História do Futebol de Cajazeiras” (2015), o autor destaca que existia uma colaboração financeira para este time onde as camisas eram doadas por amigos dos dirigentes que residiam em outros estados, os shorts eram produzidos por costureiras da cidade e as chuteiras eram produzidas pelo sapateiro, o senhor João Moreno. No

¹⁷ Entrevista concedida pelo prof. Ferreira realizada em 02 de agosto de 2021.

entanto, não conseguimos informações mais aprofundadas sobre essas colaborações, mas é evidente que desse feito a equipe começou a ter seu progresso na história do futebol amador da cidade.

Durante a década de 1960, conforme o futebol cajazeirense foi se desenvolvendo e ganhando mais adeptos, o time do Santos também cresceu e as pessoas envolvidas na direção do clube decidiram fazer mudanças na equipe. Uma dessas mudanças foi a entrega do cargo da presidência a Sérgio David; o mesmo fundador do time do Tabajaras, equipe que durante esse período já não se encontrava em atividade no esporte da cidade. Na presidência do clube, o desportista procurou reorganizar a equipe. O primeiro passo dado por ele frente ao clube foi mudar o nome da equipe para “Santos Esporte Clube”, sem o termo “Caiçara”, aludido à família de seus fundadores. A mudança da denominação foi aceita pelos demais integrantes que dirigiam o time e, com isso, o novo nome da equipe foi reconhecido e oficializado pela Liga Cajazeirense de Desportos. Sérgio David buscou melhorar o elenco do time tentando trazer jogadores de outros locais e organizou o treinamento e preparo físico da equipe.

Sob o comando de Sérgio David, o Santos Esporte Clube cresceu rapidamente porque seu presidente e a direção do clube investiram em sua infraestrutura, inclusive, contratando jogadores talentosos de outras cidades, principalmente da cidade de Sousa. A chegada de vários jogadores ao clube transformou o Santos em uma das equipes de futebol mais fortes de Cajazeiras. O excelente preparo físico e desempenho de seus jogadores transformou o clube em uma equipe temida dentro de campo. Perpétuo Correia Lima era o jogador mais habilidoso do time, mais na frente falaremos sobre sua trajetória no futebol cajazeirense. Devido ao reconhecimento de seus atletas e ao crescimento do clube, seus jogos no Estádio Higino Pires Ferreira eram marcados pela presença de um grande público. Ferreira comenta que “o time jogava um futebol de alta qualidade técnica, por isso ver o Santos Esporte Clube jogar era a certeza de um espetáculo com muitos dribles, lançamentos e chutes refinados de Perpétuo” (FERREIRA, 2015, p. 275).

O time do Santos Esporte Clube saiu vitorioso no Campeonato Municipal realizado em 1966. Esta conquista aumentou mais ainda a popularidade da equipe na cidade de Cajazeiras e em outras regiões. No livro “História do Futebol de Cajazeiras” (2015), o autor destaca que esse time fez muitos amistosos fora da cidade. Isso ajudou a cultura futebolística cajazeirense a ficar conhecida em outras regiões. Até no estado do Ceará, o Santos Esporte Clube fez amistosos. O talento de seus jogadores era impressionante. Podemos observar isso na publicação do prof. Francisco Cleudimar F. de Lira em seu Blog “Cajazeirasdeamor”, na qual apresenta as palavras de Eduardo Pereira Filho que recordou momentos vivido no esporte de Cajazeiras:

Até parecia que Perpétuo tinha uma trena imaginária em seu cérebro que media a distância exata do percurso da bola até aos pés de seus companheiros. Era só Biu arremessar para grande área e já vinha de frente Fuba, ou Blu, e dá uma cacetada de cabeça na bola para morrer dentro das redes. Essa é uma jogada clássica, é verdade, mas é preciso saber a hora do bote, é preciso ter a exatidão da bola esticada, e isso não era e não é para qualquer um.¹⁸

Ao longo de sua trajetória no futebol cajazeirense essa equipe conquistou muitos títulos, entre eles devemos destacar os seguintes: foi campeão em 1964 da competição que valia a taça Prefeito Francisco Matias Rolim; também foi campeão no ano de 1965 do Torneio Paraíba-Ceará que envolveu times dos dois estados na disputa pela taça; foi bicampeão do Campeonato Municipal de Cajazeiras realizado em 1965; foi campeão do Campeonato Municipal de Cajazeiras em 1966 (como já mencionado anteriormente) e em 1967; em 1969 o time foi vice-campeão do Torneio Matutão. Todas essas conquistas foi algo muito significativo para um clube que praticava apenas o futebol amador. Estas conquistas foram alcançadas graças ao esforço e dedicação de Sérgio David, evidentemente, um dos maiores desportistas da História do Futebol amador de Cajazeiras, porque além de ter fundado o Tabajaras Sport Club, time que marcou a trajetória do futebol cajazeirense na década de 1940 e 1950, buscou todo esforço e dedicação para melhorar a estrutura e o desempenho do Santos Esporte Clube por meio do incentivo da vinda de jogadores de fora para a equipe e pela busca da colaboração de outros desportistas. Organizou a estruturação interna do time, estipulou horário para os treinos dos jogadores sem prejudicar o trabalho que cada um exercia e estabeleceu um ambiente de disciplina na equipe.

Em relação ao time do Santos, destacamos, primeiramente, a valentia daqueles que não desistiram do clube em momentos difíceis, pois nada naquela época era fácil, como o transporte de vários jogadores a outras localidades para amistosos ou disputa de competições. Outro fator importante na história do clube, é o sucesso da equipe nas conquistas de títulos em algumas competições, e isso representou a grandiosidade que o time alcançou ao longo de sua existência. Um dos desejos de Sérgio David e de alguns desportistas da cidade era ver este time disputando o Campeonato Paraibano de profissionais. O Santos Esporte Clube não entrou para o futebol profissional do estado da Paraíba porque a direção do time não conseguiu mais apoio, colaborações e patrocínios. Porém, mesmo com esse ponto negativo, do que seria algo histórico para o clube e para a cidade, o time do Santos sempre foi capaz de se adaptar ao futebol profissional e de disputar grandes competições.

¹⁸ Radialista na Rádio Nacional de Brasília, atualmente radicado em Brasília, Eduardo Pereira Filho, também é autor do Blog AC2Brasília. Suas memórias, foram publicadas em 2 de novembro de 2011 no site: <http://cajazeirasdeamor.blogspot.com/2011/11/>. Acesso em 13 de janeiro de 2022.

2.4 O Atlético Cajazeirense de Desportos e seus feitos históricos

O Atlético Cajazeirense de Desportos foi fundado no dia 21 de julho de 1948, por um grupo de jovens que estavam atentos à popularização do futebol em Cajazeiras. Mas antes de nos aprofundarmos na história desse time, precisamos esclarecer que escolhemos apresentar este último clube futebolístico por sua importância atualmente. Apesar do Santos Esporte Clube ser fundado posteriormente ao Atlético, foi este time que se manteve e subsiste como símbolo da cultura futebolística cajazeirense. A reunião que resultou na fundação do time, ocorreu no bar “Cova da Onça” que ficava localizado na Rua Epifânio Sobreira.

A primeira formação da diretoria do time do Atlético Cajazeirense de Desportos teve Dr. Higino Pires Ferreira como primeiro presidente da história do clube. Ferreira (2015) destaca que Abdon Cipriano Rocha e José Gonçalves Moreira fizeram parte do grupo dos sócios fundadores do clube. Abdon Cipriano Rocha, se tornou presidente do time no final da década de 1950, e ocupava esse cargo quando a equipe conquistou seu primeiro título, em 1959. Era um cajazeirense que pertencia a elite da cidade. Ele foi um dos principais idealizadores na construção das bancadas internas, arquibancadas e implantação do sistema de iluminação do Estádio Higino Pires Ferreira. José Gonçalves Moreira, era natural da cidade de Bom Jesus, no estado da Paraíba, e desempenhou o cargo de prefeito dessa cidade durante dois mandatos: no Partido Arena (1977-1983) e no PFL (1989 - 1992). Foi jogador do time do Tabajaras, e além de ter participado da fundação do Atlético foi o treinador do time na conquista do primeiro título. Exerceu a função de árbitro na Liga Cajazeirense de Desportos e foi funcionário do Fisco Estadual.

A primeira competição que a equipe participou ao longo de sua história foi o Campeonato Municipal de Cajazeiras, realizado em 1948. Nessa competição, o Atlético Cajazeirense de Desportos foi vice-campeão. No ano seguinte, participou novamente, ficando na mesma colocação. Este clube futebolístico também participou do Campeonato Matutão, realizado no ano de 1955. Este campeonato foi disputado por vários clubes amadores de diferentes cidades do estado da Paraíba e o Atlético Cajazeirense de Desportos se destacou bastante com seus excelentes jogadores e pela sua qualidade técnica: fatores positivos no bom desenvolvimento da equipe na competição. Quatro anos depois deste feito histórico, a Liga Cajazeirense de Desportos organizou um Campeonato Municipal, e o Atlético conquistou um título memorável, assim como afirma Ferreira (2015, p. 437): “Em 1959, o Atlético

Cajazeirense de Desportos é o Campeão Municipal e começa a ser chamado de Academia de Craques pela sua imensa torcida e pelos seus admiradores”. Essa conquista foi o primeiro título conquistado pelo clube ao longo de sua história. Outro feito histórico do clube, mais recente, foi a conquista, no ano de 2002, do título de campeão do Campeonato Paraibano de profissionais, o primeiro a nível profissional e estadual na sua história.

Na cidade de Cajazeiras houve uma exposição, recentemente, na Loja do Armazém Paraíba, localizada no centro da referida cidade, em homenagem aos 73 anos de história do Atlético Cajazeirense de Desportos. Na exposição, o clube foi homenageado com a apresentação de troféus e camisas que representam toda a trajetória histórica do time. Ao visitarmos o local realizamos uma fotografia do troféu oficial do título de campeão municipal conquistado pela equipe no ano de 1959:

Figura 6 – Troféu conquistado pelo Atlético Cajazeirense de Desportos em 1959



Acervo: Cícero de Sales Silva, Cajazeiras, 23 de julho de 2021.

Em pesquisa que realizamos sobre este time de futebol encontramos no jornal Gazeta do Alto Piranhas uma ilustração da formação da equipe que foi vitoriosa no Campeonato Municipal de 1959, na qual o colunista homenageia o clube pelos 73 anos de história e apresenta uma imagem com o nome dos jogadores que se empenharam com todo esforço na conquista do título.

Figura 7 – Jogadores do Atlético Cajazeirense de Desportos com a faixa de campeão municipal em 1959



Fonte: Jornal Gazeta do Alto Piranhas. Cajazeiras, 23 a 29 de julho de 2021.

O Atlético Cajazeirense de Desportos é conhecido popularmente no município por “trovão azul do sertão”. Essa expressão surgiu a partir de uma partida de futebol que foi realizada na Capital do estado. Na entrevista que realizamos, Reudesman Lopes Ferreira recorda como foi essa partida:

Um jogo realizado em João Pessoa, no estádio Leonardo Vinagre da Silveira, também conhecido como estádio da graça. Então, nós fomos jogar lá contra o Santos de Itereré à noite. Eu estava presente nesse jogo. Meu companheiro! Caiu um dilúvio ninguém via ninguém. O Atlético meteu 3 a 0, eu não sei se foi três gols de garrinchinha, mas garrinchinha foi o artilheiro daquela época. E aí o locutor Atabastor Chaves da Rádio Tabajaras disse: “esse time é um trovão”, por causa da chuva que o time deslanchou, então ficou “trovão azul do sertão”¹⁹.

¹⁹ Entrevista concedida pelo prof. Reudesman Lopes Ferreira, 02 de agosto de 2021.

A primeira torcida organizada que este clube futebolístico teve foi fundada na década de 1980 através de reuniões entre amigos, às quais sempre ocorriam no período noturno. O entrevistado fez parte dessa torcida que se chamava “Farofão” e nos contou um pouco da história:

A história da farofão foi toda construída aqui na Praça Presidente João Pessoa. Eu sou um dos farofeiros da época, então a gente vinha para cá e começava a conversar: eu, Aranha que jogou no Atlético da década de 1940, Cabo Vicente, Aderbal, Tarcísio Cartaxo e depois vieram outros. A gente ficava conversando e qualquer coisa dizia: farofa! Vai chegar um jogador: farofa! Conversa, não ia chegar era nada. E aí de tanto sair essa palavra a nossa torcida passou a se chamar farofão²⁰.

Podemos perceber no depoimento do entrevistado que quando era utilizada a expressão farofa! na verdade, se ironizava a expectativa de um torcedor participante da conversa como se o que fora dito fosse um assunto sem fundamento, ou seja, algo sem sentido. Foi nesse diálogo de ironia entre amigos que surgiu a denominação da primeira torcida organizada do Atlético Cajazeirense de Desportos. A segunda torcida organizada desse clube foi a “Tou Feliz”, que foi criada por moradores da Rua Felismino Coelho. Apesar do entrevistado informar da existência dessa torcida organizada do trovão azul do sertão, não obtivemos informações mais detalhadas a respeito dessa organização de torcedores. Mas é evidente que o Atlético Cajazeirense de Desportos com o passar dos anos despertou uma paixão pelo modo de torcer em pessoas que residiam nesta cidade. A terceira torcida organizada que esse time de futebol teve foi a Mancha Azul, ela é atualmente a torcida que está em atividade torcendo pelo clube. Fundada em 2002, a Mancha Azul, segundo Ferreira (2015), conta com mais de trezentos sócios que sempre estão presentes no estádio incentivando e apoiando o Atlético na disputa em busca da vitória contra qualquer equipe adversária.

Segundo o prof. Reudesman Ferreira, o ano de 1985, foi um grande momento na história do futebol cajazeirense porque o ex-governador do estado da Paraíba, Wilson Leite Braga, contratou a equipe do Nacional Atlético Clube de Cabedelo para representar a cidade de Cajazeiras no Campeonato Paraibano. Isso ocorre porque, neste mesmo ano, houve a inauguração do estádio construído pelo governo estadual no município para a prática do futebol profissional. Evidentemente, o governo não queria apenas entregar uma praça para a prática desse esporte sem ter um clube profissionalizado no local. Neste sentido, o governo realizou um contrato com o Nacional da cidade de Cabedelo para retratar Cajazeiras no futebol

²⁰ Palavras do Sr. Reudesman Lopes Ferreira, Cajazeiras, 02 de agosto de 2021.

profissional e, dessa forma, o município passou a ter, novamente, um clube representando o seu esporte no cenário estadual. Alguns dirigentes do Atlético Cajazeirense de Desportos participaram da reunião que ocorreu entre o governo do estado e os representantes da equipe do Nacional para oficializar o contrato de transferência do clube para Cajazeiras.

Os dirigentes do Atlético Cajazeirense de Desportos que se fizeram presentes na reunião foram: Dr. Higino Pires Ferreira e, Taciano Granjeiro Sampaio. Este último foi presidente da equipe do Duque de Caxias, do futebol amador de Cajazeiras, e também um dos responsáveis na conquista da oficialização da Liga Cajazeirense de Desportos. Foi através de Sampaio que o Vasco da Gama, do estado do Rio de Janeiro, participou de um amistoso contra o Atlético de Cajazeiras em maio de 1985. Além desses dois dirigentes, também esteve presente na reunião o Sr. Reudesman Lopes Ferreira, que na época era o presidente da Liga Cajazeirense de Desportos.

O presidente da Liga foi convidado para fazer parte da comissão técnica do Nacional Atlético Clube. O prof. Reudesman Ferreira aceitou o convite e passou a ser o preparador físico da equipe. Sua trajetória no clube começou em 1985 e ele nos contou um pouco como era o preparo físico dos jogadores naquela época destacando um jogo que o time participou no Campeonato Paraibano:

Eu fui o primeiro preparador físico do Atlético em 1985. Lembro do primeiro jogo, Atlético X Treze em Campina Grande no estádio Presidente Vargas eu era o preparador físico do Atlético. Nós fomos para Campina Grande, o aquecimento não era dentro do estádio era no estacionamento. Eu aqueci o time e quando a gente foi saindo a gente viu a torcida gritando: “time de matuto”!, com nós, com nosso time, “isso é um time de matuto”. Isso foi usado no vestiário, nós usamos isso no vestiário e o treinador era Mozard. Mozard foi jogador do Treze durante dez anos, o nosso treinador. Enquanto o jogo, um jogo, o Treze era um timaço, empatamos o jogo em 0 a 0. Quando nós saímos houve uma fala de como nosso time correu: “esse time está correndo demais”, “esse time tomou o quê”? Mozard começou a rir, aí chamou o camarada e disse: vá perguntar aquele rapaz ali. Comigo. Eu ouvi e disse: olha, trabalho, você não sabe onde a gente faz preparo físico. Naquele tempo não tinha máquina, não tinha nada, eu levava o time para treinar lá no Cristo Rei, nós subíamos aquela ladeira que na época não tinha um calçamento²¹.

De acordo com o prof. Reudesman, o Atlético lhe pagava pelo seu trabalho de preparador físico quando a equipe ganhava algum prêmio, caso contrário ele não exigia nada. O que ele queria mesmo era ajudar a equipe a crescer e a prosperar no futebol paraibano. Ele ainda nos contou que o primeiro patrocinador oficial do Atlético Cajazeirense de Desportos foi

²¹ Prof. Reudesman Lopes Ferreira, entrevista concedida em 02 de agosto de 2021.

a Solinhares, no ano de 1997. O patrocínio que a equipe ganhava da Solinhares não era recurso financeiro, mas calções, camisas e meias. Essas contribuições foram fundamentais no desenvolvimento desse clube futebolístico ao longo do tempo.

No início da década de 1990, ocorreu o fim do contrato entre o governo do estado e o Nacional Atlético Clube. A partir desse momento, Cajazeiras estava novamente sem um clube profissional no cenário do esporte paraibano. Os dirigentes do Atlético Cajazeirense de Desportos iniciaram a luta para conseguir levar o clube com seu nome oficial para a categoria profissional. O primeiro passo dado foi a inscrição da equipe na Copa Integração, que foi uma competição organizada pela Federação Paraibana de Futebol, em 1991, que levaria o primeiro e o segundo colocado para o Campeonato Paraibano de Profissionais. Os desportistas do município e os dirigentes se organizaram para montar a equipe e conseguir apoio financeiro para contratar jogadores e realizar viagens para participação em jogos. Ferreira (2015, p. 543) comenta alguns nomes de jogadores que fizeram parte do elenco e destaca: “o goleiro Cida, que trouxe uma segurança para o time; Herculano, Mazinho, um lateral que, em muitas temporadas, se destacou na lateral esquerda do Atlético; galeguinho, atacante supaveloz e driblador; e Biro-Biro, que veio de Campina Grande”. A equipe foi bem na competição e conquistou a segunda colocação garantindo sua vaga no futebol profissional da Paraíba. Assim, o Atlético Cajazeirense de Desportos entrou para o futebol profissional paraibano com seu nome oficial a partir de 1992, após a conquista de vice-campeão da Copa Integração.

A escrita sobre o Atlético Cajazeirense de Desportos levanta a importância deste clube para o desenvolvimento do futebol em Cajazeiras. Primeiramente, diferente dos demais times, resistiu a todas as dificuldades que existiram desde a época de sua fundação e graças a seus grandes feitos se tornou um time esplêndido que ainda hoje atua no futebol do município; e finalmente, o Atlético Cajazeirense de Desportos foi responsável por levar a cultura do futebol da cidade para as demais regiões da Paraíba quando começou a atuar no futebol profissional.

CAPÍTULO III

O CRAQUE DO FUTEBOL CAJAZEIRENSE: UMA HISTÓRIA A SER CONTADA

Neste último capítulo buscaremos apresentar a história de Perpétuo Correia Lima uma das principais figuras que marcou a trajetória do futebol na cidade de Cajazeiras. Iremos discutir como esse jogador se tornou importante no desenvolvimento desse esporte no município enfatizando alguns times que ele participou e se destacou ao longo de sua carreira. Além disso, destacaremos quando o futebol profissional começou a ser praticado na cidade de Cajazeiras e porque o atual estádio de futebol da cidade é chamado de Perpétuo Correia Lima: “O Perpetão” e não Wilson Leite Braga²²: “Wilsão” tal como consta em jornais e revistas da época de sua inauguração.

3.1 A história de Perpétuo Correia Lima

Na medida em que o futebol foi evoluindo na cidade de Cajazeiras muitas figuras importantes foram surgindo e se destacando na cultura futebolística do município.

Segundo Silva (2019, p. 33): “[...] o futebol não se constitui apenas de jogos, mas também de torcedores, financiadores e jogadores, algumas vezes, de jogadores notáveis”. É na década de 1950 que, em Cajazeiras, surge o jogador de futebol Perpétuo Correia Lima. Com apenas 17 anos começou sua carreira jogando pelo Vasco da Gama²³ de Edson Feitosa. Neste clube começou a se destacar com o sucesso de seus gols realizados e dribles encantadores que admiravam os torcedores que ficavam na beira de campo. Em entrevista realizada com Reudesman Lopes Ferreira, contou-nos sobre uma partida épica em que Perpétuo Correia Lima

²² Wilson Leite Braga foi governador do estado da Paraíba entre os anos de 1983 e 1985.

²³ Este clube amador surgiu em Cajazeiras durante a década de 1950. Como afirma Ferreira (2015, p. 259): “O Vasco da Gama da cidade de Cajazeiras foi criado pelo botafoguense Edson Feitosa no final dos anos 50”.

marcou todos os gols da vitória do Vasco da Gama diante de uma equipe da cidade de Salgueiro, do estado de Pernambuco:

O jogo começou, o time de Salgueiro fez um gol, fez dois gols, fez três gols. 3x0, terminou o primeiro tempo. No vestiário Perpétuo disse: “nós vamos ganhar esse jogo”. Perpétuo fez quatro gols e o Vasco ganhou de 4x3. Seu Edson Feitosa falou que essa foi a maior partida que viu Perpétuo jogar. Perpétuo não era de correr atrás da bola. A bola tinha que chegar nos pés dele. Perpétuo não era marcador, não marcava, mas a bola chegando no pé dele era um craque fora de série²⁴.

Provavelmente, esse feito histórico do jogador nessa partida deve ter repercutido no estado de Pernambuco. As partidas em que ele jogou transcenderam o campo de futebol e alcançaram as notícias em jornais. Podemos observar isso no acervo de um jornal que encontramos no livro: “História do Futebol de Cajazeiras” (FERREIRA, 2015). O acervo apresenta Perpétuo sendo o artilheiro de uma competição pelo time do Quixadá Esporte Clube, do estado do Ceará, equipe que esse jogador atuou durante a década de 1960. Na equipe fez muito sucesso resultando em destacar-se e torna-se conhecido em várias cidades cearenses. No recorte de jornal apresentado abaixo, Perpétuo é o segundo jogador agachado da esquerda para direita:

Figura 8 – Jornal noticiando o sucesso da equipe do Quixadá FC



Fonte: FERREIRA (2015, p. 626).

²⁴ Entrevista concedida pelo prof. Reudesman Lopes Ferreira, 02 de agosto de 2021.

O craque do futebol cajazeirense ajudou o time da cidade do Quixadá a crescer e junto à equipe fez sua marca histórica durante sua trajetória no futebol. Perpétuo foi um importante jogador na época em que o futebol amador estava se desenvolvendo em grande escala no município de Cajazeiras. Em boa parte de sua carreira esteve entre os melhores jogadores devido ao seu talento com a bola. O craque cajazeirense jogou em muitos times amadores de sua cidade natal e buscou se esforçar para obter a vitória nas equipes em que atuou. Muito jovem se destacou em alguns jogos e na maioria das vezes marcou gols utilizando tanto a perna esquerda quanto a direita. Todo esse talento despertou olhares de muitos desportistas da época. Ferreira (2015, p. 611) comenta que:

Foram muitos os dirigentes do futebol nacional que aportaram por aqui, primeiro para vê-lo jogar e checarem as informações se verdadeiras ou não do que se comentava sobre a sua técnica e a sua habilidade lá fora, depois para tentarem convencer o nosso craque a atuar pelas suas cidades e os seus clubes, tarefa quase impossível de realização.

Perpétuo ainda jogou em alguns clubes fora da cidade de Cajazeiras, mas sempre retornava ao seu lugar de origem. Esse craque atuou pelo Nacional de Patos e através deste time teve contato com jogadores de alta qualidade técnica. Isto contribuiu para que este jogador ganhasse mais experiência na prática do futebol, ao mesmo tempo em que mostrou para esses jogadores o que ele havia adquirido no futebol cajazeirense. Acreditamos que este fato foi muito importante na difusão do futebol amador de Cajazeiras para outras localidades.

O time da cidade de Patos era chamado na época de “canário do sertão”. Esta equipe fez história em grandes conquistas no futebol patoense. Além do Nacional de Patos, Perpétuo Correia Lima jogou em vários clubes de outras cidades, mas sua paixão residia em sua cidade natal: o futebol cajazeirense. O craque chegou a recusar propostas que o levariam definitivamente para longe de Cajazeiras porque o seu interesse repousava em jogar pelos clubes de futebol da sua terra natal.

No final da década de 1950, Perpétuo jogou no Atlético Cajazeirense de Desportos. Pela equipe o craque atuou apenas em amistosos, ou seja, não disputou nenhum campeonato. Mesmo assim se destacou bastante no clube. Por esta equipe, foi reconhecido não só em Cajazeiras, mas também em outras cidades. Isto contribuiu para que o talento de Perpétuo ficasse conhecido em vários lugares, fato muito importante no início da sua trajetória no futebol. Sua passagem pelo Atlético foi importantíssima, pois todo o destaque que o atleta alcançou neste time contribuiu para sua entrada em outros clubes da cidade.

Durante a década de 1960, o craque cajazeirense jogou uma temporada pelo Santos Esporte Clube. Ele foi um importante jogador no início da trajetória do clube, presença constante nas listas de melhores jogadores e era figura carimbada no time santista. Foi o principal jogador do Santos na conquista dos primeiros títulos do clube, tanto em amistosos que o Santos fez dentro como fora de Cajazeiras. Os jornais da época destacavam sua habilidade, sua leveza e o fino trato com a bola, sendo constantemente cobiçado por outros times. Ao longo de sua carreira no futebol a maior parte dos jogos realizados foi no time do Santos e foi com essa camisa do clube santista que se consagrou campeão em vários campeonatos organizados pela Liga Cajazeirense de Desportos. Além disso, participou de partidas memoráveis pelo clube. Uma delas foi contra o time do São Cristóvão, do estado do Rio de Janeiro. Esta partida foi realizada durante o período noturno no Estádio Higino Pires Ferreira. O prof. Ferreira nos contou que o Santos venceu o São Cristóvão pelo placar de 3x2 com destaque para Perpétuo Correia Lima que fez grandes lances ao longo da partida encantando os dirigentes da equipe do Rio de Janeiro, inclusive, a direção da equipe do Rio de Janeiro procurou o atleta cajazeirense pela cidade com o objetivo de levá-lo para o futebol carioca, mas não alcançaram o desejo²⁵.

Ídolo do futebol cajazeirense, Perpétuo gostava muito de crianças. Às vezes quando estava de folga ia ao Estádio Higino Pires Ferreira ensinar para os aprendizes e curiosos algumas habilidades com a bola de futebol. O professor Reudesman nos contou que presenciou um desses momentos de ensinamento do jogador:

Nesse dia eu fui mais cedo, acho que era umas duas horas da tarde. Quando eu cheguei Perpétuo estava no campo com uns dois ou três meninos com uma bola Pelé, naquela época a bola Pelé era a bola “canarinho”, nós chamávamos de bola Pelé, uma bola vermelha, pesava muito. Perpétuo disse: “olha vou colocar essa bola cinco vezes no travessão”. Aí ele chutou: a primeira vez, bola no travessão; a segunda vez, bola no travessão; a terceira vez, bola no travessão; a quarta vez, bola no travessão; a quinta vez, bola no travessão. E eu lá na arquibancada só olhando para ele, e ele só brincando com os meninos. Ele tinha um time, ele formou o time com os meninos da redondeza da Praça João Pessoa²⁶.

Perpétuo contribuiu para a disseminação da prática deste esporte através do ensino do trato com a bola para a criançada, passando-lhes várias habilidades e motivando esses garotos a praticarem este esporte. Essa atitude do jogador foi uma maneira de incentivo para que a prática do futebol prevalecesse viva na sociedade cajazeirense. O uniforme do seu time de

²⁵ Essas informações foram adquiridas na entrevista concedida pelo prof. Ferreira em 02 de agosto de 2021.

²⁶ Entrevista concedida pelo Sr. Reudesman Lopes Ferreira em 02 de agosto de 2021.

garotos era com camisas na cor branca com gola preta e o short também na cor preta, ou seja, semelhante ao uniforme do Santos Esporte Clube que foi a equipe em que ele atuou maior tempo como atleta. Apesar da gente ter obtido essas informações com o Prof. Reudesman a respeito deste time de Perpétuo Correia Lima, composto por crianças, não encontramos nenhum documento destacando alguma partida do time infantil, mas o pouco de informações que se têm já nos faz perceber a importância que o craque do futebol cajazeirense teve ao longo de sua carreira no incentivo com as crianças dessa cidade. Aqueles garotos que estiveram ao seu lado, provavelmente, aprenderam muito sobre esse esporte através do ídolo do futebol cajazeirense.

Perpétuo Correia Lima atuou como jogador profissional durante a década de 1970 pelo Botafogo Futebol Clube²⁷, na qual disputou o Campeonato Paraibano de profissionais. Sua passagem por esse clube foi importante não apenas na sua carreira como jogador profissional de futebol, mas também por ter feito parte do primeiro clube da cidade que disputou um campeonato de nível estadual contra equipes muito fortes e bem-preparadas estrategicamente e com jogadores bem capacitados. Embora o Botafogo tenha se destacado em algumas partidas do Campeonato Paraibano, o clube não recebeu forte apoio de patrocinadores para permanecer nas demais temporadas, por isso não pode continuar disputando o campeonato. Este fato prejudicou não apenas o time, mas também a carreira dos jogadores. Alguns deles voltaram a jogar em times amadores como é o caso de Perpétuo.

Esse atleta foi uma figura muito querida na cidade. Pessoas de todas as idades admiravam seu futebol. Isso é comprovado com o grande público que se fazia presente nos jogos no Estádio Higino Pires Ferreira, especialmente quando ele ia participar. Era um craque muito cobiçado por equipes de vários lugares. Por onde passou, deixou sua marca de muito talento e habilidades registradas. Certamente, em nossa opinião, foi um dos maiores jogadores de futebol que a cidade de Cajazeiras já teve. Mesmo após sua morte, em 1977, em virtude do tétano, ele continuou a ser muito admirado na cidade. Seu falecimento foi uma notícia que sensibilizou a sociedade cajazeirense, reconhecendo-se sua importância para o futebol desenvolvido na cidade; um “craque” que mostrou às crianças a maneira de praticar este esporte. Além disso, deixou muitas contribuições no futebol cajazeirense porque ajudou muitas equipes a crescer com conquistas de títulos. Atualmente há em Cajazeiras um estádio de futebol e uma rua, localizada no Bairro Ronaldo Cunha Lima, que levam o nome de “Perpétuo Correia

²⁷ Segundo Ferreira (2015, p. 521): “ o Botafogo Futebol Clube de Cajazeiras foi fundado em 1974 pelos desportistas Raimundo Lázaro, Eurivo Donato, Ionas Dunga, Sargento Afonso, Pedro da Mina e, ainda, contou com participações decisivas em ações e trabalho de Dr. Iemirton Braga, Dr. Iramirton Braga, Dr. Higino Pires Ferreira, Etiene, Dr. Francisco das Chagas Feitosa, Cabo Vicente, entre outros”. O autor ainda destaca que o clube foi formado para representar a cidade de Cajazeiras no Campeonato Paraibano.

Lima” para homenageá-lo. Tanto o estádio quanto a rua, que levam seu nome, são maneiras de representar a imagem daquele que foi um dos maiores atletas da história do futebol cajazeirense.

3.2 O futebol profissional em Cajazeiras e o estádio de futebol

O processo de introdução do futebol em Cajazeiras não se difere muito em relação a outros lugares do país, sendo, em sua essência, trazido por pessoas de fora da cidade. Um fator de extrema importância para o desenvolvimento do futebol de Cajazeiras foi o início da sua prática profissional, no município, durante a década de 1970. Com a inauguração do Estádio Higino Pires Ferreira, na década de 1940, e a implantação do sistema de iluminação e a construção das arquibancadas e da cabine de rádio que foi algo de representatividade da modernização do estádio naquela época, os desportistas começaram a pensar em uma possível profissionalização deste esporte no município. Esse desejo se tornou mais intenso nas décadas de 1950, 1960 e 1970 devido ao surgimento de muitos clubes. Em virtude desses fatores e do pedido de muitos desportistas, o ex-deputado estadual, Dr. Edme Tavares, que foi jogador do Esporte Clube Palmeiras na década de 1950, equipe amadora do futebol cajazeirense, lutou na Assembleia Estadual da Paraíba para obter a profissionalização do futebol em Cajazeiras na qual obteve o êxito em 1974 ao conseguir uma vaga no Campeonato Paraibano para algum time da cidade. Tal marco aconteceu porque, somente, o desejo dos desportistas da cidade por si só não era suficiente para alcançar a profissionalização. Para isso acontecer foi necessário ter o apoio de pessoas com maior representação e influência com o governo estadual, e foi justamente nesse contexto que o futebol cajazeirense recebeu o apoio de Dr. Edme Tavares.

Neste período, no município de Cajazeiras, não havia nenhum clube bem estruturado e padronizado para enfrentar um campeonato de alto nível. Este era um dos problemas que muitos desportistas da época tiveram que enfrentar. Como a entrada de uma equipe da cidade no campeonato daria visibilidade ao processo de sua profissionalização do esporte, os dirigentes e moradores com forte influência na sociedade cajazeirense se reuniram e fundaram o Botafogo Futebol Clube para representar Cajazeiras no Campeonato Paraibano daquele ano. Entre essas pessoas merece destaque o senhor Dr. Higino Pires Ferreira, que mais uma vez se empenhou em ajudar o futebol cajazeirense a progredir. O Botafogo Futebol Clube foi o primeiro time de Cajazeiras a disputar uma competição a nível profissional. Este acontecimento repercutiu em

alguns jornais da época. Em relação a formação do Botafogo, os dirigentes do clube negociaram a vinda de jogadores do estado de Pernambuco e do Ceará. Ferreira (2015, p. 522) comenta:

Depois da negociação entre o clube cajazeirense e os clubes cearenses, os jogadores desembarcaram em Cajazeiras para o início dos treinamentos visando a participação do time no Torneio Início do Campeonato Paraibano. A base principal inicial do Botafogo Futebol Clube de Cajazeiras veio da equipe do “Calouros do Ar” que, naquela época, era tido como uma potência. Para somar junto aos atletas vindos dos clubes do futebol profissional da capital alencariana, a direção do Botafogo local ainda contratou alguns jogadores que eram tidos como grandes destaques no futebol do interior pernambucano e que viriam completar, pelo menos para início dos trabalhos, o grupo de atletas para começar o campeonato.

Essas contratações de jogadores de outras localidades foram necessárias porque em Cajazeiras não havia um número de jogadores suficiente e bem qualificados para compor o time. O jogador cajazeirense que estava no auge neste período era Perpétuo Correia Lima que também passou a fazer parte do grupo de atletas do Botafogo. O primeiro jogo que essa equipe disputou pelo Campeonato Paraibano ocorreu no estádio Higino Pires Ferreira e contou com a presença de muitas pessoas que foram torcer para o clube. Esta partida foi realizada no dia 17 de março de 1974 contra o time do Nacional de Patos e a equipe do Botafogo da cidade de Cajazeiras venceu o jogo pelo placar de 1x0. O time cajazeirense terminou o primeiro turno do campeonato na quarta colocação com o número total de quatro vitórias, dois empates e três derrotas. No segundo turno, a equipe cajazeirense obteve duas vitórias, três empates e duas derrotas. O bom desempenho do Botafogo da cidade de Cajazeiras no Campeonato Paraibano foi destaque em alguns jornais esportivos da época. Embora a equipe do Botafogo tenha se saído bem no Campeonato Paraibano de 1974, o clube não conseguiu se manter para as próximas temporadas devido à falta de patrocínio para melhorar a estrutura e o padrão econômico do clube futebolístico ocasionando, assim, o fim da trajetória do time.

Neste período, a Liga Cajazeirense de Desportos ainda não era filiada à Federação Paraibana de Futebol e o desejo de muitos desportistas da época era vê-la oficializada por essa entidade, já que isso seria algo favorável tanto para o desenvolvimento do esporte no município como também para revelar grandes clubes e jogadores que de alguma forma poderiam favorecer o surgimento de novos clubes para ingressar no futebol profissional do estado da Paraíba.

Foram vários anos de luta para que a Liga Cajazeirense de Desportos se tornasse filiada à Federação Paraibana de Futebol. Depois de várias reuniões entre o governador do estado da Paraíba, Wilson Leite Braga, o presidente da Federação Paraibana de Futebol, o senhor Juracy Pedro Gomes, e o presidente da Liga Cajazeirense de Desportos, o professor Reudesman Lopes

Ferreira, a LCD foi oficializada em 16 de setembro de 1984, tornando-se filiada à Federação Paraibana de Futebol. Com essa grande conquista, o futebol cajazeirense progrediu na cultura futebolística do município. Ao realizarmos uma entrevista com o professor Reudesman, que foi o presidente da Liga Cajazeirense de Desportos na época de sua filiação, nos contou como foi esse processo:

Quando eu cheguei de João Pessoa ao terminar meu curso em 1980 e voltei para Cajazeiras, e queria ajudar o futebol de alguma maneira. E a maneira que eu encontrei naquele momento foi ser o presidente da Liga, então eu fui o presidente da Liga. E em 1984 quando o Atlético entrou ou ia entrar para o Campeonato Paraibano de Futebol era obrigatório que a Liga fosse oficializada. Até então a Liga não era oficializada. O que é oficializada? É ter direito a vez, é ter direito a voto, isso lá na Federação Paraibana de Futebol. E em 1984, graças ao governador Wilson Leite Braga e ainda graças ao ex-presidente da Federação Paraibana de Futebol, Juracy Pedro Gomes, aconteceu uma reunião aqui na Câmara Municipal e nós saímos daqui com a Liga praticamente oficializada, só faltava a parte documental. Eu, a mando do governador e do presidente da Federação Paraibana de Futebol viajei a João Pessoa e organizamos toda a parte de oficialização da Liga, e quando voltei de João Pessoa a Liga já veio oficializada²⁸.

Depois que a liga foi oficializada, os desportistas do município e os integrantes da LCD continuaram sua luta para conseguir a entrada, novamente, de um time da cidade no Campeonato Paraibano de profissionais. A conquista deste objetivo não demorou muito. Para o prof. Reudesman foi o governador do estado da Paraíba, Wilson Leite Braga, que ajudou o futebol cajazeirense a participar da competição estadual contratando o nome do Nacional Atlético Clube de Cabedelo para representar Cajazeiras no campeonato estadual. Desse modo, a cidade de Cajazeiras passava a ter mais um clube profissional participando de uma grande competição.

Neste período, o futebol já era um esporte muito popular na cidade. Essa popularidade teve início em meados da década de 1920 quando tem a formação dos primeiros times. Esse processo de formação de clubes se tornou mais intenso a partir da década de 1940 ao mesmo tempo em que ocorreu a edificação do estádio Higino Pires Ferreira. Tudo isso representou o desenvolvimento do esporte no local e o futebol foi um dos elementos de novidade no contexto histórico e cultural da cidade, assim como destaca Silva Filho (1999, p. 298):

A aquisição de ícones como automóveis, cinema, futebol, jornais, clubes recreativos e o crescimento urbano com a construção de imóveis, calçamento de ruas e construções de praças, entre outros, eram mudanças que davam as

²⁸ Entrevista concedida pelo Sr. Reudesman Lopes Ferreira em 02 de agosto de 2021.

pessoas da cidade a sensação de novidade, que preparava o imaginário coletivo como uma renovação civilizadora.

Durante a década de 1980, houve a construção de um estádio para a prática de futebol profissional em Cajazeiras. Esse estádio representou não apenas o processo de desenvolvimento do futebol como também o desenvolvimento urbano e cultural do município. Construir um estádio que comportasse um grandioso número de espectadores exigiria a aquisição de um espaço com expressivas dimensões. Essa tarefa ficou na responsabilidade do prefeito de Cajazeiras, Dr. Epitácio Leite Rolim²⁹, que na época obteve o terreno que ficava localizado na entrada da cidade. Entretanto, a prefeitura não disponibilizou renda suficiente para cobrir o valor do imóvel, cabendo ao prefeito solicitar ajuda à Câmara Municipal.

Ferreira (2015, p. 149) discorre:

A Prefeitura Municipal de Cajazeiras solicitou junto à Câmara Municipal de Cajazeiras crédito para complemento do valor aprovado e sancionado pelo Prefeito Dr. Epitácio Leite Rolim, valor que foi tomado por empréstimo junto à ENARC para pagamento do terreno, bem como para outras despesas junto a outros órgãos para a oficialização deste.

Após a aquisição do terreno o governo do estado autorizou o início da obra do mais novo e moderno estádio da cidade de Cajazeiras. A obra teve início em 1984 e só seria concluída em 1985. Mesmo sem estar totalmente concluída, houve uma partida de futebol em 4 de novembro de 1984 com a presença de alguns entusiastas do esporte. O jogo foi disputado por dois times da capital do estado da Paraíba, o Botafogo de João Pessoa e o Auto Esporte, também de João Pessoa. O placar da partida terminou em 4x2, com a vitória da equipe do Botafogo. O primeiro gol que foi realizado no novo estádio da cidade de Cajazeiras ocorreu aos trinta e seis minutos do primeiro tempo e foi marcado pelo atleta Haroldo, da equipe do Auto Esporte. Pouco tempo depois da realização dessa partida de futebol as entidades responsáveis pela construção do estádio começaram a organizar sua inauguração. Isto repercutiu em vários jornais da época exaltando o trabalho do governador Wilson Leite Braga e a grande obra do estádio que foi uma conquista relevante para o futebol cajazeirense.

A construção desse estádio tornou-se um marco fundamental do futebol cajazeirense, pois sua edificação se deu num momento-chave de transformações urbanas, correlacionadas

²⁹ Epitácio Leite Rolim foi prefeito de Cajazeiras durante três mandatos: o primeiro de 1969 a 1973; o segundo de 1983 a 1988; o terceiro de 1997 a 2000.

Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_prefeitos_de_Cajazeiras >. Acesso em: 9 de janeiro de 2022.

com o desenvolvimento do futebol profissional no município. A entrega desse estádio à população de Cajazeiras ocorreu no dia 27 de janeiro de 1985 em meio a muitos festejos, nos quais predominaram elementos simbólicos. Entre eles, podemos destacar o pontapé inicial que foi dado pelo governador do estado da Paraíba, Wilson Leite Braga, que chutou a bola para dar início a partida de futebol inaugural do estádio entre os times: “Quarto Centenário” de João Pessoa e uma Seleção de Cajazeiras. Vejamos abaixo a imagem do início da partida:

Figura 9 – Pontapé inicial na inauguração do novo estádio de futebol de Cajazeiras



Fonte: Ferreira (2015, p. 161).

Para muitos torcedores da época, esse estádio significou um espaço especial por manifestar a paixão pelo futebol, e, na lembrança de muitos deles, ficaram retidas as imagens de grandes jogos, os times e os jogadores. Depois que o estádio foi inaugurado, as partidas que seriam realizadas só poderiam ocorrer no período diurno porque ainda não havia o sistema de iluminação. No entanto, os desportistas da época buscaram maneiras de conseguirem trazer para o mais novo estádio da cidade um sistema de iluminação. Este objetivo foi alcançado nove anos depois da inauguração, ou seja, em 1994, quando o governador do estado da Paraíba, Ronaldo da Cunha Lima³⁰, autorizou a implantação do sistema de iluminação no estádio. Este acontecimento foi saudado pelo jornal Gazeta do Alto Piranhas da seguinte maneira:

³⁰ Ronaldo Cunha Lima foi governador do estado da Paraíba entre os anos de 1991 e 1994. Disponível em: < <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2012/07/ronaldo-cunha-lima-construiu-quase-50-anos-carreira-politica.html> >. Acesso em: 7 de janeiro de 2022.

Quando governador, o poeta Ronaldo Cunha Lima atendendo um pedido do Prefeito de Cajazeiras à época, José Nello Zerinho Rodrigues, investiu e posteriormente em um moderno sistema de iluminação e, desta forma, passamos a ter partidas de futebol no período noturno e isso contribuiu por demais com os clubes da cidade.³¹

O sistema de iluminação que foi colocado no estádio representou mais um avanço no esporte do município. Muitas partidas foram realizadas à noite no novo estádio de futebol da cidade de Cajazeiras. Anos se passaram e sempre os desportistas locais lutaram por melhorias e modernidades físicas no estádio. Um exemplo disso, que representou um marco na história do estádio, foi a primeira partida de futebol transmitida pela TV realizada no estádio em 24 de janeiro de 2007. Antes dessa data, nunca havia sido transmitido um jogo no estádio por meio de câmeras. A partida foi disputada pela equipe do Atlético Cajazeirense de Desportos contra o time do Treze Futebol Clube, da cidade de Campina Grande. O placar desse jogo foi 0x0. Outra grande conquista alcançada pelos desportistas da cidade de Cajazeiras foi a ampliação das arquibancadas, pois até o ano de 2013 só havia espaço para acomodação de torcedores em um dos lados do estádio. Com a obra realizada pelo governo do estado da Paraíba, o estádio passou a receber um maior público. Isto representou mais um avanço na difusão e apoio do futebol cajazeirense.

Devemos destacar que foi neste estádio de futebol que o Atlético Cajazeirense de Desportos conquistou seu primeiro título como uma equipe profissional. Este fato ocorreu no dia 28 de julho de 2002, quando a equipe atleticana entrou no estádio para enfrentar o time do Campinense Esporte Clube, da cidade de Campina Grande. O episódio desta partida de futebol foi curioso porque o Estádio Perpétuo Correia Lima lotou as arquibancadas de torcedores atleticanos para apoiar o clube na partida final, mas a equipe do Campinense não compareceu para a realização do jogo. Caso alguma equipe não comparecesse para a realização de algum jogo, a outra equipe seria a vencedora, esta era regra na competição e, sendo assim, o Atlético consagrou-se campeão paraibano sem necessitar entrar em campo para um jogo decisivo. Durante este período, a equipe do Campinense estava lutando na fase classificatória da segunda divisão da Copa do Nordeste que era uma competição mais vantajosa para o clube. Provavelmente, esse foi um dos motivos que causou a ausência da equipe no jogo. Além disso, havia também a rivalidade entre esse clube e outras duas equipes do estado que já estavam classificadas na Copa do Nordeste e que também lutavam para ser campeã no campeonato

³¹ Jornal: Gazeta do Alto Piranhas, Cajazeiras, 12 a 18 de fevereiro de 2021, f. 07.

estadual. Assim como comentou o pesquisador e comentarista esportivo, Léo Alves, ao “GloboEsporte.com”:

O Campinense tinha um jogo de uma competição regional, uma seletiva para a Copa do Nordeste do ano seguinte. Ou melhor, chamávamos de Nordesteão, que era uma divisão inferior. A Raposa não tinha mais chances de ser campeão (paraibano). Quem disputava mesmo era Atlético - PB, Botafogo - PB e Treze, que chegaram com chances de título. Os jogos aconteceriam no dia 28 de julho. Lembro que o Campinense alegou que não tinha logística para se deslocar até Sergipe. Só que o time havia contratado jogadores para disputar essa seletiva regional. Em cima da hora, contratou nomes como Val Pilar, por exemplo. Eu penso que, devido à rivalidade da Raposa com Botafogo - PB e Treze, a delegação não viajou (para Cajazeiras), espantando qualquer chance de seus rivais serem campeões (estaduais)³².

Esta conquista acendeu a euforia do torcedor atleticano. Na época, a equipe não possuía uma direção definida. Os próprios integrantes do clube se ajudavam entre si para o time disputar a competição. O alcance da conquista do título foi algo inédito tanto para o clube, como também para Cajazeiras. O Estádio Perpétuo Correia Lima ficou pequeno na comemoração. Nas ruas o clube foi recebido em festas com alegria e adoração dos torcedores.

Atualmente, o estádio é palco de jogos do Campeonato Paraibano. Entretanto, há muito o que se exigir das autoridades públicas, pois o estádio Perpétuo Correia Lima ainda carece de melhorias na sua estrutura. Na parte externa, não há calçamento e isso dificulta o acesso ao estádio em períodos de chuva, também necessita da implantação de um estacionamento adequado porque quando são dias de jogos fica o tráfego de veículos e de pessoas em todas as direções e, isso poderá provocar acidentes.

Além disso, existe a necessidade de uma pintura na murada externa e interna do estádio e nas arquibancadas. Também seria interessante implantar as arquibancadas em todo o estádio, visto que há apenas em dois lados do campo e em uma das partes os torcedores ficam em frente ao sol quando os jogos são realizados no período da tarde. Neste sentido, cabe aos desportistas da cidade e pessoas envolvidas na cultura futebolística de Cajazeiras exigir mais atenção das autoridades públicas com essa praça esportiva que tanto representa a cultura do futebol no município.

Vejamos abaixo a imagem do estádio:

³² No ano de 2002, Léo Alves, era editor no Jornal Diário da Borborema. Sua memória sobre esse acontecimento histórico no Campeonato Paraibano está disponível em: <https://ge.globo.com/pb/futebol/campeonato-paraibano/noticia/jogos-historicos-da-paraiba-com-triunfo-por-wo-atletico-pb-fatura-titulo-inedito-em-2002.ghtml> . Acesso em 18 de fevereiro de 2022.

Figura 10 – Estádio Perpétuo Correia Lima



Acervo: Cícero de Sales Silva. Cajazeiras, 10 de janeiro de 2022.

Notemos que nesta última imagem o estádio é chamado de Perpétuo Correia Lima e devemos deixar alguns esclarecimentos acerca disso. Durante a década de 1970, o ex-Deputado estadual Dr. Edme Tavares, apresentou um projeto de lei à Assembleia Legislativa da Paraíba solicitando que o próximo estádio de futebol que fosse construído na cidade de Cajazeiras deveria ser batizado pelo nome de Estádio Perpétuo Correia Lima. Anos se passaram e o estádio veio a ser construído e entregue à população cajazeirense em 1985, mas não com o nome de Perpétuo Correia Lima como clamava o projeto de lei do ex-deputado estadual, mas com o nome Wilson Leite Braga: “o Wilsão”. O motivo disso se deve ao fato de que naquela época existia uma tradição de enaltecer autoridades governamentais por grandes feitos elaborados por elas. Isso acontecia muito com os estádios de futebol, hospitais e praças públicas, que recebiam nomes de pessoas como parte de uma memorialização. Então, quando o novo estádio de Cajazeiras foi inaugurado recebeu esse nome em homenagem à autoridade governamental responsável pela sua edificação. Ao conversar com o prof. Reudesman Lopes Ferreira, ele nos informou que já realizou várias pesquisas e viagens à capital do estado em busca do projeto de lei elaborado pelo ex-deputado estadual Dr. Edme Tavares, mas ainda não obteve o êxito de acesso ao documento. Entretanto, anos se passaram e mesmo sem o batismo oficial do novo estádio de futebol de Cajazeiras ter sido batizado com o nome de “Perpétuo Correia Lima”, a homenagem póstuma popularizou-se e até os dias atuais o estádio continua a ser chamado e conhecido tanto na cidade, como também em outras regiões, pelo nome Estádio Perpétuo Correia Lima, “O Perpetão”. Sua homenagem popular faz alusão àquele que se destacou tanto no futebol do município, ajudando várias equipes a crescer e conquistar títulos, como também

se destacou em várias outras cidades do Nordeste brasileiro levando seu talento e cultura do futebol de Cajazeiras para outras localidades. Esta alusão foi uma forma de homenagear e manter a memória daquele que é um dos maiores jogadores da história do futebol cajazeirense.

Desse modo, podemos perceber que na medida em que o futebol foi se desenvolvendo em Cajazeiras novos times foram surgindo. A construção de estádios e dos campos também foram de fundamental importância, popularizando o esporte na cidade. O mais importante é que o desenvolvimento cultural deste esporte em Cajazeiras continua, mas nós permaneceremos com o alerta de por quanto tempo esse avanço irá continuar? Será que os desportistas do município continuarão importando-se com o desenvolvimento do futebol nesta cidade, para que os cidadãos possam relatar através de suas memórias esses acontecimentos? É difícil saber, mas enquanto ainda existirem pessoas que enxerguem a importância do futebol em Cajazeiras, cremos que este se manterá vivo, simbolizando a cultura do esporte no município.

Em relação a Perpétuo Correia Lima, notamos que ao longo de sua trajetória como jogador de futebol desempenhou um papel relevante no desenvolvimento da cultura do futebol cajazeirense. Isso foi tão significativo que mesmo após seu falecimento, o seu nome ainda é reconhecido e constantemente mencionado historicamente, por isso é um “craque” inesquecível para aqueles que valorizam esta paixão que se chama futebol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações finais deste trabalho não têm a intenção de se posicionar como se já tivéssemos alcançado todas as possibilidades da temática em estudo. Pelo contrário, ainda há muitos aspectos do futebol cajazeirense que apontam para diversos questionamentos de investigação deste esporte e de seus agentes sociais.

Neste sentido, o nosso trabalho se constitui como um caminho para guiar novas perspectivas para a compreensão de contextos históricos do futebol de Cajazeiras por outras direções não contempladas pela historiografia tradicional. Dessa maneira, poderemos ver surgir, posteriormente, discussões que projetem novos objetos e personagens envolvidos na cultura futebolística deste município.

Percebemos que o futebol nas últimas décadas vem se desenvolvendo na cultura da localidade, tornando-se um esporte muito popular na cidade. Esse desenvolvimento que vem acontecendo ao longo do tempo no esporte cajazeirense nos apontaram caminhos para uma reflexão sobre quais aspectos representaram o progresso do futebol nessa cidade, bem como os times que surgiram e se destacaram na cultura futebolística do local. Notemos que a criação da Liga Cajazeirense de Desportos foi fundamental para a organização do futebol e de eventos no município. A fundação dos principais times, na década de 1940 e 1950, estudados neste trabalho, foram primordiais no desenvolvimento do esporte na referida cidade. Esses clubes foram estruturados com o apoio de personagens, e pelo incentivo deles conquistaram títulos que constituíram a história do futebol cajazeirense. Acreditamos que essas nuances ainda devem ser problematizadas, pois muitos desses times surgiram em espaços de sociabilidades que fica curioso sabermos de que forma essas pessoas permearam esses lugares de representação para o desenvolvimento do futebol local.

Além disso, torcedores, jogadores, presidentes de times e desportistas são as principais personagens dessa manifestação cultural tão rica. Entre eles, destacamos neste trabalho, o personagem Sérgio David, que esteve presente na direção de clubes e conquistou vários títulos. Também apresentamos o personagem, Higino Pires Ferreira, que foi o promissor na construção do primeiro estádio de futebol de Cajazeiras, participou da fundação do Atlético Cajazeirense de Desportos e da profissionalização do futebol no município. Destacamos o jogador, Perpétuo Correia Lima, que atuou em várias equipes da cidade e com seu talento foi destaque no futebol local e regional. Por isso, esses personagens não podem ser desconsiderados ao longo de uma

análise do esporte em Cajazeiras. Mas, isso não significa que outros personagens não possam ser analisados, certamente, há muitos que estiveram presentes na fundação dos clubes mencionados nesse trabalho que não foram apresentados e que fica a curiosidade de sabermos quem são, qual o lugar social deles e de que modo ajudaram no processo de desenvolvimento do futebol cajazeirense.

Neste sentido, dialogamos com o prof. Reudesman Lopes Ferreira para aprofundarmos nossa análise e identificarmos de qual modo os personagens que foram mencionados nesta escrita influenciaram no desenvolvimento da cultura futebolística da cidade. Um fato que nos chamou atenção na entrevista foi a aproximação entre o poder público e o futebol, mas nem sempre foi possível detectar as verdadeiras intenções do poder público com esse esporte em Cajazeiras, ou seja, é algo que precisa ir além. Que precisa ser problematizado. Será que essa relação do poder público com o futebol, realmente, era na intenção de ajudar a cultura futebolística local a se desenvolver ou existia algo em troca? Bom não sabemos, porém existem muitas possibilidades de explorar esses questionamentos, uma delas seria entrevistar um maior número de pessoas e analisar seus diferentes posicionamentos.

Por fim, desejamos que nosso trabalho sirva de estímulo para que outros pesquisadores possam se interessar pelos estudos acerca do futebol cajazeirense que ainda apresenta muitas lacunas em sua história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **Ouvir e contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALBERTI, Verena. **Manual da História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Violar memórias e gestar a história: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um “parto difícil”. **Revista de Pesquisa Histórica**, Recife. v. 15, n. 1, p. 40–52, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24901/20169>. Acesso em: 16 de novembro de 2021.
- A **NOTÍCIA**. Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. João Pessoa - PB: [s.n.], 1916.
- BERMAN, Marschall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COELHO, Matheus Antunes. **A construção de identidades**: futebol, espaço e sociedade. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016.
- COSTA, Antônio Assis. **A(s) Cajazeiras que eu vi e onde vivi**. João Pessoa: Gráfica Progresso, 1986.
- CUNHA, L.B. **A verdadeira história do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Publicitária, 1993.
- DAMATTA, Roberto. **Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol**. Revista USP, São Paulo, v.22, p.10-17, 1994.
- DRUMOND, Maurício. Vargas, Perón e o esporte: propaganda política e a imagem da nação. **Est. Hist.**, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 44, p. 398-421, julho - dezembro de 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21862009000200005>. Acesso em: 10 de dezembro de 2021.
- FERREIRA, Reudesman Lopes. **História do Futebol de Cajazeiras**. Cajazeiras: Gráfica e Editora Real, 2015.
- GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v.9, n. ° 1/2, p. 17-30, 1996.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990.
- LEITE, Diogo Pimenta. **Quem manda no futebol da Paraíba?** elites políticas e estado novo (1941-1947). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2017.

LEITÃO, Deusdedit. **Vida e obra do Padre Rolim**: Edição comemorativa aos 200 anos de nascimento do Padre Inácio de Sousa Rolim. – Brasília: Senado Federal, 2000.

LEITÃO, Deusdedit. **Ruas de Cajazeiras**. – Cajazeiras: Gráfica Ideal, 2005.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papyrus, 1986.

MARQUES, Walfredo. **A história do Futebol Parahybano – 1908-1968**. João Pessoa: A União, 1975.

MURAD, Mauricio. **Elementos para uma reflexão da violência no futebol**. Revista Pesquisa de Campo. Rio de Janeiro, EDUERJ, nº 3/4, 1996.

NETTO, P.C. **História do Fluminense: 1902-2002**. Rio de Janeiro: Pluri Edições, 2002.

NEGREIROS, P. J. L. de C. **A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40**. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, Francisco Álisson de. **Patrimônio material de Cajazeiras – PB**: Discurso além do concreto e cimento. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras, 2015.

O SPORT. **Foot - ball**. Cajazeiras, 11 de novembro de 1928.

PEREIRA, L. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIRANHAS, Gazeta do Alto. **Atlético Cajazeirense de Desportos – 73 anos**. Cajazeiras, 23 a 29 de julho de 2021.

PIRANHAS, Gazeta do Alto. **Perpetão, de Wilson Braga a João Azevedo**. Cajazeiras, 12 a 18 de fevereiro de 2021.

REVISTA O RIO DO PEIXE. Orgam litterario, noticioso e de orientação catholica. **Edição histórica alusiva aos 80 anos**. Cajazeiras, 22 de agosto de 2004. Gráfica Real, 1500 exemplares.

REVISTA DO COLÉGIO DIOCESANO PIO X. [Edições das décadas de 1910, 1920, 1930 a 1940. **Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), João Pessoa, PB e Arquivo da Biblioteca Átila de Almeida - UEPB**, Campina Grande, PB]. João Pessoa: [s.n.], 1910 a 1954.

ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol**. 2. Ed. São Paulo/Campinas: Perspectiva/Edusp/Editora da Unicamp, 1993.

SILVA, André Felipe Rodrigues da. **A história do futebol pernambucano e os possíveis diálogos com a educação física escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação física) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2019.

SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na cidade da Parayba, o percurso e os tramas do moderno (1892-1928)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Pernambuco. Recife, 1999.

SOUZA, João Paulo Ribeiro. **Modernidade, esporte e lazer na cidade da Parahyba do Norte – 1908/1925**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2014.

APÊNDICE I

ENTREVISTA

Reudesman Lopes Ferreira

Entrevistador: Cícero de Sales Silva

Entrevistado: Reudesman Lopes Ferreira

Data da entrevista: 02 de agosto de 2021

Cícero: Bom dia, meu nome é Cícero de Sales Silva. Sou aluno do curso de história da UFCG e convido o senhor a participar da realização da minha pesquisa monográfica e autorização para gravar essa entrevista. O senhor me autoriza gravar essa entrevista?

Reudesman: Meu nome é Reudesman Lopes Ferreira e tenho o maior prazer, uma imensa honra de se colocar na sua pesquisa e historiar com você as coisas do nosso futebol.

Cícero: Onde o senhor nasceu?

Reudesman: Eu sou cajazeirense. Nasci em Cajazeiras, aqui, no dia 28 de fevereiro de 1955.

Cícero: Sempre morou aqui?

Reudesman: Sempre morei em Cajazeiras. A minha saída de Cajazeiras se deu por motivo de estudo. Em 1974 eu fui para João Pessoa para fazer vestibular. Naquela época, eu fiz vestibular para economia. O meu maior sonho era fazer o vestibular para Educação Física, mas naquela época não existia o Curso de Educação Física na rede pública, nas universidades públicas e como eu não tinha condições, minha mãe era professora, meu pai era um agente, um servidor público, então eu não tinha condições. Nós éramos de uma família muito grande. Eram sete filhos. Então, eu não tinha condições de exigir da minha família, e por isso me submeti ao vestibular de economia. Em 76, 77 acho, eu fiz vestibular para Educação Física. Sou graduado, tenho especialização em ginástica escolar. Sou professor de Educação Física aposentado da Universidade Federal de Campina Grande, o Centro de Formação de Professores aqui de Cajazeiras.

Cícero: Então, o senhor trabalhou na UFCG? Né isso?

Reudesman: Trabalhei. Sou aposentado da universidade. Integrei em 1997, eu entrei como professor efetivo.

Cícero: Certo. A respeito do futebol de Cajazeiras, o senhor sabe dizer em qual ano começa a ser praticado na cidade? A década mais ou menos?

Reudesman: É na década de 10. O ano a gente não pode ainda ter uma exatidão de afirmar, mas o que eu adianto para você é que na década de 10, Cajazeiras, os meninos, os jovens, eles já praticavam o futebol. A evolução do futebol de Cajazeiras se deu quando começou a obra do açude Engenheiro Ávidos lá em Boqueirão. Aqui, o nosso açude de Boqueirão. Por que se deu

esse desenvolvimento? Porque a firma que veio para cá, que veio para fazer a obra, era uma firma norte-americana. E essa firma ela tinha na sua conjuntura de pessoas de diversas nacionalidades e eles eram muito organizados com relação ao futebol. E aí eles trouxeram regras, trouxeram equipamentos que não existiam aqui naquela época, um exemplo é aqueles gorros que coloca na cabeça porque lá na Europa era um lugar muito frio, mas aqui foi criado isso. Esse costume, esse hábito de usar o gorro só por vaidade dos atletas na cidade, não era necessário usar porque nós temos um clima muito quente. Então, a massificação, o desenvolvimento se deram a partir da firma que veio pra Cajazeiras para construir o açude de Boqueirão. E aí houve um jogo internacional entre eles, os estrangeiros que participavam da empresa, que eram da empresa, que trabalhavam na empresa, e os cajazeirenses. Na minha narrativa, no livro que nós escrevemos, nas pesquisas que nós fizemos. Nós coletamos essas informações.

Cícero: Qual foi o primeiro time de futebol da cidade?

Reudesman: O primeiro time de futebol de Cajazeiras oficial foi o Pitaguares Football Club de 1923, esse time era formado, idealizado, pela família Carneiro. Então, foi formado esse time: o Pitaguares e nós temos fotos, inclusive, no museu. Fotos oficiais da época que é um registro, assim, fenomenal, a foto de 1923. Nós temos a camisa que nós mandamos fazer uma réplica da camisa porque nós não tínhamos essa camisa, mas nós temos a réplica para que os visitantes do museu pudessem vê-la. Então, em 1923 foi criado o primeiro time de futebol de Cajazeiras o Pitaguares Football Club.

Cícero: A respeito dos campos de futebol. Qual foi o primeiro campo de futebol? Onde ficava localizado?

Reudesman: O primeiro campo de futebol de Cajazeiras foi no Xamegão, onde hoje é o Xamegão, foi lá que foi o primeiro campo de futebol. Depois veio o segundo campo de futebol que foi lá onde hoje é a segunda parte do cemitério.

Cícero: Nossa Senhora de Fátima?

Reudesman: Não. Cemitério na saída para São João do Rio do Peixe.

Cícero: Na Vila Nova?

Reudesman: É na Vila Nova. Pronto. Alí por trás onde hoje é a segunda parte. Alí era o segundo campo de futebol. Há uma divergência entre, se o primeiro campo foi lá ou se o primeiro campo foi no Xamegão. Pela coleta de informações de pessoas mais idosas da cidade que eu coletei. O primeiro campo foi, realmente, no Xamegão, mas há muita controvérsia. Mas eu citei pelo maior número de informações o Xamegão no meu livro como primeiro campo de futebol. Então, foi o primeiro campo de futebol. Mas nós tínhamos outros campos de futebol, na prefeitura, alí onde hoje é a prefeitura municipal foi um campo de futebol de Cajazeiras. Perto do hospital regional existia um campo de futebol, então nós tínhamos esses campos para massificar o futebol aqui na cidade.

Cícero: No livro do senhor que, inclusive, eu fiz a leitura. O senhor menciona o Coronel Marcolino Pereira Diniz. Quem era ele?

Reudesman: Coronel Marcolino Pereira Diniz foi um cidadão que veio morar em Cajazeiras que gostava de futebol, que tinha um poder financeiro. Ele encontrou mecanismos, meios para incentivar o futebol. Então, ele construiu, se essa é a palavra correta, mas ele deu condições

para que fosse feito um campo de futebol em Cajazeiras para um jogo, inclusive, amistoso né. E ele é uma figura por demais lendária, conhecida no alto sertão aqui da Paraíba e existe muitas pesquisas sobre ele, mas a questão relacionada ao futebol foi o apoio que ele deu ao futebol de Cajazeiras e, ele ainda teve, eu achei fantástico, foi a premiação de medalhas de ouro para os vencedores de um jogo de futebol em Cajazeiras que era um incentivo que ele queria dar e que deu aos atletas.

Cícero: Sobre a LCD, Liga Cajazeirense de Desportos, qual ano foi fundada? E qual era o papel dela em relação ao futebol da cidade?

Reudesman: A Liga Cajazeirense de Desportos, ela foi fundada em 1928. Foi fundada pelo mestre Êneas e o professor, eu agora não estou recordando, José dos Anjos, que era um alagoano, ele era de Alagoas, um alagoano, mas era uma figura extremamente cultural no meio da sociedade de Cajazeiras. Ele ensinava, inclusive, naquela época no Colégio Salesiano, colégio Diocesano do Padre Rolim, ele era professor. Ele era um poliglota, ele trabalhava nos correios de Cajazeiras. Ele mexia com toda parte cultural de Cajazeiras, ele mexia com a música, ele tinha uma banda, ele mexia com a parte de teatro, com a parte de jornais, escrevia para jornais. Era um homem culto. Pena que eu não tenha até então conseguido uma fotografia desse cidadão que fez um bem enorme a Cajazeiras. Então, José dos Anjos foi um dos fundadores e, o outro, foi mestre Êneas. Mestre Êneas era um alfaiate, mas era um cidadão altamente politizado em Cajazeiras. Um homem que vivia a política daquela época em nossa cidade. Ele era da política sindicalista. Então, os dois fundaram a Liga Cajazeirense de Desportos em 1928. Em 1984, eu fui presidente da Liga e, eu quando cheguei de João Pessoa, quando terminei meu curso em 1980 e vim para Cajazeiras. Eu queria ajudar o futebol de alguma maneira. E a maneira que eu encontrei, naquele momento, foi ser o presidente da Liga. Então, eu fui o presidente da Liga e, em 1984, quando o Atlético entrou para o Campeonato Paraibano ou ia entrar para o Campeonato Paraibano era obrigatório que a liga fosse oficializada. Até então, a Liga não era oficializada. O que é oficializada? É ter direito a vez, é ter direito a voto, isso lá na Federação Paraibana de Futebol. E em 1984, graças ao governador Wilson Leite Braga, em saudososa memória e graças ao ex-presidente da Federação Paraibana de Futebol também em saudososa memória, Juracy Pedro Gomes. Aconteceu uma reunião aqui na Câmara Municipal e nós dali já saímos com a Liga praticamente oficializada, só faltava a parte documental. Eu, a mando do governador e do presidente da Federação Paraibana de Futebol, viajei a João Pessoa e organizamos toda a parte da oficialização da Liga, e quando eu vim de João Pessoa, já vim com toda documentação, pronto a Liga já veio oficializada. Então, em 84 nós oficializamos a Liga. Eu acho que passei mais de um ano na Liga. Em 85 eu saí, que eu fui, para ser o preparador físico do Atlético.

Cícero: Essa Liga Cajazeirense de Desportos. Qual era o papel dela em organizar o futebol da cidade?

Reudesman: O papel de uma Liga é organizar o futebol amador que nós temos uma hierarquia no futebol.

Cícero: Certo.

Reudesman: Nós temos a FIFA (Federação Internacional de Futebol Association) que cuida do futebol no mundo inteiro. Então, o que que cabe à FIFA? Organizar o Campeonato Mundial, a Copa do Mundo, organizar o Campeonato Mundial de Clubes, organizar as eliminatórias da Copa do Mundo como um todo. Aí depois da FIFA, vêm as Confederações Continentais, no

nosso caso a CONMEBOL que organiza o futebol a nível da América do Sul. Depois da CONMEBOL vêm a confederação do país, no nosso caso é a Confederação Brasileira de Futebol que organiza o futebol a nível nacional, o Campeonato Brasileiro, a Copa do Brasil e vai por aí a fora. Depois vêm as Federações Estaduais que organizam o futebol a nível estadual, e depois da Federação, por último. A última instância de futebol, de organização, de estrutura é a Liga. Então, a Liga ela cuida do futebol amador da cidade. Qual é o princípio dela? Qual é o fundamento? O objetivo principal? Organizar os campeonatos da cidade. Organizar o campeonato amador, se tiver uma segunda divisão, uma terceira divisão. Depende da cidade, da população, do futebol. Organiza também os campeonatos de base que hoje prolifera no país. Graças a Deus. Aonde vêm os nossos futuros atletas. Então, a Liga tem toda essa organização.

Cícero: No livro o senhor fala sobre o Campeonato Municipal realizado em 1928. Quem organizou este campeonato?

Reudesman: A Liga.

Cícero: Foi a Liga Cajazeirense de Desportos?

Reudesman: A Liga Cajazeirense de Desportos porque ela foi fundada em 1928. Porque nós já tínhamos vários clubes, né. E... Então, era uma cobrança que existia, inclusive, nos jornais de 1925, 26, 27. Alguns jornais da cidade que na época né, eles falavam que havia uma cobrança que o futebol começou a evoluir em Cajazeiras, mas não tinha quem organizasse a parte estrutural. Então, a Liga é essa entidade que faz essa organização. Né? Então aconteceu o primeiro campeonato e o campeão foi o Nacional.

Cícero: Que era um time amador da cidade?

Reudesman: Que era um time amador da cidade e que veio para rivalizar com o Pitagueres porque era outra ala política de Cajazeiras. (risos) É interessante.

Cícero: Na década de 30 não havia árbitros capacitados para apitar os jogos?

Reudesman: O árbitro.

Cícero: Aqui na cidade. Certo.

Reudesman: O árbitro naquela época ele era escolhido para o jogo pela idoneidade e não pelo conhecimento com relação ao futebol. Né, podia ser que ele tivesse as duas, a idoneidade, a moral, a ética, a postura e um verdadeiro cidadão e tivesse também o conhecimento do futebol, mas necessariamente não era preciso ter conhecimento do futebol. Era preciso ter. Ser uma pessoa idônea. Uma pessoa que todos vissem nele um homem de moral, de ética, de postura para arbitrar o jogo. Então era assim que era a arbitragem na década de 20, década de 30 nas nossas cidades aqui interioranas.

Cícero: A partir de 1940 o futebol de Cajazeiras começa a se desenvolver em alto nível. Para o senhor, quais os aspectos que influenciaram neste desenvolvimento?

Reudesman: É. Primeiro veio a fundação do Tabajaras em 1944. O Tabajaras foi fundado pelo senhor Sérgio David que foi um alfaiate, foi um homem também da nossa sociedade muito presente. Né, eu acho que nós rendemos, temos que render muita homenagem ao seu Sérgio David, né. Eu o conheci, Deus me deu essa alegria e esse prazer de tê-lo conhecido. Meu pai era um amigo, amiguíssimo de seu Sérgio David. Seu Sérgio David criou, fundou o Tabajaras em 44.

Cícero: Ele é cajazeirense?

Reudesman: Ele é cajazeirense. É. Agora você me pegou! Eu não tenho assim. Eu acho que Seu Sérgio não era um cajazeirense. Seu Sérgio era um cajazeirado. Mas, eu posso ver isso para você. Mas, veja bem! É. O quê que acontece? O Seu Sérgio cria o Tabajaras. E o Tabajaras agrega os grandes jogadores da época, de Cajazeiras. Então, o Tabajaras ele para mim foi a bola propulsora para a chegada do Atlético em 1948. Então, ele começou a fazer um futebol diferente, futebol bonito. Um futebol moderno, como a gente se dizia, dado para a época. Então o Tabajaras foi a bola que propiciou o desenvolvimento do futebol em Cajazeiras. Isso eu não tenho dúvidas.

Cícero: Fora o Tabajaras. Quais outros times se destacaram durante essa época?

Reudesman: O União é dessa época de 1944, 45. Não tenho essa data porque as pessoas que jogaram no União que eu conheci, que eu entrevistei eles não tinham essa data. Né. Eles só falaram que era da época do Tabajaras. Aí tinha o União, depois tinha o Íbis que foi o time formado em Cajazeiras, e em 1948 chega o Atlético Cajazeirense de Desportos. O Atlético chega igual, chega o estádio 8 de Maio que hoje é o estádio Higino Pires Ferreira. Que era um grande sonho de Cajazeiras ter um campo de futebol bem-organizado, bem estruturado, então nasce aí o campo 8 de Maio.

Cícero: O senhor sabe em qual ano foi fundado esse estádio?

Reudesman: 1948. Ele é igual ao nascimento do Atlético. A fundação do Atlético

Cícero: Quem foi o precursor? A pessoa assim que teve a ideia de fundar esse estádio na cidade?

Reudesman: Doutor Higino Pires Ferreira, Heraldo Costa. Foram eles que idealizaram. Heraldo Costa foi um bancário. Foi gerente do Banco do Brasil na época. Eles idealizaram isso aí, mas outras pessoas também a gente pode contabilizar, a exemplo de: Abdon Cipriano Rocha, outras figuras que fizeram o futebol de Cajazeiras também a gente pode enquadrar nessa história do campo. É. Do estádio 8 de Maio.

Cícero: Sobre Higino Pires Ferreira. Quem era ele? Ele era um comerciante?

Reudesman: Não. Doutor Higino Pires Ferreira era um químico. Ele era formado em Química. Acho que Química Industrial. Ele era de uma das famílias mais ricas, com mais condições financeiras da época. Filho do major Galdino Pires. Né. E hoje ainda tem a firma Galdino Pires e tal. Então eles eram uma família riquíssima em Cajazeiras com muitas condições financeiras e Doutor Higino Pires Ferreira, ele idealizou o Atlético. E o Atlético se tornou um dos times mais ricos da época. Depois a gente fala sobre isso.

Cícero: Certo. Sabendo que nessa época as condições financeiras não eram muito boas. O senhor tem assim em mente como eles conseguiram arrecadar verbas para a construção desse estádio?

Reudesman: O Atlético era um time muito rico. O campo de futebol foi comprado. Foi feita uma pergunta com o Cajazeiras Tênis Clube para ter o Estádio 8 de Maio, depois o estádio "Higino Pires Ferreira" porque como eles tinham um bom poderio financeiro, uma boa condição financeira, eles quem compraram: Doutor Higino e Heraldo. A história conta isso, que eles compraram o estádio.

Cícero: Por que deram essa denominação “8 de Maio” e não logo “Higino Pires Ferreira”?

Reudesman: Não. 8 de Maio porque se você chegar aqui na Praça João Pessoa, nós tínhamos um Clube antigamente o 8 de Maio e o Tênis Clube. O 8 de Maio era encampado com o Tênis Clube. E aí nós tínhamos aqui na... Se você olhar aqui na Praça João Pessoa você vê um prédio que hoje está fechado. Prédio de primeiro andar que era o prédio 8 de Maio que é o edifício OK, o edifício 8 de Maio.

Cícero: É aquele prédio que fica na esquina?

Reudesman: Exatamente. Aquele prédio que fica na esquina. Depois foi o Jovem Clube. Hoje é propriedade imobiliária de meu amigo Dedeção. Então, lá era o 8 de Maio. Era um clube que era agregado a sociedade cajazeirense. No livro eu tenho algumas fotos do salão com pessoas da alta sociedade jogando xadrez.

Cícero: Eu já ouvi relatos que lá até cinema já teve nesse prédio.

Reudesman: Embaixo.

Cícero: Esse cinema?

Reudesman: O Cine Éden que era onde hoje é o Melo Supermercado. Era o nosso teatro da cidade.

Cícero: Quem foi que deu essa ideia de mudar o nome do estádio “8 de Maio” para “Higino Pires Ferreira”?

Reudesman: Vamos lá. Doutor Higino foi uma pessoa que financiava, que apoiava e que amava o Atlético, amava o estádio. É, uma viagem que Doutor Higino Pires fez. Doutor Higino Pires viajou. Ele viajava muito para Argentina, Uruguai, Paraguai, para Europa também. Naquela época. E em certa viagem, na sua volta. Os cajazeirenses reuniram-se e entenderam que a maior homenagem que podia fazer ao Doutor Higino Pires Ferreira era colocar o nome do estádio em seu nome, em sua homenagem, e assim foi feito. Então, o Doutor Higino Pires Ferreira quando chegou, ele foi abraçado com essa homenagem. Então, sai o estádio “8 de Maio” e entra o estádio “Higino Pires Ferreira”.

Cícero: Foi feita alguma documentação dessa mudança de nome?

Reudesman: Eu não tenho conhecimento disso. Eu não pesquisei sobre isso. Certo. A história é que conta. As pessoas que viveram a época é que me contou toda essa história. Quem foi para mim o maior bem-feitor do estádio Higino Pires Ferreira, foi o senhor Abdon Cipriano Rocha, que inclusive faleceu hoje, que Deus o tenha. Então, o senhor Abdon Cipriano Rocha foi quem trabalhou tudo isso aí. Ele me contou todos os detalhes minuciosamente. Tem muita coisa do Higino que eu gostaria de levar para o conhecimento das pessoas e eu quero ver se eu faço isso.

Cícero: Com o passar dos anos. Como foi conseguido verbas para melhorar a estrutura do estádio? As verbas? Que depois foi criado aquele sistema de iluminação. Depois as arquibancadas. O senhor poderia me falar um pouco isso aí?

Reudesman: Vamos lá! Eu não vou. Eu não tenho como pronunciar, mas no livro tem. Eu não tenho aqui em mente todos esses detalhes mais apurados com relação a datas. Mas assim, qual foi o primeiro passo? Foi murar o campo. Depois de murar o campo qual foi o segundo passo? Foi a construção das arquibancadas. Eu não sei se essa construção ela terminou em 64. Mas tenho quase certeza de que ela foi concluída em 64, e depois qual era o sonho? Era o alambrado.

A história consta que todo o alambrado foi feito lá nas firmas Galdino Pires. Quem foi que fez foi seu Abdon Cipriano Rocha e o irmão dele, então eles fizeram pedacinho por pedacinho do alambrado que era muito bonito. Um alambrado antigo. Depois qual era o outro sonho? Era a iluminação. É outra história muito interessante contada também por seu Ábdon Cipriano Rocha. O sonho era ter a iluminação. Seu Abdon me conta que vai pra Patos porque Patos já tinha as torres. Ele foi num dia, e ele disse: olha era um sol, eu subi nas torres para medir minuciosamente. O fato é que a iluminação de Cajazeiras veio. Foi uma compra entre a prefeitura e Doutor Higino Pires Ferreira. É. Pelo que me consta, a prefeitura não honrou a compra no momento que foi para pagar, e aí foi o Doutor Higino Pires Ferreira que pagou toda a parte da iluminação. Não sei até hoje se ele foi ressarcido. Acho que sim, mas a história conta que aconteceu tudo isso. Então, nós tivemos quando foi colocado o sistema de iluminação no estádio Higino Pires Ferreira, era o melhor de toda essa região. Então nós tivemos muitos jogos à noite. Então foi um desenvolvimento fantástico para o futebol de Cajazeiras.

Cícero: Nesses jogos que eram realizados era cobrada a entrada?

Reudesman: Era cobrada a entrada. Todos os jogos sempre eram cobrados a entrada. E tinha uns detalhes importantes, interessantes. Assim, a garotada levava um ovo, a garotada levava uma garrafa. Naquele tempo essas garrafas de cerveja elas eram vendidas. Eram formas, eram maneiras que se encontrava para angariar mais dinheiro. Por exemplo: o pessoal pagava em dinheiro, mas a criançada levava um ovo, levava uma garrafa para adquirir a entrada. Era uma coisa assim bem folclórica, mas era bonita e era uma forma de angariar mais recursos para o Higino.

Cícero: Garrincha jogou nesse estádio?

Reudesman: Garrincha jogou em mil novecentos, acho que foi 1973. Ele fez um jogo vestindo a camisa do Botafogo de Cajazeiras e que era o Botafogo dele. Ele jogou em Cajazeiras.

Cícero: Na leitura que eu fiz do livro do senhor deu para perceber que muitos times aqui da cidade fazem alusão a times do Rio de Janeiro, a exemplo: do Botafogo. Fala também do Vasco. Por quê? Assim para o senhor. Por que é que esses desportistas da cidade sempre faziam essa alusão usando nomes dos times do Rio de Janeiro para times amadores de Cajazeiras?

Reudesman: A paixão por esses clubes. Cajazeiras. Cajazeiras não, o Nordeste. Eu acho que até o Brasil inteiro nessas regiões mais carentes onde não tinha um futebol mais avançado, um futebol profissional. Então, todos nós. Eu fui criado ouvindo a Rádio Globo, eu fui criado ouvindo a Rádio Bandeirante, eu fui criado ouvindo a Rádio Tupí. Então, aqueles jogos. Então nós não tínhamos televisão naquela época. Então sempre nós tínhamos pelos nossos pais, pelos nossos tios, pelos nossos familiares, amigos mais chegados. Nós tínhamos um clube que nós mais amávamos lá do Sul do país, por exemplo: eu sou flamenguista, eu sou apaixonado pelo flamengo, eu sou atleticano. Eu sou atleticano doente, mas eu sou flamenguista também doente. Num é. Então, assim às vezes até as pessoas ficam: mas rapaz porque não só Atlético, mas eu sou Flamengo. Então, assim é uma coisa lá da nossa cultura. Lá dos pais. Que a gente não tinha um bom futebol. E aí alguns desses grandes torcedores e que eram desportistas eles pegavam um time da sua paixão e de seu coração e nomeavam aqui em Cajazeiras, por exemplo: nós tínhamos o Botafogo de Edson Feitosa que era um botafoguense. Né. Nós tínhamos o Vasco de Aderbal que era um vascaíno. Então, nós tínhamos essas figuras aí que... Seu Sérgio David que era apaixonado pelo Santos, ele, depois do Tabajaras ele deu sim, ele era aí ele botou o

Palmeiras e depois botou o Santos. Né. Então assim, é coisa da época. É momento da época. Certo. É momento da época.

Cícero: É. A respeito do campeonato. Do torneio de abertura do Campeonato Sertanejão, realizado em 1969, no Estádio Higino Pires Ferreira. O senhor lembra quem organizou esse torneio de abertura?

Reudesman: Lembro.

Cícero: Das equipes que participaram?

Reudesman: Lembro. Lembro. Lembro tudo. Esse foi. Eu tinha o que? Eu sou de 55, eu tinha 14 anos. É 14 anos. É. Meu pai era dirigente do Santos, meu pai sempre foi dirigente do Santos. Como meu pai escrevia. Meu pai escrevia tinha uma letra lindíssima. Tinha uma letra, uma caligrafia como ele dizia fantástica. Meu pai não era um estudado. Meu pai só fez o ginásial. Né. É. Mas ele tinha uma letra fantástica, então sempre ele era o secretário desses times, né. Porque naquela época praticamente só tinha máquina e máquina de escrever era muito difícil ter. Então. Isso. Meu pai escrevia bem e fazia umas árvores bonitas tal, tal. E minha mãe era professora redigia, fazia, corrigia. O fato é que é toda essa parte aí ela é bem fundamentada. Me repita aí essa pergunta.

Cícero: É. Quem organizou o campeonato de abertura?

Reudesman: Sim! Claro. O que foi que aconteceu? A Federação Paraibana de Futebol através do presidente da época, Genival Léo de Menezes, que era muito cobrado aqui no sertão porque nós tínhamos grandes clubes do sertão. Nós tínhamos o Santos, nós tínhamos o Estudante, nós tínhamos o Botafogo de Cajazeiras, nós tínhamos a Sociedade de Sousa. Nós tínhamos um futebol fantástico no alto sertão. Então, se cobrava muito que se agregasse o futebol amador da Paraíba. Então o Campeonato Sertanejão em Cajazeiras foi um confronto para agregar o futebol amador. Por que a gente fala o Sertanejão? Foi. Mas por exemplo: veio o Confiança de Sapé. Tá. Veio o Santa Cruz de Santa Rita. Que era tudo do litoral, né. Fazia parte do litoral. Tá certo. Do litoral, do brejo, tá. É. Então, nós tivemos aqui um time de Patos que foram os Patoenses de Patos, nós tínhamos o Atlético de Cajazeiras, o Sousa, o Confiança de Sapé, o Santa Cruz de Santa Rita e um time de Bayeux que eu não me recordo aqui. Não me recordo não, mas eu tenho essas fotografias. Bom. Então, foi feito o Sertanejão. Houve o torneio início em Cajazeiras e o campeão foi o Santos Esporte Clube. Foi campeão do torneio início. E depois tivemos o campeonato. Aliás, o Santos foi vice-campeão. O campeão foi o time de Sapé ou foi o de Bayeux. Foi o de Bayeux. E aí houve uma confusão e não entregaram a taça, mas depois foi entregue a taça. Quem organizou o torneio início em Cajazeiras foi o Doutor Iermiton Braga, aliás Doutor Iramirton Braga, que eram dois irmãos. Foi o Doutor Iramirton Braga que inclusive ele me deu tudo isso, toda essa papelada. Eu tenho aqui guardado no museu. É, tenho fotografias. Doutor Iramirton foi quem organizou, quem estruturou tudo. Foi o campeonato assim de nível altíssimo.

Cícero: Então o torneio de abertura foi realizado em Cajazeiras e as demais partidas foram realizadas em outras cidades?

Reudesman: Aí cada cidade tinha por que era assim um jogo lá e outro cá. Né. Era o jogo de ida e volta.

Cícero: Sobre os padres salesianos, qual foi a contribuição deles para o desenvolvimento do futebol da cidade?

Reudesman: Olha, nós temos assim. O que é que conta a história. Eu tou indo pela história, pelo que eu pesquisei. Eu não vivi esse momento. Né. Eu passei por esse momento depois lá na frente. O Colégio Salesiano, ele tinha três campos de futebol: ele tinha um campo dos menores, tinha o campo dos maiores e um campo alternativo. Né. Então, ele tinha um campo fora. Fora que eu digo é ali, se você vê lá no Colégio Diocesano. Se você chegar no Colégio Diocesano você vai ver o Abrigo Dom Bosco.

Cícero: Alí onde tem a Fafic, alí era um campo de futebol? Era?

Reudesman: Lá atrás. Onde é a Fafic foi feito várias salas era um campo de futebol do colégio e ao lado onde hoje também foi feito a construção também era um campo e na frente outro campo. Então eram três campos. Tá. Então, o que os Salesianos fizeram foi esse incentivo. E tinha lá o Oratório Festivo. O que era o Oratório Festivo? O Oratório Festivo era: os meninos iam para missa aos domingos e após a missa, daí o nome Oratório Festivo, entrava a ação daquilo que é a festa. Qual era a festa? A festa era o futebol. A festa era o lazer. Era como se fosse uma manhã recreativa após missa. Se tivesse o menino que não gostasse de futebol, ele ia para a pescaria. Ele ia para uma outra atividade. Mas aí quase todos os meninos iam para jogar bola, jogar futebol. E tinha o padre Ivo que era um incentivador desses meninos, ele quem cuidava da parte futebolística do Oratório Festivo. O Oratório Festivo foi importante, fundamental para o desenvolvimento do futebol de Cajazeiras. Porque o Oratório Festivo ele tinha um time. Ele tinha vários times. E desses times foi criando jogadores para o futebol da cidade. Digamos assim.

Cícero: Na sua mente... assim, quais foram os fatores políticos que contribuíram para o desenvolvimento do futebol na cidade?

Reudesman: Quais foram?

Cícero: Os fatores políticos. Uma política que ajudasse a desenvolver o futebol em Cajazeiras, tem em mente assim a contribuição de algum político?

Reudesman: Você agora colocou em mente e me acendeu aqui a memória. Eu acho que um dos políticos que mais ajudou o futebol de Cajazeiras foi Doutor Edme Tavares. Foi deputado estadual. Já falecido. Ele foi um dos maiores incentivadores. Ele foi jogador. Ele foi atleta do Palmeiras na década de 50. Então, ele foi um grande incentivador. Foi ele quem criou uma lei estadual para a construção do estádio de futebol de Cajazeiras. Ele incentivou. Um outro que também deu grande contribuição foi o prefeito Francisco Matias Rolim, também em saudosa memória. Francisco Matias Rolim foi muito importante na construção das arquibancadas, ele foi muito importante na compra do sistema de iluminação. Grande contribuição. Então, ele deu essa grande contribuição. Ele incentivou. Na medida que o tempo vai passando alguns vão ajudando. Não tanto como nós gostaríamos de ter. Né. Então, nós tivemos agora nessa administração do prefeito José Aldemir, nós tivemos por exemplo: a recuperação do estádio Higino Pires Ferreira que estava ruim. Então, o estádio Higino Pires Ferreira recebeu melhoria no gramado, recebeu melhoria na arquibancada, recebeu um bom sistema de iluminação, voltou o sistema de iluminação para que nós tivéssemos jogos à noite e eventos esportivos, e outros eventos à noite. É. Mas eu desejaria, é um sonho meu que nós tivéssemos mais participação do poder público municipal nas nossas ações do futebol cajazeirense. Tem mais. Também tem um detalhe, eles também ajudam muito o Atlético no Campeonato Paraibano. Eles dão sempre uma

parcela, uma colaboração. Podia ser mais, podia, mas eu acho que a colaboração, ela é fundamental. Gostaria que aqui nós tivéssemos uma política pública de desportos. Né. Mas são coisas que ainda não aconteceram e eu espero que um dia ainda aconteça.

Cícero: Sobre o Atlético Cajazeirense de Desportos, o senhor já falou o ano que ele foi fundado. Quando ele entra para o futebol profissional em Cajazeiras?

Reudesman: Em 1985. Né. Em 1985 o Atlético entra com o nome do Nacional Atlético Clube de Cabedelo. Como era a inauguração do estádio Perpetão e como o governador Wilson Braga, que foi um dos maiores governadores para a cidade de Cajazeiras, queria que Cajazeiras voltasse ao cenário do futebol paraibano já que nós participamos pela primeira vez, em 74, com o Botafogo Futebol Clube de Cajazeiras que foi a primeira equipe profissional. Então, em 85. É. Wilson Braga, ele trouxe o Nacional de Cabedelo para cá. Ele pagou, na verdade, o Nacional de Cabedelo para se transferir para Cajazeiras, e daí começou o Nacional Atlético Clube de Cajazeiras. Né. É, quando foi em 91... Em 1991 aconteceu a Copa Integração, uma espécie de segunda divisão, foi criada pela Federação Paraibana de Futebol para poder oficializar, por exemplo, o Sousa e o Atlético no campeonato. A ideia foi, não tem o que fugir disso, o Sousa foi campeão e o Atlético foi vice-campeão e daí o Atlético passou a ter, em 92, no campeonato, o nome próprio: Atlético Cajazeirense de Desportos.

Cícero: A partir de 91?

Reudesman: Não. A partir de 92.

Cícero: 92?

Reudesman: Mas o Atlético entra mesmo no Campeonato Paraibano em 85. Oficialmente, a gente pode dizer que foi em 85.

Cícero: Certo. Lá no livro o senhor fala desse Campeonato Municipal, realizado em 1959, em que o Atlético foi campeão. Foi o primeiro título da equipe?

Reudesman: O primeiro título oficial. Tanto que o Atlético tinha sido campeão, em 55 no Matutão, mas não tem registro. Foi um Atlético e foi um dos dirigentes que me falou isso, é tanto que eu posto no meu livro, no meu álbum de futebol do Atlético, e no meu livro. Mas, oficialmente, é tanto que eu coloco isso em várias oportunidades. Oficialmente, o primeiro título do Atlético é de 1959 quando o Atlético foi campeão municipal e que era presidente o nosso inesquecível Abdon Cipriano Rocha, era o presidente do clube.

Cícero: Eu estive vendo alguns troféus que estavam expostos lá no Armazém Paraíba. E lá estava o troféu desse campeonato. Aquele troféu é réplica ou é oficial?

Reudesman: Oficial.

Cícero: Oficial!

Reudesman: Doado pelo senhor Abdon Cipriano Rocha e pelos seus familiares. Eles fizeram essa doação para o Museu de Futebol de Cajazeiras.

Cícero: Pronto. Aí no troféu eu vi que tem o nome dos jogadores.

Reudesman: É! Tem o nome de todos os jogadores. Tem um detalhe muito bonito, muito lindo naquele troféu; é que ele tem na frente todo o time que foi o time titular. E se você... É porque você não viu ou talvez não tenha visto, mas na parte de trás têm os reservas.

Cícero: Os reservas eu não vi.

Reudesman: Pois é, têm os reservas. Se você bateu uma fotografia nele de frente você vai ver todo o time titular e atrás todo o time reserva.

Cícero: Lá tem um jogador que se chama: José Gonçalves Moreira, inclusive, eu li um jornal do Gazeta do Alto Piranhas em que o senhor homenageia esse senhor José Gonçalves Moreira. Ele foi jogador dessa equipe?

Reudesman: Não, ele não foi jogador. Ele foi atleta. Ele foi dirigente. Ele foi um treinador do time. Ele foi fundador do time.

Cícero: Ele esteve presente nesse Campeonato Municipal de 1959 ou não?

Reudesman: Ele era o treinador.

Cícero: Ele era o treinador do time?

Reudesman: Era o treinador do time em 1959. Então é uma figura importante. Foi prefeito. Ele faleceu este ano. Faleceu aos 97 anos de carreira, 93, 97 acima dos 90. Graças a Deus foi um homem fundamental no processo de desenvolvimento do futebol de Cajazeiras. Ele era de Bom Jesus, mas como Bom Jesus é bem perto de Cajazeiras. Naquele tempo era Cajazeiras, era município de Cajazeiras. É. Ele foi aqui coletor municipal. E assim, ele foi fundador do Atlético e depois ele formou o Estudante Atlético Clube, também a mesma coisa do Atlético. Então, ele foi uma figura fundamental. Ele foi árbitro do futebol de Cajazeiras também. É uma história muito bonita do nosso inesquecível José Gonçalves Moreira. Foi prefeito duas vezes em Bom Jesus. É uma figura.

Cícero: Quando o senhor fala assim que ele foi árbitro do futebol de Cajazeiras. O senhor lembra assim uma década?

Reudesman: Nos anos 60.

Cícero: Nos anos 60?

Reudesman: Nos anos 60.

Cícero: É nessa época que é criada uma escola de árbitro aqui, é?

Reudesman: Era uma orientação aos árbitros. É uma escola, o jornal ele traz como sendo uma escola de árbitros. Mas... era essa a ideia, era de estudar as leis, as regras do futebol. Né. Então nós temos assim, nessa época, nós temos Seu Pedro revoltoso.

Cícero: Era orientador, esse Pedro? Era?

Reudesman: Não. Seu Pedro era uma figura muito folclórica em Cajazeiras. Um ser humano fantástico. É. Eu, para mim acho que ele foi um dos grandes homens da região. Mas nós tínhamos grandes árbitros aqui. Tinha Assis que foi um dos fundadores do Atlético. Também jogou. Tinha Assis, foi árbitro. Zé Gonçalves foi árbitro. Pedro revoltoso foi árbitro. Chico Cartaxo foi árbitro. Pereira, que nós chamávamos: Pereira da Macic, foi árbitro. Então. Que eu me recordo aqui agora nesse momento, mas nós tivemos bons árbitros. Bons árbitros mesmo em campeonatos muito pegado.

Cícero: Esses orientadores que orientavam essas pessoas. Esses árbitros. Quem eram essas pessoas?

Reudesman: Não. Eram eles mesmos que se reuniam para pegar aquelas regras, dava uma olhada e tal. Eram eles mesmos.

Cícero: Certo. A respeito de Perpétuo Correia Lima. Quem foi ele? E quando ele começou a praticar o futebol? Ele chegou a jogar profissional?

Reudesman: Perpétuo foi o maior jogador que vi jogar aqui no Nordeste. E um dos maiores do Brasil, eu tou dizendo pra mim. Tou falando assim pelo que eu vi Perpétuo jogar.

Cícero: O senhor chegou a ver ele jogar?

Reudesman: Cheguei. Cheguei a ver Perpétuo jogar. Perpétuo era um craque tanto com a esquerda como com a direita. A perna esquerda e a perna direita. Ele não tinha isso.

Cícero: O senhor lembra de alguma partida que o senhor esteve presente? Dele.

Reudesman: Muitas partidas. Muitas partidas aqui contra a Sociedade, contra o Estudante, contra as equipes de Patos, contra as equipes de Juazeiro do Norte.

Cícero: O senhor lembra de uma delas? Para falar assim de forma resumida?

Reudesman: Me lembro. Me lembro de uma delas. Me lembro de uma partida aqui contra a Sociedade. A Sociedade tinha pra mim o melhor goleiro que eu vi jogar no Higino.

Cícero: A Sociedade Esportiva era de Patos?

Reudesman: Não. De Sousa.

Cícero: De Sousa.

Reudesman: A Sociedade Esportiva de Sousa. Tinha um goleiro chamado Marcelo. Ele era baixo, mas ele era um gato como a gente dizia na época, rápido demais. E Perpétuo chutava a bola de todo jeito e ele pegava.

Cícero: E era?

Reudesman: Era. Perpétuo chegava no meio. Perpétuo dava uma tapa na bola e batia. Quando ele batia a gente ficava logo olhando para a rede balançar, mas nesse dia a rede não balançou. E Perpétuo chutou tudo que podia chutar. Então para mim foi um jogo épico. E depois teve um jogo épico de Perpétuo, mas eu não tive presente. Quem me contou esteve presente lá. Perpétuo, nessa época jogava pelo Vasco, de Edson Feitosa, e eles foram jogar uma partida fora de Cajazeiras, em Salgueiro. E quando chegou lá houve uma aposta. Fizeram uma aposta. Tinha um cajazeirense que residia lá. E esse cajazeirense fez uma aposta lá era um bom dinheiro na época. Cinquenta mil o dinheiro na época ou era cinco mil, um negócio assim. A verdade é que o jogo começou o time de Salgueiro fez um gol, fez dois gols, fez três gols. 3x0, aí terminou o primeiro tempo. Aí no vestiário, seu Edson me contou, Perpétuo disse: “nós vamos ganhar esse jogo”. Perpétuo fez quatro gols e o Vasco ganhou de 4x3 lá. Ele disse que foi a maior partida que viu Perpétuo jogar. Ele disse que toda bola Perpétuo dizia: “bota a bola pra mim, bota a bola pra mim”. Perpétuo não era de correr atrás da bola. A bola tinha que chegar nos pés dele. Perpétuo não era marcador, não marcava, mas a bola chegando no pé dele era um craque fora de série. Um dia eu estava no Estádio Higino Pires Ferreira e gostava muito. Era. Como é que eu digo, era um passeio. A gente ia para o Estádio Higino Pires Ferreira ver o treino dos times

e nesse dia eu fui mais cedo. Cheguei, eu acho que era umas duas horas da tarde. Quando eu cheguei Perpétuo tava lá no campo com uns dois ou três meninos. Perpétuo gostava muito de criança. Com uma bola Pelé, naquela época a bola Pelé era a bola “canarinho”, nós chamávamos de bola Pelé, uma bola vermelha, pesava muito. Perpétuo disse: “olha vou colocar essa bola cinco vezes no travessão”. Aí ele chutou: a primeira vez, bola no travessão; a segunda vez, bola no travessão; a terceira vez, bola no travessão; a quarta vez, bola no travessão; a quinta vez, bola no travessão. E eu lá na arquibancada só olhando para ele, e ele só brincando com os meninos. Ele gostava muito. Ele tinha um time, ele formou o time com os meninos da redondeza da Praça João Pessoa. Porque a namorada dele, um dos grandes amores dele, morava aqui e tinha uma pousada aqui e tal. E ele namorava com essa menina. Essa moça. Então, Perpétuo era um craque que jogou em muitos times. Perpétuo foi jogar no Bahia, fez um treino. Acabou o jogo como a gente dizia no treino, mas à noite veio embora para Cajazeiras, fugiu em cima de um caminhão.

Cícero: Por que não queria ficar?

Reudesman: Não queria ficar. Houve um jogo aqui também, só que esse jogo eu não assisti. Foi contra o São Cristóvão do Rio de Janeiro. Foi 3 a 2 para o Santos. Na época ele jogando pelo Santos. O São Cristóvão pelejou para encontrar ele na cidade para levar. Ele foi para o Açude Grande e se escondeu lá do outro lado do açude na casa de um dos amigos na época, Seu Chico Correia, ficou lá para não ir embora. Para não ser aperreado, vamos dizer assim, para viajar com o time do São Cristóvão. Então, o São Cristóvão queria levar ele de todo jeito.

Cícero: É. Por que o atual estádio de futebol leva o nome Perpétuo Correia Lima e não Wilson Leite Braga que foi o governador que criou o estádio?

Reudesman: Eu estou até escrevendo um artigo sobre isso agora. Veja bem. Não tenho dúvidas, não existe dúvidas o quão foi importante o governador Wilson Braga para Cajazeiras. Ponto final. Só que com relação ao estádio, os anos 70 quer dizer muito antes de se pensar nessa construção, o deputado Edme Tavares entra com um projeto de lei na assembleia legislativa nominando o futuro estádio de futebol de Cajazeiras com o nome de Perpétuo Correia Lima em homenagem a Perpétuo.

Cícero: Então foi feita documentação?

Reudesman: Tem toda. Eu tou procurando porque é muito longe essa data. Eu tou procurando. E eu vou procurar novamente essa lei de autoria de Edme Tavares. Eu já procurei, já pesquisei nos livros dele, mas não consta nada. Mas... Eu fui na assembleia uma vez, mas não obtive êxito. Mas vou voltar a assembleia para ver se eu descubro, se eu pego esse documento porque é um documento importante para nós, para mim, para o museu. Aí o que foi que aconteceu. Quando veio aqui o estádio. Wilson Braga: eu vou construir. Você sabe como é a política. E aí aqueles bajuladores de plantão que eu acho que essa é a palavra correta. Eu gosto de usar muito isso. Não é que eu fico de usar essas palavras. Mas eu acho que esses camaradas se aproveitaram e diziam: Wilson bota teu nome. Vamos botar seu nome no estádio. E Wilson Braga acatou a decisão. Houve um levante na cidade de algumas pessoas, a comunidade e tal. E o nome tinha que ser mesmo Perpétuo. Foi inaugurado como Wilsão, mas rapidamente voltou o nome para Estádio Perpétuo Correia Lima. Que é uma grande homenagem a Perpétuo. Como poderia ser uma grande homenagem a Wilson Braga. Tá. Então essa é uma história bem legal e que a gente precisa mostrar isso para as pessoas.

Cícero: O senhor lembra em qual ano foi modificado o nome?

Reudesman: Não. Nós não temos isso legalmente. Mas, assim eu acho que foi tirado o nome porque existia a lei dos anos 70, mas, oficialmente, até onde eu sei nada foi.

Cícero: Foi inaugurado na década de 80 esse estádio?

Reudesman: Em 1985. Mas o primeiro jogo que aconteceu foi em 84. Aconteceu um jogo em 84. Mas a inauguração oficial foi em 85. Por quê? Porque queria fazer um jogo teste. Foi feito um jogo teste aqui entre o Botafogo e o Auto Esporte. É tanto que o primeiro gol é dado ao jogador do Auto Esporte, Haroldo. Parece que foi Haroldo que fez o primeiro gol no campo do Perpetão. Mas a inauguração oficial é em 1985 quando o governador está presente e dá o pontapé inicial. Tudo é de 85.

Cícero: O senhor chegou a participar de algum jogo lá entre os anos de 1985 e 1990? O senhor assistiu alguma partida lá, pode ser assim dos anos 2000 que o senhor esteve presente pode ser até do Atlético? O senhor lembra de algum jogo que o senhor esteve presente, assistindo?

Reudesman: Em 2000? No Perpetão?

Cícero: Sim. No estádio Perpetão.

Reudesman: Ah! Eu fui todos. Só não fui quando eu tava com algum problema de saúde. Graças a Deus. Deus me deu muita saúde, graças a Deus. E ou então viajando, mas eu era, eu sou da equipe de desportos.

Cícero: O senhor participou do Atlético? Fez parte da direção do Atlético?

Reudesman: Fiz parte. Eu fui tudo no Atlético, só não fui presidente. Por que eu não fui presidente?

Cícero: No caso. No ano de 1990 o senhor tava no Atlético?

Reudesman: Eu fui o primeiro preparador físico do Atlético em 1985.

Cícero: Pronto. O senhor lembra assim. Em 1985 o Atlético já jogava profissional?

Reudesman: Já jogava profissional com o nome Nacional Atlético Clube de Cabedelo.

Cícero: Certo. O senhor lembra de algum jogo na mente que o senhor esteve presente?

Reudesman: Claro. Lembro. Lembro demais. Lembro do primeiro jogo, Atlético X Treze em Campina Grande, no estádio Presidente Vargas. Eu era o preparador físico do Atlético.

Cícero: Tem como o senhor falar de forma resumida o que aconteceu no jogo, o placar, os gols que saíram.

Reudesman: Primeiro foi em 1985 a nossa estreia, eu estive presente como preparador físico do Atlético. Nós fomos para Campina Grande, o aquecimento não era dentro do estádio, era no estacionamento. Eu aqueci o time e quando a gente foi saindo a gente viu a torcida gritando: “time de matuto!”, com nós, com nosso time, “isso é um time de matuto”. Isso foi usado no vestiário, nós usamos isso no vestiário e o treinador era Mozard. Mozard foi jogador do Treze durante dez anos, o nosso treinador. Enquanto o jogo, um jogo, o Treze era um timaço, empatamos o jogo em 0 a 0. Quando nós saímos houve uma fala de como nosso time correu: “esse time está correndo demais”, “esse time tomou o quê?”. Mozard começou a rir, aí chamou

o camarada e disse: vá perguntar aquele rapaz ali. Comigo. Eu ouvi e disse: olha, trabalho, você não sabe onde a gente faz preparo físico. Naquele tempo não tinha máquina, não tinha nada, eu levava o time para treinar lá no Cristo Rei, nós subíamos aquela ladeira que na época não tinha um calçamento. Bom. Nós temos um jogo em 0x0. Naquele tempo nós fomos almoçar, jantar e, depois da janta, dormimos em Campina Grande para voltar. Um detalhe: eu nunca recebi nada do Atlético. Nunca. Se eu pudesse dar, mas receber eu nunca recebi. O que o Atlético me fazia é que quando tinha um bicho é aquele valor que se dava com uma vitória com uma conquista de um resultado, eles me davam algum dinheiro. Então, salário eu nunca tive. Aí esse jogo eu ganhei sessenta e cinco reais, me lembro como se fosse hoje. Eu tava construindo minha casa, eu comprei o banheiro da minha casa. Com isso que eu ganhei.

Cícero: Como é que o Atlético durante esse período que o senhor esteve presente na direção? Como é que o time conseguia verbas para uniformes, essas coisas? Uniformes, chuteiras, viagens do time para fora, tinha alguma associação, algum torcedor que ajudasse?

Reudesman: Algumas pessoas ajudavam. Em 95, em 1997 nós conseguimos o primeiro patrocinador oficial do Atlético que foi a Solinhares. Qual foi o patrocínio da Solinhares? Não foi dar dinheiro ao time como hoje é. A Solinhares deu todo material de jogo, ou seja, camisas de jogo, camisas de treino, calção, meiões. Então, a Solinhares deu isso, em 1997, foi o primeiro patrocinador oficial. Aí... Daí o Atlético foi conseguindo ajuda.

Cícero: Quem foi que criou essa expressão assim “Trovão Azul do Sertão”? De onde veio essa expressão?

Reudesman: Um jogo realizado em João Pessoa, no estádio Leonardo Vinagre da Silveira, também conhecido como estádio da graça. Então, nós fomos jogar lá contra o Santos de Itereré à noite. Eu estava presente nesse jogo. Meu companheiro! Caiu um dilúvio ninguém via ninguém. O Atlético meteu 3 a 0, eu não sei se foi três gols de garrinchinha, mas garrinchinha foi o artilheiro daquela época. Garrinchinha acabou o jogo. E aí o locutor, Atabastor Chaves, da Rádio Tabajaras disse: “esse time é um trovão”, por causa da chuva que o time deslanchou, então ficou “trovão azul do sertão”. Então, essa alcunha foi dada a nós pelo nosso Atabastor Chaves. Até hoje eu falo com ele, eu brinco é muito com ele: Atabastor e aí olha o trovão. Brinco muito com ele. É como eu também coloquei aqui e às vezes não é tão efusivo isso, mas aqui eu coloquei o estádio Perpetão como o Colosso das Capoeiras. Porque o Perpetão é um Colosso e as Capoeiras é um bairro. É como lá em João Pessoa chama “Colosso do Almeidão”.

Cícero: O que seria esse Colosso?

Reudesman: Colosso é apelido. Colossal. Uma coisa muito bonita, uma coisa bela. Aí eu coloquei o Colosso das Capoeiras.

Cícero: É. A respeito da mancha azul, o senhor lembra quando foi que essa torcida foi organizada? Qual a época da fundação dela, se foi na década de 90?

Reudesman: Não. Não. Na década de 90, na década de 80, nós tínhamos aqui a Farofão. A Farofão foi a primeira torcida. Eu vou contar um pouquinho da história. Bem rapidinho. A história da Farofão foi toda construída aqui na Praça João Pessoa. Eu sou um dos farofeiros da época, então a gente vinha para cá e começava a conversar: eu, Aranha, que jogou no Atlético da década de 1940, Cabo Vicente, Aderbal, Tarcísio Cartaxo e depois vieram outros. Mas a gente ficava conversando e tal. E qualquer coisa a gente dizia: farofa! Vai chegar um jogador

tal, tal, aí a gente dizia: farofa! Farofa! Conversa, não ia chegar nada. Bom. E aí, a gente: vai ser Farofão nossa torcida. De tanto sair essa palavra a nossa torcida passou a se chamar Farofão. Depois veio mais pessoas, Babá da Leia, tal e tal. Então, foi criado a Farofão. Foi gerada a torcida. Nós temos aqui várias camisas da Farofão. Depois veio a “Tou feliz” que foi outra torcida organizada aqui da Felismino Coelho, aqui onde fica a escola Lica Dantas, pessoal que morava na rua criou a Tou Feliz. Graças a Deus, eu consegui essa camisa que está no nosso acervo. Né. Aí depois veio a mancha. Certo.

Cícero: Essas torcidas organizadas, elas ajudavam o Atlético de alguma forma?

Reudesman: Só com amor. Só com amor, carinho, ajudar na venda assim de alguma coisa, de outra coisa. Tal, tal.

Cícero: Então. A equipe ao longo dos anos, na medida que o time foi crescendo, conquistou o coração da sociedade cajazeirense?

Reudesman: O Atlético é um dos times mais queridos, eu não tenho dúvidas, do Nordeste. Eu não tenho dúvidas disso. Eu vou lhe contar um episódio aqui comigo. Eu tinha um programa na rádio à noite. Certo. E o Atlético tava muito mal financeiramente e eu queria trazer um jogador para cá, que tinha sido um dos grandes craques da década de 90, que era Xororó. E eu fiz uma cartinha a todos. Fiz um simbolismo. Quem quiser comprar, um cruzeiro naquela época, no fim do mês eu sorteava uma camisa oficial do Atlético. Eu paguei. Eu trouxe o jogador para cá. E paguei com esse dinheiro, comprei chuteira para ele, comprei tênis de treinamento para ele. E quando ele foi embora todo o dinheiro que tinha lá na conta eu dei pra ele. Mas, professor! Eu disse: esse dinheiro é seu, não é meu. Mas eu paguei os meses todinho, o Atlético não pagou nada. Eu quem paguei com meu programa. O que eu quero dizer com isso: é o amor com relação ao Atlético. O Atlético é muito grande. O Atlético é fenomenal. O Atlético falta organização, falta ter um dono, falta ter um presidente de verdade. Cada final de campeonato é um aborrecimento: quem vai tomar conta do time, quem vai ser o presidente, quem vai organizar o time em 2022. Quer dizer, cria essa lacuna muito grande. Nós não temos como tem o Sousa. O Sousa tem um dono

Cícero: É isso. Essas são as informações que eu queria conseguir com o senhor. O senhor foi muito importante para mim. Eu agradeço ao senhor por ter reservado esse tempo para minha pessoa. E é isso, eu agradeço. O senhor tem alguma coisa para colocar para a gente finalizar.

Reudesman: Não. O que eu quero finalizar é dizer assim: eu fico muito lisonjeado, eu fico muito agradecido como pessoa assim do seu nível vem para cá, para conversar, para falar, por um motivo muito legal. Sabe. Que é de manter a cultura, manter a memória, manter a história viva. Né. Então, eu o quero dizer o seguinte. Eu o quero dizer e a todos que você futuramente vai passar isso, na escrita ou oral mesmo, que nós temos que valorizar essa cultura. A cultura de você guardar a memória, de guardar uma história, então, eu sou esse cara. Né. Então, eu tenho orgulho de dizer assim: eu sou o guardião do futebol de Cajazeiras, o guardião da memória da história do futebol de Cajazeiras. Né. Trabalho muito, muito para isso. Invisto muito nisso, recurso do meu salário, mas nada que me faça dizer um não. Assim. Você será mais um divulgador dessas coisas. A sua história como você contá-la através da sua escrita, da sua fala aí. Então, para mim isso é importante. Eu estou aqui disposto a você, a qualquer pessoa, estudante que queira saber algo mais que por ventura ele não tenha ainda encontrado no nosso livro. Essa é minha função. Então, eu sou essa pessoa. Eu adoro fazer isso. Tou muito

emocionado por você ter me ouvido tanto tempo. Tá. Então, assim. Legal. Tem muita coisa ainda pra gente falar, mas vamos em frente. Parabéns para você. Também para todo o pessoal, seus colegas de turma e que vejam esse nosso olhar para Cajazeiras que é o que a gente pode fazer pela cidade. Eu acho que o cidadão tem que ser assim. Eu não sei se sou exemplo, eu não sei de nada. Mas. Eu sei que faço isso com muito orgulho e com muito carinho.

Cícero: Certo. Meu muito obrigado.

APÊNDICE II

ACERVOS DO MUSEU DO FUTEBOL DE CAJAZEIRAS



Pitaguares Football Club



Tabajaras Sport Club



Atlético Cajazeirense de Desportos



Santos Esporte Clube



Botafogo Futebol Clube



Personagens do Futebol Cajazeirense

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo: **HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO ESPORTE: A CULTURA FUTEBOLÍSTICA NA CIDADE DE CAJAZEIRAS-PB (1920-1990)**, desenvolvida pelo aluno: **CÍCERO DE SALES SILVA** orientado pelo professor: **RODRIGO CEBALLOS** vinculados à **UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE** (Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro Formação de Professores de Cajazeiras-UACS-UFCG-CZ).

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo **ANALISAR OS ASPECTOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA O DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL NA CIDADE DE CAJAZEIRAS ENTRE 1920 A 1990** e se faz necessário por **COMPREENDER COMO OS ESTÁDIOS, A LIGA CAJAZEIRENSE DE DESPORTOS, A FORMAÇÃO DE TIMES E A CONTRIBUIÇÃO DE ALGUNS PERSONAGENS FORAM FUNDAMENTAIS NO DESENVOLVIMENTO DESTA PRÁTICA ESPORTIVA NO REFERIDO MUNICÍPIO.**

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao (s) seguinte (s) procedimentos: **ENTREVISTA ORAL QUE SERÁ GRAVADA BEM COMO A ANÁLISE DOS ARQUIVOS PRIVADO TAIS COMO FOTOGRAFIAS E OS DEMAIS QUE O SR. OU SRA. PERMITA O ACESSO.** Os riscos envolvidos com sua participação são: **ESTANDO CIENTE QUE A SUA PARTICIPAÇÃO IMPLICA NA CONCESSÃO DOS DIREITOS AUTORAIS AO RESPONSÁVEL DA PESQUISA BEM COMO AUTORIZA A PUBLICAÇÃO PARCIAL/TOTAL DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS NESTA PESQUISA, PELO PESQUISADOR OU POR TERCEIROS.** Os benefícios da pesquisa serão: **A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA DO FUTEBOL NA CIDADE DE CAJAZEIRAS - PB.**

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a CÍCERO DE SALES SILVA, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

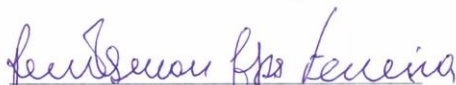
Nome: CÍCERO DE SALES SILVA
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande
Endereço: Rua Tiburtino Cartaxo, N.:19, Bairro: Centro, Cajazeiras – PB.
Telefone: (83) 994082397
Email: Cicerosalescz2015@gmail.com

Dados do CEP

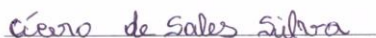
Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFEG, situado a Rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.
Email: cep@cfp.ufeg.edu.br
Tel: (83) 3532-2075

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios que estão relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

CAJAZEIRAS – 02/08/2021


Assinatura ou impressão datiloscópica do

Voluntário ou responsável


Nome e assinatura do responsável
pelo estudo